

## **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com atletas brasileiros do PAN**

**Palácio do Planalto, 03 de agosto de 2007**

Eu quero, primeiro, cumprimentar os nossos atletas, aqueles que ganharam medalhas e aqueles que tentaram, mas não conseguiram ganhar, e que, certamente, ganharão na próxima Olimpíada ou no próximo Pan-Americano,

Quero cumprimentar o Nuzman,

Cumprimentar o Tarso Genro,

O Patrus,

O Orlando Silva,

A Marta Suplicy e a Matilde, que são nossas ministras,

Quero cumprimentar os deputados aqui presentes,

O senador Raupp,

Quero cumprimentar o nosso querido Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

A Clarisse, da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos Henrique, dos Correios,

Quero cumprimentar o nosso querido Luiz Fernando, esse senhor que está aqui, já meio calvo, perto de vocês. Fique em pé, Luiz Fernando. É o homem que o ministro Tarso Genro designou não apenas para cuidar da segurança do PAN, mas para fazer uma experiência de segurança que vai ficar no Rio de Janeiro, ou seja, a partir da experiência bem-sucedida do Rio de Janeiro, nós temos o modelo para ser aplicado em outras regiões metropolitanas brasileiras que têm problemas de violência. E eu penso que o Luiz Fernando montou uma equipe que hoje tem *know-how* para ensinar e para implantar outros estados brasileiros.

Eu queria dizer, Nuzman, que esse PAN foi um desafio para nós. Vocês são muito jovens e sabem que no Brasil existe muito o hábito de dizer que se gasta dinheiro em coisas que não são prioritárias. Então, no Brasil, você vai

fazer um Pan-Americano e as pessoas dizem: “Nossa, você vai gastar 2 bilhões para fazer o PAN, 3 bilhões, poderia fazer casa popular, poderia fazer escolas”. Há sempre um argumento para evitar que você faça o que é melhor para cada momento em que você tem que fazer alguma coisa.

Eu tinha consciência de que nós precisaríamos dar uma demonstração ao mundo de que o Brasil não pode, não deve e não quer mais ser tratado como se fosse um país colonizado, um país que não tem autonomia, um país que não tem ousadia, um país que não tem independência para fazer as suas coisas, porque está sempre preocupado com alguém que vai criticar.

Vocês estão lembrados que, poucos meses antes do PAN, alguém dizia: “Gastou 10 vezes mais do que deveria ter gasto”. Outro dizia: “Mas o Congresso vai querer investigar”. A primeira atitude que nós tomamos foi mandar o Orlando para o Congresso para dar os esclarecimentos que devesse dar. E, agora, aqueles que duvidam ou que duvidaram, podem fazer as investigações, porque as instalações estão lá. O que nós não abrimos mão, e não abriremos em outras coisas que tivermos que financiar no Brasil, é da qualidade. Era preciso mostrar ao mundo que este País vai se transformar, nas próximas décadas, numa potência olímpica. E vai se transformar porque é uma questão de crença, é uma questão de investimento, é uma questão de opção.

Qual é a explicação que nós temos para um país que tem o PIB que tem o Brasil, para um país que tem 190 milhões de habitantes e, em todos os jogos Pan-Americanos e Olimpíadas, ver um país com 11 milhões de habitantes, como Cuba, ser uma potência olímpica, e nós não sermos uma potência olímpica. Obviamente que o governo cubano, em algum momento, fez uma opção de investimento numa coisa sagrada que está ligada ao esporte, que foi a educação, que foi a saúde, que foi a formação da sua juventude e, há muitas décadas, os cubanos colhem aquilo que plantaram. Aqui, no Brasil, vamos ser francos, o Estado brasileiro, a começar pelo governo federal, governos estaduais e prefeituras, nós nunca colocamos o esporte como política pública de Estado. Nunca. A gente fica à mercê dos heróis que surgem do anonimato: é o Ademar Ferreira, na década de 50; é o João do Pulo, na década de 70; é não sei quem, na década de 80. Até que começamos a ter os nossos profissionais do vôlei trabalhando de forma mais organizada e virando o que viraram hoje. Mas, no fundo, no fundo, o Estado brasileiro, durante muito

tempo, não deu a menor importância para o esporte neste País. E vou dizer mais, o Bernardo foi ministro do Esporte, quando se colocava um ministro do Esporte, o que se discutia era futebol.

O que nós temos que pensar? Vejam, um jogador de vôlei que vai para a Seleção Brasileira já tem meio caminho andado para assegurar sua vida profissional. Daqui a pouco já tem um olheiro italiano, um olheiro espanhol, um olheiro francês, um olheiro não sei de onde, ele já pode sair até com um contrato para jogar no exterior. Um jogador de futebol não precisa nem ser muito bom, basta que marque um gol e já tem o Barcelona, o Milan, o Real Madri olhando para levá-lo. E não falta patrocinador.

Agora, quando um menino resolve fazer ginástica, resolve fazer atletismo, quando uma menina resolve fazer ginástica, eu vi umas meninas fazerem na piscina, você não percebe a vontade de alguém patrocinar aquilo, que fica muito no ponto de vista do esforço pessoal. Se a família tem um pouco de dinheiro para garantir que o jovem não precise trabalhar e faça a sua prática esportiva, maravilhoso. Mas, se não tem, ele deixou de ser um atleta, não é, Popó? Se não fosse o esforço pessoal do Popó, como é que ele seria tetracampeão de boxe?

Bem, no caso do esporte, Nuzman, eu disse ao Agnelo, no segundo ano de governo, que era preciso que a gente trabalhasse para transformar a cara do nosso País. Então, vejam que nós estamos nos preparando para uma Olimpíada em Pequim. Em 2016, nós precisamos brigar para trazer a Olimpíada para cá. Nós vamos disputar com gente grande, nós vamos disputar com a cidade de Boston, Chicago, nós vamos disputar não sei se com Madri, vamos disputar com Tóquio. E nós temos um campeonato difícil, porque normalmente eles nos olham como países de Terceiro Mundo e, pelo fato de sermos países de Terceiro Mundo, eles subentendem que nós não temos condições. E, aí, nós vamos disputar com Madri, com Londres, com Tóquio, com Paris, com não sei quem e nós já começamos perdendo de 10 a 0.

O compromisso, Nuzman, que eu quero assumir com o esporte brasileiro é que daqui para a frente a minha agenda internacional é muito grande, eu estou viajando domingo para cinco países da América Central. Em setembro, estarei viajando para cinco países, quatro países nórdicos e, depois, a Espanha. Depois, no ano que vem, tem mais uma série de viagens. Você pode

me ter como caixeiro viajante para convencer os países a apoiarem o Brasil e discutir com eles em pé de igualdade, porque eles começam a discutir com a gente com o nariz empinado, achando que podem mais e que nós podemos menos.

Um outro compromisso que eu quero assumir, Nuzman, é o seguinte: nós temos, aqui, um grupo de atletas, alguns deles já estão garantidos para Pequim, outros vão ter que disputar ainda o seu espaço. É preciso que a gente faça uma lista dos nossos atletas que podem ir a Pequim, uma lista daqueles que não têm patrocínio, porque as pessoas, no Brasil, lamentavelmente, é assim: só tem patrocínio quando dão lucro para a empresa que os patrocina, ou seja, não existe uma vocação de apoiar aquele que não dá lucro, e nem todo esporte dá lucro, em muitos casos é o esforço pessoal do atleta. Para que a gente comece a ir juntando, Nuzman, primeiro as empresas que já foram ditas aqui: Banco do Brasil, que já tem experiência; Correios, que já têm experiência; Caixa Econômica Federal, que já tem experiência; o Sistema Eletrobrás, outras empresas públicas mas, sobretudo, Nuzman, fazer um chamamento aos empresários brasileiros, a todos os empresários, sobretudo os grandes empresários, e convocá-los a serem parceiros no patrocínio dos atletas para dar condições de prepará-los para chegarem em Pequim em condições de ganhar alguma coisa.

A Caixa Econômica já faz e pode fazer mais. Não pode, Clarice? Lógico que pode. O Banco do Brasil já faz, pode fazer um pouco mais. Os Correios já fazem, podem fazer um pouco mais, e todos podem fazer um pouco mais. Porque a gente só se dá conta da importância de vocês quando vocês ganham a medalha de ouro e ouvimos o Hino Nacional. Mas a maioria não ganhou medalha, saiu, nem esperou terminar, foi embora. Mas esse menino que não ganhou medalha, ou essa menina, podem, se tiverem chance de se preparar melhor, ser um outro que vai ganhar medalha no próximo Pan-Americano, no próximo campeonato mundial ou na Olimpíada.

Então nós, Nuzman, queremos assumir o compromisso de que o governo vai fazer. Se vocês tiverem a oportunidade de ver o primeiro gol do Falcão na Medalha de Ouro do Futsal, só aquilo valia um incentivo especial do Banco do Brasil. Vejam o Thiago, eu não consigo dar cinco braçadas numa piscina por causa da minha bursite e esse rapaz ganha seis medalhas de ouro.

Seis medalhas de ouro! Ou seja, ele não deve fazer nada na vida, só nadar, porque não é possível alguém ganhar tantas medalhas de ouro.

Então, eu queria assumir esse compromisso com vocês. Nós lançamos, esses dias, o Plano de Desenvolvimento da Educação, vai ser uma pequena revolução na educação brasileira; nós vamos reforçar o Programa Segundo Tempo, que é uma forma de pegar as crianças pobres que estudam de manhã para fazerem esporte à tarde, e as que estudam à tarde, fazerem esporte de manhã. Nós, até 2010, estaremos com mais 160 escolas técnicas funcionando no Brasil e teremos mais de 40 universidades novas, espalhadas por todo o território nacional. Isso significa oportunidades extraordinárias para que a gente, próximo de cada campus universitário, tenha a possibilidade de permitir a prática esportiva de que tanto as pessoas precisam para se tornarem campeãs e alguma coisa para simbolizar a imagem do nosso País lá fora.

Portanto, eu queria, de coração, agradecer o desempenho. Mas, muito mais que o desempenho, eu acho que tudo o que vocês fizeram não daria certo se não tivesse a boa segurança, se não tivesse os voluntários, se não tivesse os trabalhadores que limpavam aquilo lá, se não tivesse a segurança funcionando. Eu acho que foi um conjunto de coisas que nós conseguimos ultrapassar, Nuzman, que fez a gente chegar onde chegou.

E posso dizer para vocês que tinha gente que não estava gostando do nosso sucesso, não. Tinha brasileiros que achavam: “Ah, nós não ganhamos tanta medalha assim, isso não quer dizer nada”. Ou seja, um certo menosprezo pelas coisas boas que nós fomos capazes de fazer.

O compromisso, então, Nuzman, é de que a gente vai fazer muito mais. Se, no primeiro mandato, nós conseguimos fazer tudo que nós fizemos, nós temos obrigação de fazer muito mais no segundo mandato. Podem ficar tranquilos, que junto com o pessoal do COB – pode ficar tranquilo, Bernardo – nós vamos fazer muito mais. Nós aprendemos com o PAN, aprendemos com as leis que fizemos com o apoio do Congresso Nacional. E nós, agora, temos também *know-how* para imprimir no País um outro ritmo de investimento ao esporte brasileiro. Cada centavo de real que nós colocarmos no esporte, será um centavo de real a menos que a gente vai colocar na segurança pública deste País. Nós temos claro isso e vocês são os exemplos mais importantes.

E, por último, Nuzman, dizer que deveria ter tido uma medalha para o

uniforme, porque, olhe, desta vez, o uniforme brasileiro foi de “matar a pau”, merecia, na verdade, uma medalha de ouro. Vocês pensam que, a gente que está na frente da telinha, vendo vocês... Eu, cada vez que viajo e toca o Hino Nacional, eu não choro para a imprensa não me fotografar chorando, mas fico emocionado. E eu vejo, na cara de vocês, a emoção, cada vez que aquela bandeira começa a subir e começa a tocar o Hino Nacional. Aquilo deve ser a glória máxima de um atleta. Se aqui, no Brasil, é importante, imagine, então, quando é no estrangeiro. Então, nós vamos preparar as nossas emoções para Pequim. Da parte do governo, nós faremos o possível e o impossível para que a gente possa levar mais atletas, atletas em mais condições, e prepará-los para conquistar aquilo de que o Brasil tanto precisa, não apenas de medalhas, mas, sobretudo, de auto-estima.

Parabéns, meus queridos atletas, parabéns à direção, parabéns aos presidentes das federações. Que vocês nos tenham como parceiros nessa luta para as Olimpíadas.

**Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do almoço com líderes parlamentares**

**Cidade do México – México, 06 de agosto de 2007**

É um prazer reunir-me com as lideranças do Poder Legislativo mexicano. Os Parlamentos são, por sua própria natureza, foros plurais, que abrigam diferentes tendências políticas e fomentam o debate democrático.

É no Legislativo que a cidadania toma corpo e se faz ouvir melhor a voz do povo. Esse é, portanto, o espaço fundamental para a troca de idéias entre parlamentares do México e do Brasil, no momento em que nossos países se aproximam e buscam redefinir seu lugar num mundo em transformação.

Muito podemos aprender mutuamente sobre as soluções que estamos buscando para os desafios do desenvolvimento sustentável em meio à globalização desigual. O engajamento de nossos parlamentos é fundamental para o êxito dessa parceria. Por isso, quero sublinhar minha satisfação pela institucionalização, em fevereiro de 2004, do diálogo político em nível parlamentar.

Na primeira reunião do mecanismo parlamentar bilateral, criaram-se comissões encarregadas de analisar os respectivos processos regionais de cooperação econômica, tendo em vista sua contribuição para a integração latino-americana.

A rica experiência de nossos dois países no campo das políticas de inclusão social torna especialmente produtivo o intercâmbio parlamentar sobre os instrumentos de combate à fome e à pobreza.

A recente visita ao Brasil de missão chefiada pelo presidente do Comitê de Energia do Senado, senador Francisco Labastida, foi uma oportunidade para explorarmos as amplas possibilidades de colaboração nos campos estratégicos do petróleo e dos biocombustíveis.

Por meio desse diálogo parlamentar, aumentamos o conhecimento mútuo, desfazemos percepções equivocadas e abrimos novas oportunidades de cooperação.

É isso que nossas sociedades esperam de nossos Parlamentos,

sobretudo quando México e Brasil enfrentam desafios comuns e têm todas as condições para dar um salto qualitativo em suas relações.

Com a certeza de que os senhores e seus pares brasileiros saberão estar à altura do desafio, peço aos presentes que se unam a mim em um brinde pela amizade fraterna entre nossos dois países.



## **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Sessão Solene, por ocasião da cerimônia de entrega das chaves do Distrito Federal**

**Cidade do México-México, 06 de agosto de 2007**

É uma honra para mim receber das mãos do Chefe do Governo do Distrito Federal as chaves desta cidade, bem como a medalha e o diploma que me designam Hóspede Oficial da Cidade do México.

Esta é uma cidade única em nosso continente.

Em suas ruas, bairros, edifícios e monumentos vemos as marcas dos grandes ciclos históricos que formam a identidade deste país.

Aqui está a herança daquele que foi o mais extenso e poderoso império da Mesoamérica pré-colombiana.

Aqui estão os preciosos tesouros do período colonial.

Aqui ainda está presente a grande Revolução Mexicana, movimento social e político que transcende as fronteiras nacionais e ilumina toda a história contemporânea da nossa querida América Latina.

Esses três legados explicam a imensa pujança cultural que encanta os visitantes que conhecem seus museus, palácios e universidades mas, sobretudo, seu povo.

Com raízes históricas profundas, esses legados confluem em um México sintonizado com os tempos modernos.

Sua população orgulhosa e politizada tem tido um papel central na construção de um país moderno e justo.

Como as demais megalópoles do planeta, a Cidade do México concentra e resume os grandes desafios econômicos e sociais que nossos países enfrentam.

Sei que o governo desta cidade está empenhado na busca de soluções criativas e originais para a grande complexidade da vida urbana contemporânea: garantir a qualidade de vida de seus moradores e, ao mesmo tempo, induzir a modernização tecnológica e produtiva que os tempos atuais exigem.

A cidade, como a própria palavra sugere, é o território da política e o espaço da cidadania.

Quero, portanto, registrar meu reconhecimento pelos notáveis resultados que têm alcançado os programas sociais em execução aqui no Distrito Federal, pois eles são um instrumento importante para a construção da cidadania.

Sei que a capital mexicana está na vanguarda das mudanças sociais em curso em todo o país e inspira experiências semelhantes em nosso continente.

Em países altamente urbanizados como os nossos, ações públicas voltadas para reduzir desigualdades sociais são peça central na construção de uma nova política econômica e na consolidação de nossos valores e instituições democráticas.

Receber as chaves da Cidade do México é, assim, mais do que uma homenagem. Permite sentir-me cidadão deste mundo mais solidário e humano que os povos mexicano e brasileiro estão ajudando a construir.

Meu caro Chefe de Governo da Cidade do México,

Eu quero, em agradecimento pelas chaves que acabo de receber, convidá-lo para visitar o Brasil, a convite do presidente da República, para conhecer a importância que o nosso governo tem dado para as cidades brasileiras. Nós criamos o Ministério das Cidades, esse Ministério das Cidades mantém interlocução com quase 6 mil municípios brasileiros, toda a política urbana do governo federal é controlada pelo Ministério das Cidades. E eu gostaria imensamente que você pudesse levar para nós um pouco da sua experiência em administrar essa cidade tão importante e aprender conosco a nossa experiência, o que estamos fazendo nas cidades do nosso País.

Em uma campanha política no Brasil, o meu partido fez uma música que homenageava as cidades. Eu não vou cantar porque sou muito desafinado, mas a música dizia mais ou menos assim: “Minha cidade parece pequena se comparada a um país, mas é na sua, na minha cidade que se começa a ser feliz”.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia oficial de boas-vindas na chegada à Cidade do México**

**Cidade do México - México, 06 de agosto de 2007**

Excelentíssimo presidente dos Estados Unidos Mexicanos, Felipe Calderón,

Excelentíssima Margarita Zavala, sua esposa,

Minha companheira Marisa,

Senhoras e senhores integrantes da comitiva mexicana,

Senhoras e senhores integrantes da comitiva brasileira,

É com grande prazer que retorno a este admirável país, onde sempre sou recebido com hospitalidade e carinho. Volto ao México para consolidar uma aproximação sem precedentes nas relações entre nossos dois países.

Minha satisfação é redobrada pelos inegáveis avanços nas nossas relações nos últimos anos. Eles estão amparados em fatos concretos, na vitalidade de nosso comércio bilateral e no crescimento de nossos investimentos recíprocos. Por isso, atribuo importância ao segmento empresarial desta visita de Estado.

Confio em que os encontros entre empresários brasileiros e mexicanos confirmarão as perspectivas para o aprofundamento das relações econômicas bilaterais. Nossa aproximação se assenta em bases sólidas.

Compartilhamos ideais democráticos e de respeito aos direitos humanos, temos implementado programas voltados para a eliminação da pobreza e das disparidades sociais, e logramos estabilidade macroeconômica e confiança.

Com esse mesmo espírito de cooperação e solidariedade estamos forjando parcerias com nossos vizinhos no continente. Compartilhamos uma vocação latino-americana que se reforça e amplia a partir de iniciativas regionais.

Nossos governos sabem que é preciso consolidar a integração, inclusive como uma ferramenta de nosso próprio desenvolvimento nacional.

Caro amigo Presidente,

Estamos levando nossa parceria para a esfera dos grandes temas da agenda global. No âmbito do G-20, na OMC, lutamos para que o comércio seja uma verdadeira alavanca para o desenvolvimento dos países mais pobres.

Por meio da Coalizão Nova Agenda, estamos empenhados em que a campanha pelo desarmamento e pela não-proliferação nuclear não prejudique o desenvolvimento tecnológico e a soberania energética de nossos países.

Estamos juntos no grupo de países megadiversos, formado pelos doze países com maior biodiversidade do Planeta.

Por isso México e Brasil tem participado desde 2004, das reuniões do G-8 ampliado. Os países desenvolvidos reconhecem que a voz das economias emergentes é imprescindível quando vamos discutir questões estratégicas como a mudança climática, financiamento ao desenvolvimento, segurança energética e o combate à fome.

Por isso, atribuo crescente importância à coordenação bilateral que Vossa Excelência e eu temos mantido à margem de eventos multilaterais em Davos, Berlim e Georgetown.

Essa é mais uma razão para minha alegria em iniciar hoje esta visita de Estado ao México. Um país onde, estou seguro, voltarei a encontrar o mesmo povo confiante nas suas potencialidades e determinado a contribuir para a construção de uma América Latina próspera e pacífica.

Muito obrigado.

**Declaração do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de assinatura de atos e conferência de Imprensa**

**Cidade do México – México, 06 de agosto de 2007**

Minha primeira palavra será de agradecimento ao povo e ao governo mexicanos pela acolhida calorosa dispensada a mim e à minha comitiva.

Esta visita de Estado reflete o momento excepcional de nossas relações bilaterais. Brasil e México compartilham valores: defesa da democracia e dos direitos humanos, promoção do desenvolvimento sustentável com justiça social.

Somos países megadiversos e megaculturais. Em ambos os países, cada vez mais o povo se afirma como protagonista dos grandes processos sociais e políticos. Estamos juntos em causas fundamentais para o futuro de nosso Planeta, como a proteção do meio ambiente, o combate à fome e à pobreza e o desenvolvimento e o fortalecimento do multilateralismo.

México e Brasil são membros do G-20. Buscamos um resultado satisfatório para a Rodada de Doha, que atenda aos legítimos interesses dos países em desenvolvimento, em particular no comércio agrícola.

Na relação com o G-8, o México e o Brasil integram o grupo de cinco países em desenvolvimento empenhados em aprofundar e alargar o diálogo sobre temas da agenda global.

Conversei hoje com o presidente Calderón sobre a importância de fortalecermos essa coordenação em temas como segurança energética, mudança do clima, comércio internacional e o combate à fome no mundo.

O presidente Calderón e eu concordamos que devemos atuar em sintonia ativa e solidária com nossos vizinhos latino-americanos e caribenhos. Para isso contamos com o nosso longo histórico de concertação política em mecanismos regionais, sobretudo o do Grupo do Rio.

Precisamos, também, reforçar iniciativas regionais e sub-regionais na América do Sul, América Central e Caribe. De nossa parte, temos defendido a construção de um espaço economicamente integrado, socialmente solidário e

politicamente democrático na América do Sul.

O México vem desenvolvendo projeto de integração com seus vizinhos na fronteira meridional, com ênfase na construção de uma infra-estrutura física. Em nosso continente, precisamos de estradas, pontes, gasodutos e linhas de transmissão. A verdadeira integração deve fazer circular livremente não apenas mercadorias e serviços, mas também pessoas. No Haiti, onde estamos presentes apoiando a Missão da ONU, podemos ajudar aquele povo a resgatar suas esperanças no desenvolvimento econômico e social auto-sustentado.

Meus amigos e minhas amigas,

Em todos esses temas mantenho excelente interlocução com o presidente Calderón. No âmbito da Comissão Binacional, lançada em março passado, estamos imprimindo essa visão pragmática e integrada.

O comércio está crescendo. Em 2006, nosso intercâmbio alcançou quase 6 bilhões de dólares. O mercado mexicano é o quinto principal destino das exportações brasileiras. E o México é o oitavo maior exportador para o Brasil.

O Brasil mantém expressivo superávit comercial, mas as importações brasileiras do México cresceram 55% em 2006, muito acima do crescimento médio das importações brasileiras no resto do mundo, que foi de 24%. Tendência semelhante está ocorrendo em 2007. Aumentam também os investimentos recíprocos. O capital investido pelo México no Brasil soma 6 bilhões de dólares. Os investimentos brasileiros no México são diversificados e encontram terreno favorável à sua expansão.

O Brasil recebeu, em julho, missão chefiada pelo Secretário da Economia mexicano, que participou de evento empresarial em São Paulo, à frente de 70 empresários mexicanos e de 150 empresários brasileiros. Aguardamos a próxima missão, ainda em 2007, com grande expectativa.

As empresas brasileiras também estão descobrindo o vigoroso mercado mexicano. Veio comigo importante delegação empresarial. Tenho certeza de que o Foro Empresarial, ocorrido há pouco, abrirá novas oportunidades de negócios.

O Presidente Calderón e eu estamos empenhados em impulsionar essa parceria. Para incrementar substancialmente o intercâmbio, precisamos ampliar nossos mecanismos de comércio bilateral. Nossa parceria também deve

explorar as potencialidades nas áreas educacional, cultural e de ciência e tecnologia.

Sugeri ao presidente Calderón redimensionarmos os programas de bolsas de intercâmbio de professores, estudantes e artistas, realizar exposições de arqueologia e de arte, além de mostras de cinema e ações culturais significativas. Em matéria científico-tecnológica, devemos identificar setores de ponta para reforçar nossas vantagens comparativas.

Atribuo grande prioridade ao Memorando de Entendimento que assinamos sobre cooperação energética. Há muitas oportunidades para que a Pemex e a Petrobras trabalhem em conjunto. A participação de fontes renováveis na matriz energética mundial é parte da solução. Os biocombustíveis, em particular, contribuem ainda para responder ao desafio do aquecimento global.

Estou convencido de que as conversações que o presidente Calderón e eu mantivemos foi um passo importante nessa direção. São muitos os avanços e as possibilidades. Agradeço mais uma vez ao presidente Calderón por sua amizade e hospitalidade.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do jantar oferecido pelo Presidente Felipe Calderón**

**Cidade do México-México, 06 de agosto de 2007**

Agradeço, presidente Calderón, em meu nome, no de minha mulher Marisa e no de minha delegação, a generosa acolhida que seu governo e o povo mexicano nos tem dispensado.

Estive no México várias vezes desde que fui eleito presidente do Brasil.

Minha presença hoje neste extraordinário país tem, no entanto, um sentido especial.

Esta visita de Estado dá início a uma nova era de nossas relações. Permite elevá-las à altura das potencialidades de nossos dois países.

Com muita honra, recebi do presidente Calderón a Condecoração da Águia Asteca no Grau de Colar, a mais alta distinção que o México concede a um cidadão estrangeiro.

México e Brasil representam mais da metade do território, da população e da economia da América Latina. Esses fatores nos impõem responsabilidades na região e no mundo.

Temos atuado de forma coordenada para fortalecer o multilateralismo, para reformar o comércio internacional, para promover o desenvolvimento com justiça social. Esses ideais unem nossos povos e orientam nossa atuação diplomática.

O México é um ator determinante na América Latina e Caribe. Saudamos o esforço de seu governo em favor da consolidação dos laços com a região. Queremos o México mais perto de nós.

A parceria que estamos construindo se funda em valores e compromissos comuns:

- o aperfeiçoamento da democracia política.
- a luta contra a fome, a pobreza e a exclusão social, essencial para construir uma economia sustentável e instituições estáveis.
- a integração solidária da América Latina e Caribe.



Nossa cooperação bilateral avançou na medida em que estreitamos um diálogo político de alto nível.

A instalação recente da Comissão Binacional México-Brasil lançou as bases para o aprofundamento dessa parceria. Estamos colhendo resultados nas áreas econômica, social, cultural e acadêmica.

Nosso intercâmbio comercial cresce e hoje se situa em torno de seis bilhões de dólares. Temos condições de expandi-lo muito mais.

Os investimentos mexicanos no Brasil são da ordem de três bilhões de dólares. Trata-se de contribuição positiva que a empresa mexicana dá ao crescimento da economia brasileira.

Os investimentos brasileiros no México, embora menores, têm abrangência e diversificação.

Refletem o potencial de crescimento complementar de nossas economias em setores que vão desde a construção civil a produtos alimentícios, serviços de tecnologia da informação, software e produtos químicos.

Caro presidente Calderón,

Considero da maior importância o evento empresarial realizado hoje pela manhã. O encontro entre nossos homens de negócios ajudará a transformar em realidade as oportunidades que temos em matéria de comércio e de investimentos.

México e Brasil são importantes produtores de petróleo.

Nossa produção garante o consumo doméstico de ambos países. Mas outras possibilidades em matéria de energia se abrem.

Julgo especialmente promissoras as perspectivas de cooperação na área de biocombustíveis.

O etanol e o biodiesel são a ponta-de-lança de uma revolução tecnológica que os países em desenvolvimento têm todas as condições de liderar.

Esperamos contar com o México nesse esforço para encontrar uma resposta a um dos maiores desafios do século XXI: garantir a energia para nosso desenvolvimento, ao mesmo tempo em que preservamos o meio ambiente e a segurança alimentar.

Estamos dispostos a trocar experiências nesse setor, sempre tendo presentes as particularidades nacionais.

Senhor Presidente,

O Brasil quer ter uma relação forte com o México e não medirá esforços para atingir esse objetivo. Esta visita de Estado representa um passo adicional nessa direção.

De minha parte, e em nome do povo brasileiro, entrego ao presidente Calderón a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul, uma homenagem a todo povo mexicano.

Peço a todos os presentes que se unam a mim em um brinde pela saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência, e pela amizade sempre fraterna entre o México e o Brasil.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de encerramento do Encontro Empresarial Brasil-Honduras  
Tegucigalpa – Honduras, 07 de agosto de 2007**

O encerramento deste evento empresarial é o coroamento de dois esforços: aproximar mais Honduras e Brasil e engajar o setor privado nesta cooperação.

Nas conversações de hoje, o presidente Zelaya e eu atestamos – mais uma vez – que nossos governos têm metas comuns. Queremos construir bases sólidas para o desenvolvimento econômico e o bem-estar social de nossas populações.

Concordamos que o fortalecimento das relações entre nossos países e entre nós e a comunidade internacional exige a participação efetiva dos empresários. Sua contribuição é decisiva em diferentes aspectos.

Bilateralmente, o envolvimento da classe empresarial é indispensável para garantir que nossa vontade política se transforme em oportunidades de negócios, aumento do comércio e perspectivas de investimento.

No plano regional, a participação do setor privado sempre se mostrou crucial em todos os projetos de integração, a exemplo do que acontece no Mercosul e no Sica.

No plano multilateral não é diferente. Na negociação das regras do comércio internacional, o governo brasileiro tem-se beneficiado da interação constante com o empresariado nacional e com os sindicatos para a formulação das propostas que apresenta na Rodada de Doha.

Sabemos que o engajamento da iniciativa privada não substitui a responsabilidade intransferível do governo em criar um ambiente propício para os negócios. Mas sabemos também que não teremos êxito em ampliar o intercâmbio bilateral sem o entusiasmo de vocês.

É esse o sentido de realizarmos encontros empresariais – como este – em minhas viagens ao exterior. Se a experiência de visitas prévias pode servir de exemplo, confio que nosso fluxo de comércio e investimentos rapidamente se multiplicará nos próximos meses e anos.

Foi com essa convicção que decidi fazer-me acompanhar, nesta visita a Honduras, por um grupo de homens de negócios do Brasil, representativos dos setores mais promissores para o relacionamento entre nossos países.

Além do etanol e do biodiesel, há boas oportunidades nas áreas de têxteis, turismo, construção civil, transportes, energia elétrica e infra-estrutura portuária.

O encontro de hoje deu continuidade a ações que iniciamos recentemente. No ano passado, San Pedro Sula recebeu a maior missão empresarial brasileira já realizada a este país.

O intercâmbio bilateral, embora ainda modesto, já vem experimentando crescimento marcante. Multiplicou-se por quatro, em apenas cinco anos. Superou, no ano passado, os 140 milhões de dólares.

Precisamos, sobretudo, buscar maior equilíbrio em nossas trocas. Os empresários hondurenhos podem contar com nossa ajuda com este objetivo. Acredito que um Acordo de Livre Comércio entre o Sica e o Mercosul que leve em conta as assimetrias e as diferenças entre os dois agrupamentos, oferece um caminho a seguir.

Hoje também colocamos em vigência um Acordo de cooperação em biocombustíveis, fonte de energia destinada a tornar-se cada vez mais relevante para a prosperidade de nossas populações. A cooperação em etanol e em biodiesel contribuirá para nossa auto-suficiência energética e desenvolvimento tecnológico autônomo, sem prejudicar o meio ambiente e a segurança alimentar.

Ao mesmo tempo, ajudará a criar novos empregos e fontes de renda, especialmente para a população rural. Reitero que o Brasil está plenamente disposto a colaborar com Honduras nesse setor estratégico.

Caro presidente Zelaya,

Agradeço a todos os empresários hondurenhos aqui presentes e ao ministro da Indústria e Comércio, Jorge Alberto Rosa, e sua equipe, pela inestimável contribuição que prestaram para a organização deste evento.

Caminhar para uma integração mutuamente benéfica é o desejo dos governos hondurenho e brasileiro. Conto com vocês, amigos empresários, para ajudar a tornar realidade esse projeto de união de nossos povos. Um projeto com mais justiça e oportunidades para todos.

Muito obrigado.

## **Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na chegada ao aeroporto de Nicarágua**

**Manágua-Nicarágua, 07 de agosto de 2007**

Querido companheiro Daniel Ortega,

Meus queridos embaixadores e embaixadoras acreditadas junto ao governo da Nicarágua,

Ministros de Estado da Nicarágua e ministros de Estado do Brasil,

Companheiros da imprensa brasileira e da imprensa nicaragüense,

É uma emoção diferente regressar à Nicarágua como presidente da República do Brasil. Aqui estive em 19 de julho de 1980, participando do primeiro aniversário da Revolução Sandinista. Aqui conheci Fidel Castro, pela primeira vez, não tive oportunidade de conhecer Arafat porque ele não pôde vir.

Vivi todo o trabalho que o presidente Daniel Ortega fez naquele momento para consolidar a Nicarágua enquanto um país soberano. Vivi depois, quando Daniel Ortega já não era mais presidente da Nicarágua, mas a nossa relação nunca diminuiu e nunca terminou. Desde 1980, nos encontramos dezenas de vezes. Juntos, Daniel fora do governo e eu fora do governo, nos encontramos com Mandela, com Arafat e com Kadafi, juntos nos encontramos com tantos outros líderes da América Latina e do mundo.

Regresso aqui para fazer uma visita de Estado a um companheiro que regressa à Presidência da Nicarágua. E visito a Nicarágua com a disposição de afirmar ao presidente Daniel Ortega que o Brasil está disposto a concluir tantos acordos quantos forem necessários para que possamos contribuir com o desenvolvimento, o crescimento econômico e a justiça social aqui na Nicarágua.

Portanto, estou muito feliz, não apenas porque regresso à Nicarágua, mas porque o companheiro Daniel Ortega regressou à Presidência da Nicarágua. E eu espero que ele tenha toda a sorte do mundo para fazer tudo aquilo que o povo da Nicarágua espera e precisa. Portanto, meus parabéns, companheiro Daniel Ortega.



**Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio de Governo de Honduras**

**Tegucigalpa - Honduras, 07 de agosto de 2007**

Senhores ministros de Estado de Honduras e do Brasil,  
Senhores embaixadores de Honduras e do Brasil e também senhores embaixadores convidados para esta solenidade,  
Senhoras e senhores integrantes das comitivas hondurenha e brasileira,  
Senhoras e senhores,  
Amigos e amigas,

É uma honra para mim ser o primeiro presidente brasileiro a visitar Honduras. Aceitei o amável convite de Vossa Excelência por estar convencido de que temos a oportunidade histórica de completar a obra daqueles que, há um século, deram os primeiros passos para aproximar nossos países.

Do lado brasileiro, foi o próprio patrono da nossa diplomacia, o Barão do Rio Branco, quem propôs o estabelecimento de relações formais entre Honduras e Brasil. Cem anos de amizade e de consolidação dos laços entre nossos povos. Grande número de hondurenhos estudou em universidades brasileiras, ajudando a transformar uma frutífera cooperação acadêmica e profissional em fator de aproximação de nossos povos.

Mas queremos, hoje, dar um salto qualitativo nesse relacionamento, compatível com nossas aspirações ao desenvolvimento e com as exigências de um mundo em profunda transformação.

Por isso, estamos empenhados em desenvolver iniciativas ambiciosas, concluir novos acordos e aprofundar a cooperação bilateral. Temos a nosso favor uma ampla convergência de valores em torno dos ideais democráticos e de nosso firme compromisso com a justiça social. E também uma identidade de pontos de vista, como atestamos em nossas conversações, sobre temas cruciais da agenda internacional.

Estamos unidos na defesa do multilateralismo e do direito como fundamentos das relações entre os Estados. Coincidimos no apoio à reforma



das Nações Unidas e, em particular, na necessidade urgente de ampliar seu Conselho de Segurança, para torná-lo mais legítimo e representativo da realidade contemporânea. Concordamos que a Rodada de Doha para o Desenvolvimento deve fazer jus a seu nome e atender às legítimas aspirações dos países mais pobres.

Partilhamos a mesma determinação em aproximar o Sistema de Integração Centro-Americano e o Mercosul. Devemos ter como objetivo o horizonte próximo, o lançamento de negociações para um Tratado de Livre Comércio SICA-Mercosul. O mesmo compromisso com a cooperação solidária em prol do progresso de nossa região determinou o empenho do Brasil em ajudar a equacionar a dívida de Honduras junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento. Essa decisão, que também beneficiou outras quatro nações de nosso continente, foi mais do que um gesto de solidariedade. Foi um crédito de confiança na capacidade do povo hondurenho de encontrar, soberanamente, o caminho do crescimento sustentável.

Quero fazer, neste ponto, um tributo à inspiração ética e moral e à liderança de um grande cidadão hondurenho, o cardeal Oscar Andrés Rodríguez. Colhemos, hoje, os frutos de seus esforços pioneiros para impedir que, a pretexto de cobrar dívidas, a comunidade internacional inviabilize a recuperação econômica dos países mais pobres.

Meus amigos e minhas amigas,

O relançamento das relações entre Honduras e Brasil já conta com sólidas fundações. São vários os campos nos quais temos conseguido traduzir em resultados efetivos nossas aspirações de estreitar essa parceria. Vou dar aqui três exemplos: o primeiro diz respeito ao incentivo à cooperação em biocombustíveis. Sempre assegurei ao presidente Zelaya – e reafirmo agora – que o Brasil está totalmente disposto a cooperar com Honduras, seja no setor do etanol seja no biodiesel. Já adotamos várias ações concretas: ajudamos a organizar uma missão hondurenha ao Brasil; trouxemos aqui um especialista brasileiro e asseguramos a participação de seu país em encontros que promovemos sobre o potencial energético das biomassas; assinamos um instrumento de cooperação bilateral que hoje está sendo posto em vigor; estimulamos também os entendimentos entre empresas do ramo. Não por acaso, estou sendo acompanhado nesta visita por representantes do setor.

O segundo exemplo tem a ver, justamente, com a cooperação empresarial. Em junho do ano passado, o Brasil enviou a Honduras a maior missão de negócios na história das relações bilaterais. Essa delegação se reuniu com autoridades e empresários hondurenhos, em San Pedro Sula, para discutir como ampliar o comércio e os investimentos recíprocos. Esse diálogo está sendo retomado em conversações, neste mesmo momento, entre um expressivo grupo de empresários brasileiros e empreendedores locais.

Confio na capacidade da iniciativa privada em criar novas possibilidades de negócios entre os dois países. É o que estamos vendo com a multiplicação por quatro do intercâmbio comercial Brasil-Honduras nos últimos cinco anos: em 2006, atingiu 140 milhões de dólares.

Mas nossas trocas ainda são muito desequilibradas em favor do Brasil. Um Acordo de Livre Comércio entre o Sica e o Mercosul, que respeite as assimetrias entre as economias dos países, poderá ajudar a abrir novos mercados para as exportações de Honduras.

O terceiro exemplo é o relançamento do Programa de Cooperação Técnica Bilateral. Hoje, assinamos acordos para a execução de projetos de colaboração em áreas prioritárias como saúde, recursos hídricos e agricultura. Ainda no ano passado, atendemos integralmente ao pedido hondurenho de doação de medicamentos para o tratamento de pessoas que vivem com Aids.

É com grande satisfação que estamos contribuindo para os esforços da primeira-dama Xiomara Castro de Zelaya para mobilizar recursos no combate à pandemia. A experiência exitosa do Brasil mostra que é possível assegurar a todos o direito de viver com dignidade e esperança.

Caro presidente Zelaya,

Desde já aguardamos uma visita de Vossa Excelência ao Brasil para consolidarmos, definitivamente, o novo nível que conseguimos imprimir às relações entre nossos dois países. Espero vê-lo brevemente em Brasília para dar continuidade ao nosso diálogo e acompanhar a implementação das medidas que acordamos aqui.

Posso lhe assegurar que será recebido com a mesma hospitalidade e generosidade que marcaram minha estada aqui em Tegucigalpa. No Brasil, o prezado amigo encontrará um país igualmente determinado a realizar o pleno potencial da amizade que sempre uniu hondurenhos e brasileiros.

Meu amigo presidente Zelaya,

Eu queria dizer mais algumas palavras e levar o tradutor a um sacrifício maior, porque ele não tem texto para ler. Mas é importante dizer ao povo de Honduras, aos brasileiros que estão aqui e, sobretudo, à imprensa brasileira e à imprensa hondurenha, o significado desse nosso gesto.

Desde que tomei posse, em janeiro de 2003, tomei uma decisão de que o Brasil não poderia continuar de costas para os países da América do Sul e para os países da América Central e América Latina. Da mesma forma, tomamos a decisão de que não era possível olharmos para o continente europeu sem querermos enxergar o continente africano. Da mesma forma, não poderíamos enxergar no Oriente Médio apenas o conflito. E também decidimos que a China não poderia ser parceira estratégica e preferencial apenas dos Estados Unidos da América do Norte. E resolvemos estabelecer parcerias estratégicas.

E veja bem, Presidente, o Brasil tem uma relação privilegiada com os Estados Unidos, histórica, é um grande parceiro comercial, eu diria uma parceria estratégica no mundo. Pois bem, o Brasil também tem uma extraordinária relação com os vários países europeus. Alguns têm, no Brasil, a sua segunda pátria para investimentos. Entretanto, tomamos uma decisão política, econômica, e uma posição de soberania. Ou seja, um país que quer ser soberano não pode ficar dependendo apenas de um ou de dois parceiros. É preciso que tenhamos uma relação bastante plural.

Ontem estive no México e tivemos uma longa conversa com o presidente Calderón. Acordamos que não é possível o Brasil não enxergar o México, não é possível o México não enxergar o Brasil, e não é possível o Brasil olhar para o México sem ver toda a América Central e o Caribe, e que não é possível o México olhar para o Brasil sem ver toda a América do Sul, a América Central e o Caribe.

E eu dizia ao presidente Calderón: olhemos o mapa da América Latina e vamos perceber que por mais estreito que seja o nosso mapa nesta região e na região do Panamá, Deus, na sua onipotência, ligou os continentes, foram os homens que dividiram o continente. E portanto, agora, os homens que governam o mundo, no século XXI, precisam pensar diferente dos homens que governaram no século XIX e no século XX. Afinal de contas, não temos mais a

política de colonização do século XIX, não temos mais as guerras frias do século XX. E, a duras penas, com sacrifícios, com vítimas, nós conquistamos a liberdade. É preciso agora transformar essas palavras mágicas chamadas “liberdade e democracia” em mais comida na barriga do povo pobre do nosso continente, em mais educação para a gente pobre, em mais empregos, em mais salários e, sobretudo, em mais expectativa de vida e de esperança para o nosso povo.

Foram essas convicções que me trouxeram a Honduras, que me levarão à Nicarágua, que me levarão à Jamaica e ao Panamá. E essas mesmas convicções me farão visitar, nos próximos meses, outros países e, sem nenhum preconceito contra os países ricos, porque gosto de todos eles e quero manter boas relações, nós precisamos aprender, de uma vez por todas, a descobrir, entre nós, as oportunidades que poderemos nos oferecer mutuamente.

A minha passagem por Honduras certamente, por si só, não vai resolver todos os problemas nem de Honduras e nem do Brasil. Eu diria, presidente Zelaya, que é como se Vossa Excelência e eu estivéssemos andando de avião e descobríssemos um poço de petróleo ou um garimpo. Ou seja, nós, agora, temos que dizer para o nosso povo, para os nossos intelectuais, para os nossos políticos, para os nossos empresários, que eu não sei se é petróleo ou ouro o que nós encontramos em nossas relações, mas eles, agora, precisam garimpar para transformar essa riqueza potencial das nossas relações em algo concreto que possa permitir que o mais humilde dos brasileiros e o mais humilde dos hondurenhos acredite que vale a pena nós não virarmos as costas uns para os outros e fazermos da nossa relação quase que uma profissão de fé para atender aos interesses soberanos de Honduras e do Brasil.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Nicarágua**

**Manágua - Nicarágua, 08 de agosto de 2007**

Em primeiro lugar, quero cumprimentar meu amigo Daniel Ortega, presidente da Nicarágua, e sua companheira Rosario,

Cumprimentar os ministros de Estado da Nicarágua que estão aqui,

Cumprimentar o vice-presidente da Nicarágua,

Os empresários brasileiros,

Os empresários da Nicarágua,

E dizer a vocês que estamos vivendo um momento importante na nossa querida América Latina, no Brasil e na América do Sul. E é importante dizer para vocês por que estamos fazendo esse giro pela América Latina.

Sabem os empresários brasileiros que, desde a minha posse em janeiro de 2003, nós resolvemos fazer uma mudança no perfil da geografia comercial do mundo. O Brasil, durante muitas décadas, teve uma relação comercial muito privilegiada com os Estados Unidos e com a União Européia e, um pouco, o Brasil ficava de costas para a América do Sul, para América Latina e para a África. Nós passamos a compreender que era importante que um país do tamanho do Brasil diversificasse as suas relações políticas, econômicas, culturais e comerciais para que não ficássemos dependendo de uma ou de duas economias. É importante lembrar que fomos muito criticados por isso. Hoje, possivelmente, já não tenhamos mais as críticas do começo, porque os resultados já apareceram. Hoje, os maiores parceiros comerciais do Brasil são os países que compõem a América Latina, depois vem a Europa, depois vêm os Estados Unidos. Nós não tínhamos quase comércio com a África, era muito pequeno, hoje temos 15 bilhões de balança comercial com a África. Tínhamos pouca coisa com o Oriente Médio.

E é importante lembrar aqui um fato histórico. A última autoridade brasileira a visitar o Oriente Médio foi o imperador Dom Pedro II, em 1847, que tinha feito uma viagem ao Líbano. Pois bem, o resultado concreto é que nós

conquistamos um grande avanço nessa nossa política internacional, sem diminuir a nossa relação com os Estados Unidos, que tem crescido a 20% ao ano; sem diminuir a nossa relação com a Europa, que tem crescido no mesmo número que os Estado Unidos. Mas conquistamos o sucesso de ver a nossa relação comercial crescendo de forma extraordinária em uma parte do mundo com a qual tínhamos pouquíssimas relações. Recuperamos o Mercosul, estamos criando uma unidade na América do Sul e achamos que essa unidade precisa se estender com mais força para América Latina, não apenas para discutir a questão comercial, empresarial ou econômica, mas também para discutir a questão da solidariedade.

Eu, segunda-feira, estive com o presidente Calderón, e já faz uns quatro anos que estamos tentando convencer o governo mexicano a olhar um pouco para a América Latina, a olhar um pouco para a América do Sul, sem deixar de olhar para os Estados Unidos e o Canadá. Olha um pouquinho para lá, um pouquinho para cá. E nós vamos perceber que se o Brasil olhar para a América Latina, se o México olhar para a América do Sul, como são as duas maiores economias do Continente, o Brasil não pode olhar o México sem ver a América Latina e sem ver a América Central. O México não pode olhar o Brasil sem ver, também, o Caribe, a América Central e a América do Sul. Se essas duas economias, mais Argentina, Venezuela, Colômbia, Peru, que são as principais economias do Continente, resolverem estabelecer um processo de integração e de infra-estrutura comercial, nós corremos o gostoso risco de conquistar mais independência econômica, de não depender mais de um único país e fazer crescer as economias dos países que governamos.

Queria pedir permissão ao presidente Daniel Ortega para dizer uma coisa. Ontem, quando desci no aeroporto, Daniel vinha me explicando o problema energético da Nicarágua. Nós, agora, não temos que procurar quem é o culpado, quem não fez, porque agora ele é o presidente e ele tem que fazer. O dado concreto é que um país como a Nicarágua, que precisa crescer, se desenvolver, gerar empregos, fazer distribuição de renda para o povo trabalhador, não pode continuar com um apagão de sete horas por dia. Ao mesmo tempo, Daniel me explicava que está havendo muita solidariedade de vários países, com a ajuda de termelétricas a diesel, para suprir a deficiência energética.

Bem, qual é a conclusão a que chegamos? O que é mais ou menos de emergência está resolvido ou pelo menos está-se resolvendo. É mais caro, mais poluente mas, de qualquer forma, já está sendo feito. O que é preciso pensar agora é em como resolver o problema estruturante para os próximos cinco, seis anos, e quando se trata de hidrelétrica, a gente não pensa e começa a fazer hoje. Nós pensamos hoje para colher daqui a quatro ou cinco anos e precisamos pensar sempre cinco anos à frente para que a gente possa visualizar um crescimento econômico sustentável e duradouro.

Eu disse ao companheiro Daniel que o governo brasileiro, eu pessoalmente e meus ministros assumimos o compromisso de conversar com os ministros da Nicarágua responsáveis pela questão energética, e aquilo que estiver ao alcance do Brasil, nós não mediremos esforços para cuidar do financiamento. Temos empresas altamente preparadas, com conhecimento tecnológico secular na construção de hidrelétricas, e estaremos dispostos a ser parceiros para que a Nicarágua resolva, definitivamente, o seu problema de energia. Até porque não existe nenhuma possibilidade nem do Brasil, nem da Nicarágua, nem dos Estados Unidos, nem da Alemanha prometerem crescimento econômico se não tiverem energia para oferecer à sociedade e às empresas. Qualquer empresário, em qualquer lugar do mundo, que quiser construir uma empresa, vai perguntar, como primeira coisa: tem energia, tem mão-de-obra qualificada, tem mercado? Se não tiver, tudo será mais difícil.

Então, Daniel, quero te dizer que tenha a nós como parceiro para enfrentar essa realidade que a Nicarágua vive hoje. O único conselho que eu posso dar é que, quando a gente governa, a gente não tem tempo de ficar procurando quem é que não fez, até porque o povo já sabe. Nós temos que garantir que vamos fazer aquilo que os outros não fizeram. Porque a Nicarágua precisa ter oportunidades para se transformar numa economia sustentável, com crescimento razoável para gerar oportunidades de empregos para estes milhões de jovens que precisam trabalhar.

Também discutimos outros problemas. E aqui estou vendo empresários brasileiros de empresas de ônibus. Teve problema de ônibus na Nicarágua e nós precisamos discutir como ajudar. As empresas brasileiras, façam um bom preço, o governo facilita o financiamento, e a Nicarágua terá os ônibus necessários para transportar a sua gente. Também é verdade que temos

outros assuntos para discutir. Combinei com o presidente Daniel Ortega que receberemos quantas delegações de ministros ele quiser mandar ao Brasil, e virão para a Nicarágua quantas delegações de ministros, especialistas, que a Nicarágua quiser, para que a gente possa estudar os projetos.

Discutimos os biocombustíveis, e acho importante deixar uma coisa clara para os empresários da Nicarágua e para os empresários do Brasil: o Brasil, definitivamente, entrou na era dos biocombustíveis. E o mundo, se quiser cumprir o Protocolo de Quioto, terá que entrar na era dos biocombustíveis. Obviamente que cada país tem que levar em conta a sua realidade, o seu território, para decidir a política que vai fazer. No caso do Brasil, nós já definimos, ou seja, nós poderemos ser dependentes apenas de uma matriz energética, nós iremos tentar colocar em prática aquilo que estiver ao nosso alcance, para que a gente possa criar mais alternativas para ter mais independência e para ter mais soberania. E achamos que os biocombustíveis podem ser a solução para muitos países que não tiveram oportunidade de crescimento no século XX poderem crescer no século XXI.

Estamos dispostos a fazer as mudanças tecnológicas que forem necessárias na área da medicina, na área da saúde, para que a gente possa garantir à Nicarágua, e a outros países da América Central e do Caribe, as oportunidades com que tanto o povo sonha, e tantos discursos o Daniel Ortega fez nesses 20 anos, prometendo ajudar o povo a se desenvolver.

Eu acho que a América Latina mudou, a América do Sul mudou, já não predomina mais o discurso das privatizações, já não se prega mais o discurso da negação do Estado, até porque todo mundo que tem bom-senso sabe que o Estado é insubstituível para fomentar e ser o indutor para que as boas coisas aconteçam no país.

Eu quero terminar dizendo, Daniel, que o papel de um presidente da República, como tu e como eu, não é de ser empresário, é de determinar o que vai acontecer todo santo dia. Nós somos como garimpeiros, ou seja, se nós descobrimos que tem minério de boa qualidade nesse imenso território, o nosso papel é criar as condições legais, políticas, para que os nossos empresários façam a garimpagem, façam os acordos, e comecem a trabalhar, porque Nicarágua e Brasil dependem da ousadia de vocês.

Muito obrigado.







**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com o Presidente da Nicarágua, Daniel Ortega**

**Manágua - Nicarágua, 08 de agosto de 2007**

Eu quero, primeiro, cumprimentar o meu companheiro Daniel Ortega e é importante que todos saibam da nossa relação histórica de amizade, não porque ele é presidente e porque eu sou presidente. Nós éramos companheiros quando perdíamos as eleições, portanto, temos uma relação de amizade há mais de 26 anos. A Frente Sandinista e o PT têm uma relação histórica nos bons e nos maus combates, nas vitórias e nas derrotas. Quis Deus que pudéssemos, agora, estar juntos, ele na Presidência da Nicarágua e eu na Presidência do Brasil.

Quero cumprimentar a minha querida companheira Rosario,

Quero cumprimentar os companheiros da minha delegação. Aqui tem gente do Ministério do Desenvolvimento de Combate à Fome, Ministério da Pesca, Desenvolvimento Agrário, tem vários empresários brasileiros que não estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras da comitiva nicaragüense,

Quero cumprimentar a imprensa brasileira e a imprensa da Nicarágua. E logo, logo iremos pedir para vocês deixarem a gente fazer a reunião.

Bem, não é a primeira vez que eu chego em um país e há clima de divergência política no ar. Eu nunca me incomodei, porque se tiver divergências, elas têm que ser explicitadas, e se não tiver, também tem que ficar explícito.

A questão energética é o problema grave do século XXI. Por todos os países em que eu tenho andado, sejam países europeus, sejam os Estados



Unidos, seja a África, a América Latina, a Ásia, nós temos problemas de energia. Então, não tem como os líderes políticos e chefes de Estado discutirem esse assunto não levando em conta as especificidades e o potencial energético de cada país. Tem países que já esgotaram todo o seu potencial hídrico e agora têm, como única saída, a energia nuclear, e não é qualquer país que pode construir uma usina nuclear por conta do seu custo. Tem outros países que têm gás de sobra e podem fazer termelétrica a gás, tem outros que têm carvão e produzem a energia de termelétrica de carvão, tem outros países que têm potencial hídrico, como no caso da Nicarágua, como no caso do Brasil, ainda não totalmente explorados. O Brasil tem até agora menos de 30% do seu potencial hídrico explorado. Temos ainda a possibilidade de 264 mil megawatts de energia hídrica. E teremos problemas, porque aprovamos leis de defesa do meio ambiente e precisamos cumpri-las, também porque a sociedade está cada vez mais exigente. Tem países que têm muito petróleo e podem produzir energia a óleo combustível, a óleo diesel, isso depende do potencial econômico de cada país. Se o mundo caminhar para combinar a produção energética na área de energia elétrica e na área de combustíveis para diminuir o aquecimento do Planeta, o biocombustível será inexorável. E, obviamente, também vai depender da realidade de cada país.

Produzir etanol de milho na Nicarágua é como produzir etanol de feijão no Brasil, ou seja, é impossível. Agora, é preciso que procuremos outras plantas. No caso do etanol, o Brasil tem 30 anos de tecnologia consagrada e hoje a maioria dos carros produzidos no Brasil é *flex-fuel*, pode-se colocar 100% de gasolina, pode-se colocar 100% de etanol e pode-se colocar 50%. É a gosto do cliente. E o etanol só é vantajoso quando o custo dele for até 60% do litro de gasolina. Acima de 60% o etanol deixa de ser vantajoso. Mas também no Brasil, há muito tempo, nós já utilizamos 25% de mistura de etanol na gasolina. Qualquer gasolina comprada no Brasil, seja no carro do presidente da



Nicarágua ou no carro do presidente do Brasil, a gasolina tem 25% de etanol. E hoje pode chegar a 100%.

Estamos desenvolvendo o biodiesel, com duas características. Primeiro, uma nova matriz energética na área de combustíveis. Segundo, um combustível que polui muito menos do que o óleo diesel. E terceiro, gera muitos empregos. Eu vou te dar um dado aqui: numa usina de biodiesel com mamona, para cada trabalhador da usina precisa-se de mil trabalhadores no campo. E o Programa de Biodiesel que nós fizemos no Brasil tem uma lei especial que dá incentivo ao empresário que contratar a produção da agricultura familiar, para combinar uma nova energia com geração de empregos.

No Brasil, nós temos muitas oportunidades, nós temos a mamona, temos o pinhão manso, temos o girassol, temos a palma, temos a soja e temos outras oleaginosas. Pois bem, nós estamos num programa muito inicial, a partir de janeiro, todo o óleo diesel do Brasil já terá 2% de biodiesel misturado. Obviamente que o Brasil não tem nenhum interesse em achar que todos os países precisam adotar o nosso modelo. Cada país segue o seu modelo, em função do seu território, em função da aptidão da terra e das necessidades de segurança alimentar.

Quando pensei no biodiesel, pensei em duas coisas: primeiro, a chance dos países pobres poderem produzir, utilizar e exportar para os países ricos o excedente. Segundo, eu pensei na África, porque não é possível que o continente africano continue, no século XXI, sendo o mesmo continente pobre do século XX. E depois, uma coisa importante: nem todo país tem petróleo. Apenas 20 países sustentam a matriz energética de combustíveis derivados do petróleo.

Com os biocombustíveis, nós poderemos chegar a 120 países fornecedores para os países ricos. Ademais, a minha experiência no Brasil, hoje nós estamos tirando petróleo de uma profundidade de quase 5 mil metros,



ou seja, 2 mil metros de lâmina d'água e 3 mil metros no fundo do mar. Uma plataforma, para tirar 180 mil barris de petróleo por dia, está próxima de um custo de 2 bilhões de dólares. Bem, nem todos os países têm tecnologia, nem todos têm petróleo e nem todos têm dinheiro para isso. E, para construir uma plataforma que custa 2 bilhões de dólares, a gente gera, mais ou menos, 7 mil empregos.

Agora, vejam, se nem todos os países têm tecnologia e nem todos os países têm petróleo, todos os países do mundo, por mais pobres que sejam, todos os analfabetos do mundo sabem cavar um buraco de 30 centímetros e colocar uma planta que vai produzir o óleo que ele precisa. É com esta lógica que nós estamos divulgando a política de biocombustíveis no Brasil. Ademais, um dado importante, Daniel. No Brasil, nós temos 850 milhões de hectares. Desses, 360 milhões são da Amazônia, que não queremos mexer. Temos 440 milhões de hectares cultiváveis. Desses, apenas em 1% se planta cana. Portanto, se precisarmos plantar mais cana, tem muita terra. A soja ocupa o equivalente a 4% e o gado ocupa, para pastagem, 29%.

Portanto, é importante ter claro que essa discussão de biocombustíveis é em função da realidade de cada país. Eu não quero que a Suíça plante biocombustível, eu quero que ela compre do Brasil, e quero que compre da Nicarágua, se a Nicarágua quiser produzir, levando em conta duas coisas: a preservação ambiental e a segurança alimentar. Em Bruxelas, eu ia participar de um seminário e disse que os portugueses foram tão inteligentes que introduziram a cana-de-açúcar no Brasil, há 400 anos, e nunca foram à Amazônia, porque sabiam que o solo da Amazônia não servia para plantar cana-de-açúcar.

Eu estou dizendo isso, Daniel, para ficar muito tranquilo de que a política de biocombustíveis está subordinada à realidade de cada país, às condições de cada país, ao tamanho do território de cada país, à necessidade alimentar de cada país e, portanto, cada país é soberano para tomar as suas decisões.



Eu vou te dar um dado importante, Daniel. O megawatt/hora de energia hídrica custa 58 dólares; o megawatt/hora da energia, a carvão, da termelétrica custa 66 dólares; a energia nuclear custa 75 dólares; o gás natural custa 87 dólares; a energia eólica custa 153 dólares; o óleo combustível custa 191 dólares; o óleo diesel custa 300 dólares; e a energia solar, que seria o ideal para todo mundo, custa 900 dólares o megawatt/hora.

Portanto, temos que levar em conta também a realidade de cada país, para que a gente defina o tipo de energia que vamos produzir. No caso da Nicarágua, pelo que o Daniel me contou ontem à noite, nós temos dois momentos. Um momento que é emergencial: a Nicarágua não pode continuar tendo sete horas de apagão por dia. Então, a gente não tem que escolher o tipo de energia. Emergencialmente, é aquela que chegar primeiro. E, a médio prazo, utilizar o potencial hídrico da Nicarágua, e aí é a afirmação que eu quero fazer, de que o governo brasileiro está disposto a discutir com a Nicarágua financiamento e participação de empresas para construir as hidrelétricas que precisam ser construídas na Nicarágua. É importante lembrar que isso é a médio prazo. Uma hidrelétrica, se for pequena, leva dois anos para se construir, se for micro, leva-se um ano e meio, mas se for uma hidrelétrica de 200 megawatts, vai levar três anos para ser construída.

Então, eu só quero dizer ao governo da Nicarágua que estamos dispostos a fazer tudo o que for possível para essa mudança estruturante na produção energética da Nicarágua. Não posso te oferecer gás, porque não tenho, eu compro do Evo Morales. Embora o Brasil seja auto-suficiente em petróleo, nós consumimos tudo que produzimos, não temos como exportar. Temos pouco carvão, portanto, nós temos uma matriz energética específica e o biodiesel faz parte dela, levando em conta a energia do carvão e a energia do diesel, que é muito poluente e não é recomendável utilizá-la. Agora, quando se trata de emergência, o ar aceita um pouco de gás carbônico.

Bem, dito isso, Daniel, eu queria dizer para você que a alegria de estar



aqui na Nicarágua é muito grande. Eu vivi muito de perto a década de 80. Não foram poucas as vezes em que, lá do Brasil, a gente acompanhava o sofrimento daquele grupo de jovens que tinham feito uma revolução e estavam encontrando todo tipo de adversidade para governar este país. Tinha muitos amigos, internos e externos, e também tinha muitos inimigos. A pressão foi tanta que, em 1990, os adversários ganharam as eleições. Você teve a paciência de esperar 16 anos, como eu, que perdi várias eleições. Agora, ganhastes outra vez. E, ao invés de encontrar uma Nicarágua com todos os problemas resolvidos, como diziam os teus adversários, encontrastes uma Nicarágua certamente com os mesmos problemas que deixastes há 16 anos, e com um problema grave nessa questão energética.

Eu penso, Daniel, que Deus escreve certo por linhas tortas. E, agora, você tem um mandato de cinco anos. E você sabe que cinco anos passam muito rápido. Cinco anos são muito longos para a oposição, mas para quem está no governo passa muito rápido. Então, com a experiência acumulada que você adquiriu há 16 anos, você pode fazer em cinco anos o que não foi possível fazer em 10, da primeira vez.

Eu estou vendo os companheiros da frente sandinista, já não são mais tão jovens como eram em 1980, já estão mais calejados, mais experientes. As alianças políticas aconteceram num processo natural, você tem mais amigos no governo, hoje você tem o Kirchner, você tem o Tabaré, você tem o Nicanor, você tem o Rafael, você tem o Evo Morales, você tem o Chávez, você tem o Lula, você tem tantos outros por aí.

Eu acho que o México vai ter uma política mais próxima para a América Latina. O fato de não ter guerras, os países vizinhos da Nicarágua, todos estão em paz, e eu penso que a possibilidade de haver o desenvolvimento nesta região do mundo, é um dos melhores momentos históricos. Eu dizia ao presidente Calderón que, se ele olhar para o Brasil enxergando a América Central, e nós olharmos o México olhando a América Central, os dois países, o



Mercosul e a América do Sul podem contribuir muito mais do que em qualquer outro momento histórico de contribuições com a América Central.

Estou dizendo isso porque estive com o presidente Zelaya ontem e ele me dizia que tinha te visitado duas vezes. Eu acho que isso é extremamente importante, porque a juventude da Nicarágua e a juventude brasileira precisam de esperança, precisam de escola, precisam de empregos, e é isso o que nós temos para oferecer. Da minha parte, esteja certo de que o Brasil pode fazer muitas parcerias com a Nicarágua e, sem ter nenhuma visão hegemônica, nós queremos ter uma visão de parceria, porque essa história de hegemonia é que nos levou a ser colonizados durante tantos séculos. Nós só temos que fazer jus aos nossos heróis que conquistaram a nossa independência. Queremos soberania, queremos ter relações com todos os países do mundo, mas queremos, sobretudo, governar a partir das nossas decisões.

É com esse espírito que eu estou aqui nesta reunião, que vai começar na hora em que nós pedimos ao pessoal da imprensa que se retire. E estou certo de que não é à toa que vamos assinar 12 acordos, é um bom começo. Se, no primeiro encontro, podemos assinar 12 acordos, na sua visita ao Brasil, quem sabe, teremos mais 12, e mais do que 12 acordos para assinar. O importante é que você determine à sua gente e eu determine à minha para que se visitem mais, para que se conheçam mais, para que troquem mais idéias, mais experiências, porque o tempo é curto e, se não exigirmos, a burocracia nos derrota. Então, vamos vencê-la.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos e declaração à imprensa**

**Kingston - Jamaica, 09 de agosto de 2007**

Excelentíssima senhora, Portia Simpson, primeira-ministra da Jamaica,  
Meus companheiros ministros do Brasil e membros da minha comitiva,  
Ministros de Estado da Jamaica,  
Senhoras e senhores integrantes da comitiva jamaicana e brasileira,  
Meus amigos e minhas amigas,

Bem, na verdade, a nossa querida primeira-ministra, ela fez uma síntese aqui das coisas que nós acordamos. Eu penso que os acordos que nós firmamos são extremamente importantes. Mas o mais importante é que, definitivamente, o Brasil descobriu a Jamaica e a Jamaica descobriu o Brasil. Eu diria que, do ponto de vista dos interesses políticos, dos interesses comerciais, dos interesses culturais, poderíamos dizer que é quase amor à primeira vista. Afinal de contas, é a primeira vez que um presidente da República do Brasil está vindo à Jamaica.

O Celso Amorim tem a obrigação, quando a Primeira-Ministra voltar ao Brasil, de pedir para ela parar em São Luís do Maranhão, porque São Luís do Maranhão já é hoje considerada a capital do reggae no Brasil. Ou seja, não precisam apenas ouvir os grandes artistas jamaicanos, Bob Marley e Jimmy Criff, vai ter novos artistas maranhenses, genuinamente brasileiros, mas com coração jamaicano tocando e cantando reggae. Aliás, eu penso que se ela não puder passar no Maranhão, lá, em Brasília, nós pediremos ao ministro da Cultura, Gilberto Gil, que cante algumas músicas jamaicanas para mostrar a nossa verdadeira e definitiva integração.

Eu encontrei o técnico da Seleção da Jamaica no almoço. E, só para vocês lembrarem, ele foi técnico de quatro seleções nas últimas quatro Copas do Mundo. É verdade que não ganhou, mas é verdade que levou times, até então desconhecidos no mundo do futebol, para a Copa do Mundo. E ele me pediu intercâmbio com o Ministro do Esporte, para ver se nós poderemos

intercambiar técnicos e jogadores. E comecei até a pensar que, quando eu deixar a Presidência, quem sabe eu venha bater uma bolinha aqui na Jamaica.

Vocês perceberam, nas declarações da Primeira-Ministra, que ela nos ofereceu todo o potencial que a Jamaica tem no atletismo, que não é pouco. E, obviamente, que eles precisam intercambiar na área do futebol, do vôlei e em outras áreas em que o Brasil tem maior potencialidade do que a Jamaica. Eu acho que com esse intercâmbio, onde os países têm excelência, eu acho que a gente pode contribuir, e muito, com a Jamaica e contribuir muito com o Brasil.

Um outro dado importante é que eu disse à Primeira-Ministra que, regressando ao Brasil, vou determinar que alguém da Petrobras venha aqui para ver as possibilidades de parcerias com empresas para pesquisa e prospecção aqui na Jamaica.

Uma outra coisa importante é que eu disse à Primeira-Ministra que tanto poderemos mandar gente à Jamaica, como poderemos receber gente da Jamaica para conhecer as nossas experiências bem-sucedidas nas políticas sociais. E disse à Primeira-Ministra que eu preferia que as pessoas fossem lá não só para ouvir as explicações dos programas, mas para acompanhar de perto os programas. Ou seja, na teoria, Luz para Todos é muito bom, mas, na prática, é uma revolução. O programa Bolsa Família, para alguns é assistencialista, para os pobres é um prato de comida e assim por diante. Poderíamos ensinar o que temos e aprender também com as políticas existentes na Jamaica. E isso poderia contribuir para o desenvolvimento social da Jamaica e do Brasil.

Para terminar, como a Primeira-Ministra disse que o seu partido está lançando um manifesto hoje, e nesse manifesto não tem um protesto contra mim por a estar atrasando, eu vou ser breve com a última palavra.

A inauguração dessa fábrica de desidratação de etanol, de que nós participamos hoje, é para mim um começo auspicioso e exuberante da nossa relação. Sessenta milhões de litros de etanol por ano, uma boa parte vindo do Brasil, em parceria com empresários e produtores jamaicanos, irão entrar no mercado americano. E a coisa mais extraordinária para nós evitarmos que os Estados Unidos continuem produzindo etanol de milho é trazer para perto dos Estados Unidos um etanol de qualidade pela metade do preço do etanol do milho. E aí, o que me deixa feliz? Não a nada melhor para um capitalista do

que comprar um produto de melhor qualidade por um preço mais barato. Isso é tudo o que nós queremos para introduzir no mundo o etanol e o biocombustível como as novas matrizes energéticas na área de combustível.

Quero agradecer à Primeira-Ministra pelo carinho pessoal e pelo carinho do povo da Jamaica. Foi uma pena que cheguei tarde, ontem à noite, e não pude ir a nenhum lugar em que tocava um reggae. Isso, ao invés de me deixar triste, vai me motivar a dizer ao Celso Amorim que eu preciso de mais uma agenda na Jamaica.

Muito obrigado por tudo.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Fórum de Negócios sobre Etanol, Biodiesel, Cimento, Gipsita, Soja e Alumínio**

**Kingston-Jamaica, 09 de agosto de 2007**

Eu queria, em primeiro lugar, agradecer, do fundo do coração, à primeira-ministra Portia Simpson-Miller pelo carinho dedicado à minha delegação desde a hora em que pusemos o pé na Jamaica.

Quero agradecer aos ministros jamaicanos,

Aos ministros brasileiros, que estão em uma outra reunião,

Aos empresários brasileiros que me acompanham já há algum tempo, nessa peregrinação pelo mundo,

E aos empresários jamaicanos que ousaram estabelecer essa parceria com os empresários brasileiros,

Na verdade, primeira-ministra, falar de biocombustíveis para mim é um motivo de muita paixão. E eu preferiria falar de improviso, mas acontece que o meu tradutor está com o discurso ali e eu, então, facilito a vida dele. Mas, antes de começar a ler o discurso, é preciso dizer à primeira-ministra que a questão do etanol, no Brasil, tem uma história profunda. Até 1973, nós quase que produzíamos só açúcar no Brasil. E veio a primeira crise do petróleo. Mas não foi apenas pela crise do petróleo, é que a tonelada do açúcar estava mais de mil dólares no mercado internacional e, como de hábito, todo mundo resolveu plantar cana-de-açúcar. Dois anos depois, despencou o preço do açúcar no mercado internacional. Já estávamos em 1975 e, na época, o presidente da República era um general do Exército. E eu acho que foi extremamente acertada a decisão de se criar a política de álcool no Brasil. Havia muitas críticas no começo, dizia-se que o governo colocava muito dinheiro para subsidiar o álcool, até que nos anos 80 o Brasil começou a produzir carro a álcool. Chegamos a ter 90% da frota brasileira a álcool. Como não éramos uma indústria altamente profissionalizada, havia muitas queixas. De um lado, os defensores da gasolina diziam que o carro a álcool não pegava pela manhã ou

que não tinha tanta velocidade quanto o carro a gasolina. De outro lado, não tinha sido profissionalizado o suprimento para a população que tinha carro a álcool e aí ficávamos por conta da oscilação do mercado. Quando o açúcar subia no mercado internacional, havia uma predisposição de produzir mais açúcar e menos álcool e criava-se o problema de suprimento do mercado interno.

O dado concreto é que chegamos em 2002 sem produzir um carro a álcool. Com a mesma rapidez que tínhamos criado o carro a álcool, acabou-se com o carro a álcool. Isso porque também a indústria automobilística tinha tomado a decisão de produzir o carro mundial, uma peça feita na Holanda, uma na Alemanha, uma na Argentina, uma no México, uma no Brasil, e não estava previsto o carro a álcool.

Pois bem, os companheiros que acompanham e que participaram dessa trajetória sabem que a primeira disputa nossa com o governo da época foi uma proposta de renovação da frota de automóveis no Brasil, e na renovação da frota não foi possível utilizar carro a álcool. Depois fizemos uma segunda proposta, de que os governos federal, estadual e municipal só utilizassem carros a álcool. Também não foi possível. E o que nós queríamos evitar? Primeiro, o setor gerava muitos empregos no Brasil. Era, até pouco tempo atrás, mais de 1 milhão e 200 mil trabalhadores que trabalhavam diretamente ligados à produção de álcool. E, depois, queríamos diminuir a poluição nos grandes centros urbanos. Nada disso sensibilizava o governo da época. E os empresários que estão aqui sabem que muitas vezes foram tratados como marginais, muitas vezes os governantes tinham vergonha de discutir com os empresários.

O que nós fizemos nesses últimos quatro anos e meio? Primeiro, estabelecemos entre nós uma relação do Estado brasileiro com os empresários brasileiros, e discutimos, em 2004, que se nós quiséssemos colocar o álcool no mercado internacional precisaríamos nos profissionalizar mais. Começamos a discutir com a indústria automobilística em como voltar a utilizar o álcool. E surgiu o que parecia impossível: um carro chamado *flex-fuel*. Um carro que pode utilizar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50% e 50%, 30% e 80%, fica ao gosto do motorista, com uma vantagem: quando o valor do álcool estiver acima de 70% do preço da gasolina, o motorista não precisa colocar álcool

porque não é mais vantajoso.

Bem, os empresários que produzem álcool no Brasil estão crescendo muito, estão ganhando personalidades internacionais. Talvez todos eles recebam mais visita, por ano, do que receberam em toda a vida. E todos nós sabemos, eles e eu, que na medida em que nós queremos que os biocombustíveis se transformem em *commodities*, aumenta a nossa responsabilidade de fazer com que os usuários recebam, 24 horas por dia, o combustível necessário.

Veja que coisa fantástica, primeira-ministra, se forem verdadeiros todos os estudos até agora publicados sobre o aquecimento do Planeta, os biocombustíveis serão inexoravelmente uma nova matriz energética na área de combustíveis. Eu fui agora em Bruxelas, e quando cheguei em Bruxelas me alertaram de que tinha muitas ONG's e muita gente que dizia que era incompatível a produção de biocombustíveis com a produção de alimentos. E duas coisas me indignavam. Primeiro, o fato de que nós temos 800 milhões de habitantes no Planeta passando fome não por que não temos produção de alimentos. É porque não temos renda para comprar alimentos. Segundo, Deus, quando nos criou, nos proveu com uma massa de inteligência que está guardada no nosso cérebro. Nós sabemos que a primeira energia de que a humanidade precisa é a energia física, é a nossa inteligência, que só existe porque comemos. Então, seria impensável algum país trocar a produção da segurança alimentar para encher o tanque de um carro.

Agora, nós já temos países ricos no mundo que não produzem a quantidade suficiente de alimento para comer. E qual é a vantagem que eles têm? Têm outros conhecimentos, produzem produtos manufaturados de muito valor agregado e se dão ao luxo de comprar alimentos de todas as partes do mundo. Pois bem, este argumento de que vamos utilizar as terras dos alimentos para produzir etanol é totalmente descabido. Eu vou lhe dar um dado: nós temos, no Brasil, 850 milhões de hectares de terra. Desses, 360 milhões de hectares são a parte da Amazônia que não vamos mexer. Mas também não é apenas um santuário da humanidade, porque lá moram 23 milhões de habitantes que precisam trabalhar, precisam comer, e nós temos que desenvolver a região de alguma maneira. Todas as cidades brasileiras, de São Paulo ao Rio de Janeiro, do Oiapoque ao Chuí, ou seja, de ponta a ponta

do País, ocupam 20 milhões de hectares. Pois bem, nós temos 440 milhões de hectares agricultáveis. Desses, 29% são pasto e apenas 1% é cana-de-açúcar, e se fossem 2 ou fossem 3, seria uma quantidade insignificante diante da quantidade de terra que temos.

Mais ainda, se compararmos o que nós produzimos por hectare em 1975, hoje estamos produzindo quatro vezes mais. E se investirmos em pesquisa, como precisamos investir, Estado e setor privado, poderemos produzir, por hectare, daqui a alguns anos, 5 ou 6 vezes mais do que produzimos em 75. Significa que haverá uma tendência de diminuir a área plantada com aumento de produção. Isso vale para o gado, vale para soja e vale para outros combustíveis.

O que é mais importante, e esse é um debate científico que vamos levar muito tempo para fazer, é que nada é melhor para o seqüestro de carbono do que todo dia a gente plantar uma árvore que vai nascer, porque é nessa fase de crescimento que ela seqüestra o maior número de carbono. É por isso que nós acreditamos que estamos no caminho certo e, ao mesmo tempo, não vamos permitir que os biocombustíveis sejam olhados com o olhar da Europa, porque achamos justo eles não quererem plantar cana. A casa deles já está arrumada, eles já tomam café todos os dias, já almoçam, já jantam, já moram bem, têm renda *per capita* de 25 mil dólares, 30 mil dólares, está tudo arrumado. E eu disse para eles: olhem os biocombustíveis olhando para a África. Olhem aquele continente imenso, que poderia suprir a necessidade de combustível de uma parte do mundo. Olhem para o Caribe e para a América Latina, nós podemos suprir outra parte. E quem deve comprar de nós? Eles, que são os maiores poluidores do Planeta.

Então, o que nós estamos oferecendo para o mundo desenvolvido é a oportunidade de fazerem uma reparação pela quantidade de poluição que jogaram na atmosfera. No fundo, no fundo, é isso que está em jogo neste momento: cada país vai produzir o biocombustível do que puder. Para o Brasil, nós podemos produzir etanol da cana-de-açúcar, mas poderemos produzir biodiesel de uma dezena de oleaginosas que, certamente, também nascem aqui, na Jamaica.

O que é importante, primeira-ministra, é que eu não precisaria estar fazendo esse discurso aqui, porque o Brasil é auto-suficiente em petróleo,

gastamos bilhões em prospecção e pesquisa. Eu poderia dizer: porque estou falando de álcool, se eu tenho petróleo? Quantos países têm petróleo? Hoje, no mundo, 20 países distribuem petróleo para o restante do mundo. Com o biocombustível nós poderemos democratizar e 120 países poderão produzir o combustível que hoje 20 produzem.

Primeira-Ministra, a senhora sabe que uma plataforma de petróleo, para fazer prospecção em grandes profundidades e para retirar 200 mil barris/dia do fundo, custa por volta de 2 bilhões de dólares. E nem todo país do mundo tem dinheiro para fazer uma plataforma ou tem tecnologia para construí-la.

A senhora sabe que quando eu disputei as eleições, em 2002, eu dizia que ia fazer plataforma no Brasil e os meus adversários diziam que o Brasil não tinha tecnologia. Pois bem, estamos fazendo plataforma no Brasil, com tecnologia brasileira, mão-de-obra brasileira, com a mesma qualidade ou melhor do que aquela que a gente comprava. Sabe qual é a vantagem? É que não tem muita gente com dinheiro para fazer prospecção, não tem muita gente com conhecimento tecnológico para fazer uma plataforma. Mas veja que coisa fantástica: qualquer ser humano, doutor ou analfabeto, preto ou branco, homem ou mulher, pode cavar uma cova de 20 centímetros e plantar o seu combustível, democratizando o emprego e democratizando a renda para o povo mais pobre. E, além do mais, conquistando a soberania na área de combustível.

São essas as razões, primeira-ministra, que me faz andar pelo mundo, falando com quem gosta e com quem não gosta. A única coisa que eu peço é o direito de me ouvirem. Eu disse em Honduras, primeira-ministra, que o papel do governo é o de ser indutor, quem vai fazer o trabalho são eles, os nossos empresários, eles que conhecem, eles que têm capital. E nós vamos ajudá-los e incentivá-los e abrir novas fronteiras.

É por isso que eu estou feliz com a inauguração daquela planta. Parecia impossível que a gente pudesse vender etanol para os Estados Unidos. Parecia impossível e foi tão simples, é só estabelecer parceria com outros países. Amanhã vai ser a Europa e depois a China que vão precisar comprar etanol também. E todos vão ter que comprar, do Brasil ou da Jamaica, dos Estados Unidos ou de qualquer outro país, porque todos têm responsabilidade em diminuir a emissão de gás. Essa é a razão principal pela qual estou



viajando mais que caixeiro viajante.

E agora, primeira-ministra, para terminar – não li o meu discurso – eu queria lhe dizer uma coisa: a sua presença na Bahia, para participar da Diáspora Africana, foi um marco nas nossas relações de amizade. Possivelmente nós não tenhamos tido oportunidade de lhe contar o significado da força da imagem e o significado da força da palavra. O que Vossa Excelência fez na Bahia, com aquele discurso, foi quase que demarcar um divisor de respeitabilidade que o povo negro precisa conquistar no mundo.

É por isso que nós estamos aqui, porque a política tem interesses econômicos, a política tem interesses estratégicos e interesses tecnológicos, mas a política também tem uma coisa: uma química que aparece nos olhos das pessoas que governam com sinceridade, das pessoas que não conseguem governar apenas com a inteligência do cérebro, mas governar com a inteligência e o sentimento do coração. E a senhora significa isso.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da Usina de Etanol da Jamaica Broilers Group  
Port Esquivel - Jamaica, 09 de agosto de 2007**

Excelentíssima primeira-ministra da Jamaica, Portia Simpson-Miller,  
Senhores e senhoras ministros de Estado da Jamaica e do Brasil,  
Senhores e senhoras integrantes da comitiva jamaicana e brasileira,  
Senhores embaixadores, embaixadora,  
Meu caro Robert Levy, presidente da JB,  
Senhor diretor-executivo da JB,  
Amigos brasileiros empresários e amigos jamaicanos,

Eu preciso afirmar que sou, neste momento, um homem emocionado. Se for registrado que cada vez que acontece este barulho tem um pouco de dinheiro que a empresa está ganhando, está na hora de diminuir um pouco o lucro desta empresa. Este é um momento especialmente gratificante para mim, que sou um entusiasta dos biocombustíveis. A inauguração desta usina de etanol simboliza o compromisso da Jamaica e do Brasil em ingressar juntos na revolução energética do século XXI. Estamos juntando esforços para encontrar soluções criativas e inovadoras ao desafio do crescimento sustentável dos países em desenvolvimento.

Os biocombustíveis são fontes de energia barata, renovável e limpa. Geram empregos no campo, agregam valor à produção agrícola, diversificam a pauta exportadora e ajudam a proteger o meio ambiente. Não comprometem a segurança alimentar. Estudos demonstram o impacto positivo da energia, a partir da biomassa, na redução do efeito estufa. No momento em que toda a comunidade internacional discute saídas para a ameaça do aquecimento global, a Jamaica, juntamente com o Brasil, pode oferecer uma resposta.

Minha presença aqui, a primeira visita de um presidente brasileiro à Jamaica, mostra o caráter estratégico que estamos dando às nossas relações. Os maiores beneficiários serão nossos povos.

A Jamaica reúne todas as vantagens competitivas para ser um gigante dos biocombustíveis: clima e solo propícios para a produção de cana-de-açúcar, onde tem larga experiência, e uma mão-de-obra qualificada e apta para o desafio de investir na revolução da biomassa energética.

O governo jamaicano deu passos para tornar realidade essas potencialidades. Foi dos primeiros, em todo o continente, a estabelecer uma porcentagem obrigatória de 10% de etanol na composição do combustível automotor. Isso mostra uma feliz combinação de visão de longo prazo e coragem para inovar.

Saudamos, igualmente, a decisão do governo jamaicano de reduzir a tarifa de importação de carros com motor movido a biocombustível. É dessa maneira que se forma um mercado nacional forte, etapa fundamental para consolidar a produção voltada para a exportação. É justamente nessa área que os biocombustíveis podem trazer uma contribuição decisiva para o desenvolvimento. Dinamizam a economia, gerando empregos e novas oportunidades produtivas e de exportação. No Brasil, para cada emprego em usina de biodiesel, são necessários mil trabalhadores no campo. A produção pode ser incentivada em pequenas propriedades e de modo que não crie conflito com a produção de alimentos.

Faço votos de que o Seminário sobre biodiesel, que está ocorrendo em Kingston, tenha pleno êxito, multiplicando idéias e contatos para o setor.

Senhoras e senhores,

A Jamaica é uma das maiores e mais populosas ilhas do Caribe. É também das mais desenvolvidas. Projeta-se no cenário internacional com preeminência e está entre os países que desempenham liderança incontestada na região e no G-77. Por isso, a Jamaica exercerá papel de grande importância na disseminação das fontes renováveis de energia, inclusive o etanol e o biodiesel.

A concessão de uma linha de crédito do BNDES, no valor de 100 milhões de dólares, é um dos meios com que manifestamos, em termos práticos, o compromisso em aprofundar nossa cooperação. Também estamos à disposição para prestar à Jamaica todo o apoio técnico ao nosso alcance. Os ganhos presentes e futuros que podemos esperar dessas fontes alternativas

não se limitam apenas à esfera econômica. Têm impacto forte nos planos social e ambiental.

Criação de empregos, geração de renda e combate à mudança do clima formam o triângulo virtuoso que desejamos para nossos países. As biomassas podem ser determinantes para concretizar nossa aspiração comum ao desenvolvimento sustentável e à erradicação da fome e da pobreza.

Foi esse o sentido maior de minha participação em 2005, como convidado especial, do encontro dos Chefes de Estado da Comunidade do Caribe, em Paramaribo. Com a designação, em 2006, de um Representante Permanente junto ao Secretariado da Caricom, o Brasil passou a poder contribuir mais efetivamente para esse objetivo.

Senhora Primeira-Ministra,

Os biocombustíveis não esgotam todas as possibilidades de cooperação entre nossos países. Desde 2004, recebemos em Brasília visitas de nove ministros jamaicanos. Isso permitiu consolidar a amizade que nos une e identificar em que áreas um país pode aprender com o outro.

Já identificamos as áreas de saúde, agroindústria, fruticultura, educação, segurança pública e turismo como merecedoras de tratamento prioritário. Temos hoje perspectivas promissoras para o estreitamento dos laços bilaterais. Não podemos deixar que este momento se perca.

Senhoras e senhores,

Creio que o Brasil e a Jamaica se admiram reciprocamente e têm genuína curiosidade um pelo outro. A divisa nacional jamaicana, que enfatiza a unidade na diversidade poderia muito bem se aplicar ao Brasil.

Nós também, a exemplo dos jamaicanos, tiramos da diferença a nossa força e a nossa unidade. Também recebemos aporte decisivo de cultura e sangue de outros continentes. Temos todos os motivos para nos orgulhar do que somos e de olhar o futuro com otimismo e esperança.

É nessa disposição que devemos nos inspirar. É nela que devemos buscar a força necessária à construção, no Brasil e na Jamaica, de sociedades mais dignas e justas para nossos cidadãos. A inauguração desta usina de etanol é um passo decisivo na realização desse sonho.

Minha cara amiga Primeira-Ministra,

Meus amigos da Jamaica,

Meus conterrâneos empresários brasileiros,  
Jornalistas,

Permitam-me duas palavras mais. Realmente, nós estamos participando de uma revolução extraordinária neste começo do século XXI. Durante quase 400 anos, a cana-de-açúcar produzia apenas açúcar. Mais à frente ela foi produzir o açúcar, o álcool, ainda não para carro, e o aguardente, de boa qualidade, que o Brasil também está exportando hoje para o mundo desenvolvido. O dia em que o mundo experimentar uma boa cachaça brasileira, o uísque vai perder mercado.

Mas, o mais importante é que esse produto que originava apenas a produção do açúcar está se transformando num produto que vai causar uma revolução na indústria, na área de combustíveis e na área petroquímica. Quem ficou assustado com o programa do álcool do Brasil, quem não levava a sério o programa do biodiesel, quem não acreditava que nós poderíamos ter um combustível com a mesma qualidade da gasolina e muito menos poluente que a gasolina, pode se surpreender num futuro muito próximo. Desta planta, aqui, vai sair etanol desidratado para exportação, mas não vai demorar muito. Os que investiram nesta planta terão que fazer uma outra planta ali do lado, o pólo álcool-químico para produzir eteno, para produzir propileno. E aí, não vai ser apenas o combustível que será chamado de “combustível verde”. Logo, logo, nós teremos a experiência do primeiro carro verde do mundo. Tudo o que é de plástico, derivado do petróleo, pode ser derivado do etanol. E, certamente, a Jamaica saiu na frente e continuará a ser grande parceira do Brasil.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
Cerimônia de Condecoração e Assinatura de Atos**

**Cidade do Panamá-Panamá, 10 de agosto de 2007**

Querido amigo MartínTorrijos, presidente da República do Panamá,  
Querido amigo Samuel Luiz, vice-presidente e ministro das Relações  
Exteriores do Panamá,

Querido amigo Alejandro Ferrer, ministro de Comércio e Indústria do  
Panamá,

Meu querido companheiro Celso Amorim, ministro das Relações  
Exteriores,

Querido companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento,  
Indústria e Comércio Exterior,

Demais companheiros da delegação brasileira,

Demais autoridades do Panamá,

Quero cumprimentar a esposa do presidente Torrijos,

Meus amigos e amigas,

Companheiros da imprensa panamenha e brasileira,

Eu quero crer que não é pouca coisa um ser humano receber uma  
condecoração que leva o nome de Omar Torrijos.

Quando o nosso companheiro Martín foi ser candidato a presidente da  
República, o Marco Aurélio me disse que ia ter uma eleição no Panamá, que o  
candidato era um jovem e eu perguntei: quais são as credenciais desse  
“homem” para ser candidato a presidente do Panamá? E o Marco Aurélio me  
disse: “uma só, dentre as outras que ficamos conhecendo depois, ele é filho do  
general Torrijos, que foi um dos mais importantes homens públicos do  
Panamá.” E nós sabemos, meu querido Martín Torrijos, o que significou a  
passagem do teu pai pela política do Panamá. É uma pena que apenas aos 52  
anos de idade, vítima de um desastre de avião, o povo panamenho tenha  
perdido talvez o seu mais extraordinário dirigente. Eu aprendi que o ser  
humano é como uma árvore, e se essa árvore foi bem plantada, bem adubada,

a tendência natural é de que essa árvore tenha bons frutos, e a tendência é que esses frutos produzam uma nova boa árvore, e assim segue a vida. Eu penso, meu querido presidente, que você é esse fruto originário de uma árvore frondosa e de muita qualidade, o que nós chamamos no Brasil de “árvore de lei”, aquelas que são melhores, que custam mais e que têm mais qualidade.

Eu, na verdade, não sei se sou merecedor dessa homenagem. O que eu posso te dizer é que você, como presidente, e eu, como presidente, precisamos sempre, nos momentos de angústia, mirar as pessoas que foram maiores do que nós, mais inteligentes do que nós, para que recuperemos a esperança e a certeza de que poderemos crescer tanto quanto aqueles que nós admiramos. Eu sei que nunca vou conseguir admirar o teu pai como você o admira, mas quero que você saiba que eu espero que, a partir do momento em que você me colocou essa faixa que tem o nome dele, eu consiga fazer, nesses três anos e meio de mandato, um pouco daquilo que era a razão da participação política do teu pai, ou seja: não ter vergonha de defender o seu país, não ter vergonha de ser nacionalista, não ter vergonha de defender os mais pobres e não ter vergonha de ir em qualquer lugar do mundo, em qualquer situação, e ter orgulho do seu povo. Teu pai era isso.

Eu espero que, a partir desta condecoração, eu possa fazer um pouco pelo Brasil do que ele fez pelo Panamá.

Muito obrigado.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura do decreto de regulamentação da Timemania**

**Palácio do Planalto, 14 de agosto de 2007**

Eu tinha combinado com o Ricardo Teixeira e com o Orlando que eu não ia falar hoje, porque é a terceira vez que nós fazemos reunião aqui sobre Timemania.

Mas eu queria cumprimentar os ministros,

Cumprimentar os deputados e deputadas, a quem nós devemos muito a aprovação desses projetos todos, desde o Estatuto do Torcedor até a Timemania,

Cumprimentar a nossa querida presidente da Caixa Econômica Federal, que vai colocar em prática toda a tecnologia da Caixa Econômica Federal para ver se a Timemania funciona mesmo,

Cumprimentar o Ricardo Teixeira e o Fábio Koff, representando aqui os times, mais o Aivaldo Boscolo, presidente da Confederação Brasileira de Clubes,

Cumprimentar os atletas que estão aqui – disseram-me que o Túlio está aqui, e que está aqui o Andrade,

Meus queridos companheiros,

Eu resolvi falar por uma razão muito simples. Eu penso que nós temos um dilema no Brasil em relação ao nosso futebol. Um dilema que eu, possivelmente, não tenha a solução e, individualmente, nenhum de vocês também possa ter mas, quem sabe, com um esforço coletivo, se a gente começar a pensar e a fazer uma troca de idéias, a gente possa encontrar uma solução para o futebol brasileiro.

Eu lembro, o Bebeto estava recém-indicado para presidente do Botafogo, e eu lembro que o Bebeto veio à minha sala e estava muito emocionado pela situação do Botafogo, ou seja, situação quase que de concordata plena. E eu fiquei matutando com o ministro Agnelo, na época, como é que a gente deveria fazer para ajudar os clubes de futebol. E hoje,



Bebeto, é com muita alegria que eu vejo o Botafogo na situação em que está, um time que conseguiu se levantar.

Mas a coisa é mais grave. Eu acho que nós estamos vivendo um momento em que é preciso saber se nós temos condições de fazer os clubes brasileiros voltarem a ser aquela atração extraordinária que eram há pouco tempo, quando jogava qualquer time de ponta do Brasil contra qualquer time mais fraco, e a gente costumava ver, nos estádios, 20, 30, 40, 50 mil pessoas.

Os desafios que estão colocados são muitos. Vocês sabem, os dirigentes mais experientes – nunca falem a palavra “mais velho”, Ricardo – os mais experientes sabem o seguinte: hoje é muito fácil criticar os dirigentes, eu vejo muitas críticas, eu vejo gente dizer que é preciso profissionalizar os clubes, que o clube tem que virar empresa, como se fosse num toque de mágica. E, de repente, esse clube-empresa virou patrocínio de uma empresa, que coloca o nome dela na camiseta, que um torcedor como eu não pode usar, porque não posso fazer *merchandising* de empresas que pagam o time.

Então, o que nós precisamos fazer, concretamente? Hoje eu sinto que tem dirigente que não vai nem ao estádio mais ver o time jogar. Antigamente – não é, Juvenal? – quando tinha um jogo, o que não faltava no campo era político para cumprimentar os atletas, para tirar fotografia com o presidente vencedor. Mas era uma coisa que acontecia no cotidiano, em qualquer estádio brasileiro, ou seja, casa lotada, não faltava gente para ir lá tirar uma casquinha aqui ou ali.

Hoje, nem os dirigentes dos clubes estão indo mais, porque os times estão caindo pelas tabelas. E qual é o problema que eu vejo? Eu dizia para o Ricardo: como sou fanático por futebol, eu, às vezes, no sábado, na sexta-feira à meia-noite fico procurando canal para ver alguma coisa. E dizia para o Ricardo: o que é triste é que a gente liga a televisão num desses canais a cabo e, então, você vê jogos de vários países do mundo e você vê aquele estádio apinhado de gente. Aí, de repente, você liga num jogo, como eu liguei domingo para ver Corinthians e Grêmio, e tem 8 mil pessoas.

Ora, se é um clube de futebol, que tem no futebol a sua finalidade maior, só vai sobreviver na hora em que a gente tiver o espetáculo para apresentar para o torcedor. Porque hoje quem vai a um estádio, com raríssimas exceções, são os torcedores que são a vanguarda dos times, ou seja, são as torcidas

organizadas. E disseram-me, agora há pouco, que a maioria vai até sem pagar, ganham dos times o convite para entrar. Então, o time fica devendo as suas obrigações e não arrecada para pagar aquilo que os jogadores passam a merecer em função da globalização do futebol mundial. E nós não vemos uma saída de curto prazo.

O que nós estamos fazendo aqui é mais uma experiência que esperamos que vá dar certo, ajudar. Mas é preciso pensar mais. E por que é preciso pensar mais? Eu estou vendo aqui o Andrade, alguns jogadores que foram campeões do mundo pelos seus clubes. Eu vi que, nos últimos quatro anos, todo time que foi campeão brasileiro terminou o campeonato e o time acabou.

O Corinthians, quando foi campeão há 3 anos, no meio do campeonato, vendeu seis jogadores. O São Paulo deve perder, agora, mais um monte. O Internacional de Porto Alegre foi disputar o título da Copa Toyota – que eles chamam de “título mundial”, o único que tem é o Corinthians, que ganhou um feito pela Fifa – acabou de ganhar, e não ficou um atleta no Internacional.

Ora, eu e vocês, que somos do tempo – os nossos filhos não tiveram oportunidade de conhecer isso – mas quem ia ver um Internacional e um Grêmio com menos de 80, 90 mil pessoas no estádio, qualquer que fosse o dia? Quem é que conseguia uma vaga para ir ao Pacaembu, ao Morumbi ou ao Parque Antarctica ver os times de São Paulo jogarem um clássico? Quem é que conseguia chegar ao Maracanã, três horas antes, e entrar para ver um Fla-Flu, para ver um Botafogo, nos áureos tempos do Botafogo, para ver um Vasco da Gama? Vocês estão lembrados de que, quando foi criado o Mineirão, a gente via no jornal: 100 mil pessoas lotaram o estádio, 90 mil pessoas. Hoje são 9 mil pessoas, 8 mil pessoas.

Qual é o desafio que nós temos que enfrentar? Nós temos que encontrar um jeito de motivar os torcedores a voltarem aos estádios de futebol. E aí nós temos um outro problema. Primeiro, o salário do povo brasileiro não é o salário do povo europeu, que pode comprar uma cartela para o ano inteiro. Mas posso garantir que, se a gente estivesse organizado, tinha muita gente que ia. Eu não sou são-paulino, mas já fui na cadeira cativa do São Paulo ver jogo, vi muitos jogos lá, porque tenho amigo que me emprestava no tempo em que eu ia ao estádio.

Qual é o time que se preocupa em juntar, entre os seus torcedores, aqueles que podem dar uma contribuição a mais para que o time possa passar o ano sem o sofrimento que vocês estão passando? Nós só vamos motivar torcedor a ir a um campo de futebol se o time for bom. Como montar um time bom se estão comprando meninos com dez anos de idade, com oito, com nove, com sete, com cinco, com seis, e já estão até encomendendo. Casou, dependendo da fama do cidadão: "Oh, se tiver um filho, nós vamos comprar". Não é possível competir. Aí, nós entramos no conflito da liberdade individual do cidadão transitar pelo mundo do jeito que ele quer, do atleta.

Eu fico hiperfeliz quando vejo normalmente meninos pobres ganharem cinco, seis, quatro, três, um milhão de dólares, ao serem vendidos. É uma coisa extraordinária para a vida daquela pessoa. Agora, se é importante para a vida daquela pessoa, nós temos que pensar o seguinte: e o clube que o formou, que muitas vezes investiu desde os cinco anos de idade, seis anos de idade, como é que fica? E a torcida, que é a razão da existência do clube, também, como é que fica?

Eu estou dizendo isto aqui para desafiar vocês a pensarem um pouco que nós temos muito mais coisas para fazer. Eu não sei se aqui tem dirigentes do Bahia, do Vitória, mas era famoso qualquer jogo do Bahia e do Vitória, lotava aquele estádio, aquilo era coisa para 80, 90 mil pessoas de cada vez. Hoje, os times estão todos na terceira divisão. Eu tenho até pena de ver pela televisão, não se consegue mais mostrar torcedores atrás, gritando e comemorando gol, porque não tem torcedor. Então, eu queria desafiar vocês para que, juntos, tentássemos produzir as saídas.

Eu não sei que desgrama é essa hoje, ou seja, o moleque bateu uma bolinha com três anos, já tem um empresário. Está certo que a economia está bem, mas é preciso a gente cuidar. Eu tenho uma preocupação com o futebol, porque o futebol está na carne, está no sangue do povo brasileiro, é uma coisa que está na nossa cabeça, que está na nossa cultura, não tem jeito. Não tem como você imaginar este País com o seu futebol falido. Depois, jogadores famosos que vão embora e que não voltam nunca mais, se a gente quiser, vamos vê-los pela televisão, se tiver dinheiro para pagar uma assinatura de TV a cabo, senão também não vê.

Vocês percebem que o desafio é enorme. Eu acho que a gente deveria, todos os times, eu não sei qual é o time que tem mais torcedor, mas era preciso a gente começar a fazer uma campanha para fazer a torcida... Eu vejo o Sport, lá em Pernambuco, eu sou torcedor do Náutico, para não deixar ninguém zangado aqui, mas eu vejo o Sport, todo mundo com quem eu falo é que nem o Flamengo, no Rio: "eu sou Sport, eu sou Sport". Quantos torcedores são pagantes do Sport, do Sport Clube?

Então, é um desafio que nós temos. Já que não existe uma receita fixa, não existe para vocês o imposto sindical como existe para os empresários e para os trabalhadores, é preciso criar condição para ter uma motivação, e a motivação é a qualidade do time. É a qualidade do time, não tem jeito. Se o time estiver bom, não tem chuva, não tem frio, não tem inverno, não tem distância. Quem é que está lembrado que, em 76, o Corinthians invadiu o Maracanã com 80 mil pessoas para empatar com o Fluminense e ganhar nos pênaltis? Hoje as pessoas não vão ao Estádio de São Januário, ninguém vai, sair de casa para quê?

Então, eu queria que vocês aceitassem esse desafio. Quem sabe, Orlando, fosse o caso de criar um grupo de trabalho com os dirigentes que têm mais interesse em fazer essa discussão e a gente produzir alguma coisa que possa melhorar? Eu sei que a gente só vai melhorar definitivamente quando tiver dinheiro para pagar o salário que o jogador ganha lá fora. Mas vocês estão lembrados que há uns 4 anos o basquete americano teve uma revolta dos clubes porque não podiam pagar mais os salários que os jogadores estavam reivindicando. Chega uma hora que nem com a casa lotada você consegue pagar o salário, dependendo do salário. O salário tem que ser o justo, em função da qualidade daquilo que as pessoas apresentam e, portanto, o jogador, como o artista, quanto mais famoso, quanto melhor o artista, mais vai ganhar dinheiro.

Nós nunca vamos poder competir, pelo menos nos próximos 10 anos, com a Itália, com a Espanha, mas nós temos condições de manter jogadores de bom nível aqui, porque também não é todo mundo que ganha uma fortuna lá fora. Tem muitos que vão e quebram a cara, voltam com dois meses, voltam com um mês e meio, voltam com três meses, não é isso?

Então, eu penso que esse desafio deveria ser assumido por todos nós.

Da minha parte, o que eu posso assumir como compromisso? Naquilo que vocês convencerem o governo, nós preparamos o projeto de lei, mandamos para o Congresso Nacional, conversamos com os deputados, e os deputados têm boa vontade, porque todo mundo torce para algum time, aliás, quem não torce nem é eleito para alguma coisa, as pessoas têm que torcer.

E eu, sinceramente, acho que nós precisamos ter no futebol brasileiro... dar a mesma importância que nós damos a qualquer outra coisa, ou seja, gera empregos, gera alegria, gera tristeza, mas, sobretudo, é uma coisa que está impregnada na nossa célula e nós não podemos abdicar disso em hipótese alguma. Portanto, eu estou desafiando vocês, vocês me desafiem e, juntos, nós vamos construir mais coisas que possam melhorar o futebol brasileiro.

Meus parabéns Orlando, por todo o trabalho. Parabéns, do fundo do coração. Eu sei da sua dedicação e espero que a gente volte, daqui a algum tempo, a ter os times com a capacidade de arregimentação de torcedores que já tivemos. Para isso, é preciso manter jogadores bons – não é, Andrade? – jogando o tempo inteiro. Se marcar um gol e já for vendido, estamos mal das pernas.

Então, esse é um desafio. Esse é um problema em que eu acho que vocês precisam ajudar. Ajudar no sentido de perseverar, de brigar, de propor idéia e tentar ver: vamos fazer um debate, como é que faz um clube virar um clube-empresário? Porque é fácil falar: “Ah, podia virar clube-empresa”. Agora, como fazer? Vamos fazer um debate sobre isso, para ver como é que a gente faz um clube virar empresa. Como se fosse fácil! Se os grandes clubes não têm condições, imaginem os menores, que passam a metade do ano sem jogar.

Então, eu acho que esse é um desafio que não está resolvido com o decreto que assinei hoje. Esse decreto é uma solução para um problema, mas precisa de muita dedicação de vocês, até porque os times terão que aderir ao sistema. E o Juvenal precisa aderir ao sistema, porque isso vai até ser bom para o São Paulo.

Um grande abraço, gente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento do programa Caminho da Escola**

**Palácio do Planalto, 14 de agosto de 2007**

Eu quero cumprimentar o ministro da Educação, Fernando Haddad,  
O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Miguel Jorge,  
Quero cumprimentar minha companheira Marisa,  
Quero cumprimentar o nosso companheiro Luciano Coutinho, presidente  
do BNDES,

Quero cumprimentar os dois deputados federais que estão aqui, o  
Camilo Cola e o Joaquim Beltrão,

Quero cumprimentar o Daniel Balaban, presidente do FNDE,

Quero cumprimentar o José Martins, presidente da Associação Nacional  
de Fabricantes de Ônibus – aliás, o Martins já virou um companheiro de  
viagens para o exterior. Eu, quando terminar a Presidência, vou ser vendedor  
de ônibus por esse mundo afora,

Quero cumprimentar os prefeitos e prefeitas aqui presentes,

Quero cumprimentar os empresários,

Quero cumprimentar as crianças e a imprensa. Tinha na agenda que eu  
ia lá fora primeiro, mas como a pressão do pessoal que estava esperando aqui  
há mais de uma hora foi muito grande, eu preferi vir aqui e depois ir lá fora.

O Programa Caminho da Escola, que estamos lançando hoje, é mais um  
passo significativo para vencer o desafio que assumimos desde o início do  
primeiro mandato, e que renovamos em abril deste ano com o Plano de  
Desenvolvimento da Educação: ensino de qualidade para todos, independente  
de raça, classe social ou endereço.

Durante décadas e décadas, grande parte das crianças e adolescentes



do nosso País, principalmente nas áreas rurais, sempre tiveram enormes dificuldades para ir de casa para a escola. Por melhor que seja a escola – e nossos esforços estão voltados para a construção de uma escola pública de qualidade – é inadmissível que o caminho até ela seja uma *via crucis* para alunos e alunas da zona rural, muitas vezes carregados em carrocerias de caminhão. Todo cidadão e toda cidadã tem o direito de ser transportado com dignidade, ainda mais os que vão à escola para, no futuro, fazer do Brasil um país muito melhor e maior do que ele já é.

Este é o sentido do programa Caminho da Escola: garantir às crianças e aos jovens do campo um transporte escolar seguro e confortável, dando-lhes a tranqüilidade que precisam para se dedicar aos estudos, contribuindo assim para a redução da evasão escolar.

Gostaria, portanto, de destacar alguns pontos deste Programa, já tratados pelo ministro Fernando Haddad. Em primeiro lugar, este Programa representa um apoio substantivo à educação no campo, que não pode ser e não será inferior à educação urbana. Este é, cada vez mais, um País de todos, com oportunidades iguais para todos, sejam da classe pobre, média ou rica, do campo ou da cidade. Mas a construção de um país de todos requer o esforço de todos.

Por isso, quero destacar não só a atuação integrada do governo, por meio dos Ministérios da Educação, das Cidades, da Fazenda e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, do BNDES e do Inmetro, mas também o regime de colaboração entre a União, os estados e os municípios.

Gostaria, ainda, de ressaltar o modelo de compra governamental que estamos adotando neste Programa. O pregão eletrônico, centralizado pela União, garante a lisura e a transparência da licitação, além de reduzir os preços de ônibus e barcos, graças à compra de um maior número de unidades.

Meus amigos e minhas amigas,



Criar as melhores condições sociais, intelectuais e físicas possíveis para o acesso à escola é uma parte essencial do Programa de Desenvolvimento da Educação, que reflete todo o sentimento de urgência histórica que o nosso governo dedica à escola pública, à infância e à juventude do nosso País. Nós queremos que o PDE seja um compromisso de todos pela recuperação da escola pública brasileira.

Cento e dezoito anos depois da proclamação da República, o Brasil ainda deve à sua infância e à juventude a construção dessa escola verdadeiramente digna de ser chamada uma escola para todos. Uma instituição que contribua para superar as desigualdades e ofereça às novas gerações um espaço social no qual todos possam adquirir uma base comum de conhecimentos e de valores compartilhados.

A escola, minhas amigas e meus amigos, é um dos caminhos decisivos para recompor o que a injustiça dividiu e a violência só faz aprofundar. Para fazer da escola o oposto da desigualdade é preciso criar convergências de aprendizagem entre todos os setores da sociedade. A escola tem que ir superando o muro que consagra a existência de infâncias tão desiguais num mesmo País.

A escola de qualidade vai influenciar cada vez mais positivamente na subjetividade e no comportamento da juventude, em especial os mais pobres, cuja competência – contrariando o que alguns pensavam – está comprovada na avaliação dos bolsistas do ProUni. Na verdade, o que lhes faltava era oportunidade. E é para isso que deve servir a escola pública.

Meus amigos e minhas amigas,

Quero concluir lembrando que, não por acaso, o programa Caminho da Escola define uma padronização básica para todos os ônibus e barcos escolares que servirão às nossas crianças e jovens nas zonas rurais brasileiras. Um mesmo modelo, com as mesmas cores, para todo o território nacional. Isso aumenta a identidade entre o estudante e a escola e entre a





escola e o País. Para que todos saibam que aquele ônibus, que aquele barco, transporta um passageiro muito importante. E esse passageiro chama-se “futuro do Brasil”.

Minhas amigas e meus amigos,

Eu penso que esse é um momento extremamente marcante na vida do nosso País. Quem andar pelo Brasil, ainda hoje, chegar numa cidade do interior do País e ver uma criança em qualquer lugar e perguntar se ela está ou não na escola, e ela disser que não está na escola, uma das razões levantadas será a inexistência de transporte para que ela vá à escola.

Possivelmente, durante muito tempo, não houve uma preocupação em fazer com que essas crianças chegassem à escola, porque também a sociedade brasileira não estava tão preparada para fazer os protestos e as reivindicações que, ao longo do tempo, a sociedade brasileira foi aprendendo a fazer. E, sobretudo, fazer reivindicações quando o País vive um momento diferenciado e essas reivindicações já não são mais vistas pelo governo como se fossem custos, mas como investimentos.

Eu me lembro, Fernando Haddad – é importante contar essa história porque aqui tem empresários – em 2005, um deputado, aqui nesta sala, me entregou uma carta dizendo: “Presidente, por que o senhor não cria financiamento para tratores para as prefeituras pequenas do País? Muitas vezes, as prefeituras precisam arrumar uma rua, precisam ajudar o pequeno sítio a arar sua terra, e o sítio não tem direito de comprar, a prefeitura não tem dinheiro para comprar. Por que o governo não cria uma linha especial de financiamento?” Num momento em que a indústria estava numa situação delicada, naquele tempo, Luciano Coutinho, a gente ainda tinha muita dificuldade, ou seja, o Brasil não estava arrumado, tudo era muito difícil, havia sempre o medo dos sobressaltos, das crises internacionais. Então, cada coisa que fazíamos era pensada milimetricamente para que nós não déssemos um passo maior do que a gente deveria dar.



Naquela época foram disponibilizados 300 milhões de reais de financiamento, e aquilo acabou logo porque as prefeituras precisavam comprar máquinas. Nós tínhamos como garantir o desconto no repasse de verba que o governo federal passava para as prefeituras, é um programa que você deveria estudar e, se já terminou a verba, recriar porque as prefeituras do interior precisam muito desse programa. O problema é que muitas vezes nós, que moramos nas cidades, que nascemos no asfalto, não sentimos essa necessidade de alguém que nasce numa cidade que tem apenas a rua central, com um asfaltozinho bem mixuruca. O restante é terra e, quando chove, vira lama. E quando vira lama, cria transtorno para todo mundo. Muitas vezes é um pequeno produtor que colheu a sua produção de mandioca, de abóbora, de qualquer coisa para levar para a cidade e, pronto, choveu, fica lá estragando porque ele não tem como levar. Portanto, você precisa ver como é que está o programa anterior e fazer com carinho, porque eu acho que os prefeitos estão necessitando disso.

E foi essa história, Fernando, que facilitou a aprovação da idéia do ônibus escolar. Também foi uma coisa importante, no Brasil, quando a gente repassou a verba do transporte escolar para os prefeitos. Na verdade, nós cortamos a intermediação que tinha, de passar para o estado, para o estado passar para os prefeitos, e começamos a passar direto para os prefeitos. Já houve uma melhora. Agora, essa é uma melhora mais substancial, porque nós estamos criando condições para que, num espaço de tempo não muito longo, mas um espaço de tempo curto, a gente possa permitir que todas as cidades brasileiras que têm escola na zona rural possam transportar as crianças para a escola sem causar nenhum problema da criança ter que faltar à escola ou ter que repetir de ano porque não teve transporte para levá-la.

Quando nós pensamos isso, como é que vamos fazer? Eu ficava vendo aqueles ônibus da Marcopolo, e falava: nós não podemos comprar um ônibus chique daqueles, porque aquilo é ônibus para turista, não é ônibus para a gente



usar na escola. E eu me lembrava também daquelas marinetes americanas. Até hoje, nos Estados Unidos, é aquele ônibus feio, totalmente amarelo. Quando eu era pequeno, a gente conhecia por marinete. Até hoje, nos Estados Unidos, ainda transitam aqueles ônibus, nos filmes a gente vê. Eu falei: bom, nós não podemos fazer nem um tão chique, como aquele para turista, mas não podemos fazer uma marinetezinha, precisamos fazer uma coisa melhor. E aí os ministros saíram a público para conversar com os empresários.

Eu quero fazer aos meus ministros um agradecimento pela rapidez. Aos empresários, também, pelo bom-senso e pela compreensão de que não era apenas o problema de ajudar as empresas, porque se acontecer o que eu estou pensando, se cada município adquirir a quantidade de ônibus que nós estamos pensando, e se imaginarmos que a cada seis ou sete anos tem que trocar o ônibus, nós estamos criando uma nova linha de produção de ônibus para a indústria brasileira. Uma nova linha que vai se especializar em ônibus escolar. E por que não dizer que, daqui a pouco, as indústrias que compram chassis e montam ônibus com especificidade para a escola, poderão estar exportando ônibus escolar pronto para este mundo afora.

O que nós queremos, na verdade, é fazer o reconhecimento da pressa com que o programa foi executado, foi pensado. Os ônibus já estão aqui, uma pequena mostra. Nós colocamos 600 milhões de financiamento. Eu acho que é pouco mas, também, estamos no mês de agosto, vamos ver se todos os prefeitos do Brasil começam a se enquadrar no esquema do Programa, começam a comprar ônibus porque, se a procura for muito grande no ano que vem, de forma mais generosa, o BNDES vai colocar mais dinheiro disponibilizado, os prefeitos vão ficar felizes de ver as suas crianças andando em ônibus confortável, e quem vai ganhar com isso é o Brasil.

Então, o que hoje significam 600 milhões de financiamento, o que dá para construir – eu não sei se, em média, 100 mil cada ônibus – 6 mil ônibus para este ano, 6 mil para o ano que vem. Quem sabe, se a demanda for muito



grande, a gente aumenta, e muito, a produção para atender, no menor espaço de tempo, uma necessidade crucial. Se essas crianças perderem a vontade de estudar ainda na fase em que são crianças e estão dependendo da pressão do pai ou da mãe, elas poderão ficar fora da escola por causa da irresponsabilidade de um conjunto de coisas que acontecem no País. E as únicas inocentes são elas, todo o restante é culpado.

Então, eu só queria dizer para vocês que esse é o começo de uma coisa boa que pode crescer muito no Brasil. Eu acho que todos nós, daqui a algum tempo, poderemos ficar tranqüilos, sabendo que não haverá na área rural deste País uma única criança que vá à escola a pé, andando 6, 4, 5 quilômetros. Às vezes, vão 3 crianças em uma bicicleta – uma atrás, uma no cano ou no guidão, outra pedalando –, e que ninguém precise ir com um jeguinho à escola.

Eu acho que é nossa obrigação, e essa parceria entre governo federal, governo estadual, prefeitos, BNDES e empresários é tudo o que essas crianças precisam para que, no futuro, sejam mais produtivas para o Brasil do que nós fomos.

Muito obrigado e parabéns, Fernando Haddad, pelo Programa.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do I Seminário Brasileiro da Advocacia Pública Federal**

**Brasília - DF, 15 de agosto de 2007**

Meu caro companheiro José Antônio Dias Toffoli, advogado-geral da União,

Meus companheiros ministros de Estado, Tarso Genro, da Justiça, e Jorge Hage, da Controladoria-Geral da União,

Meu caro ex-presidente da República, companheiro José Sarney, hoje senador da República,

Meu querido companheiro Sepúlveda Pertence, do Supremo Tribunal Federal,

Meu caro César Rocha, ministro do Superior Tribunal de Justiça, corregedor do Conselho Nacional de Justiça,

Meu caro Gilmar Mendes, ministro do Supremo Tribunal Federal,

Senhor Oscar Fiumara, advogado-geral do Estado italiano,

Meus amigos e minhas amigas advogados e advogadas da União, integrantes do Poder Judiciário,

Meus amigos e minhas amigas participantes do I Seminário da Advocacia Pública Federal,

Companheiros da imprensa, nós todos temos que agradecer por vocês ficarem acordados até esta hora, não sei se atrás de notícia boa ou de notícia ruim. Como a notícia ruim sempre tem prevalência, é melhor que não aconteça nenhuma no encerramento do Seminário.

Você sabe qual é o problema, Toffoli, de trazer discurso escrito? É que os que falam antes já leram o meu discurso. O Toffoli está dizendo que é o primeiro seminário feito pelos advogados da União, é a primeira vez que vem um presidente da República, e eu penso que neste seminário vocês deveriam parar um pouco para refletir sobre o País que nós queremos construir. Houve um imenso trabalho que envolveu muitos ministros da Suprema Corte brasileira, que envolveu o Pertence, que envolveu o então presidente Jobim, que envolveu o Márcio Thomaz Bastos, ministro da Justiça, e o Congresso

Nacional, para que a gente pudesse fazer um avanço no Poder Judiciário brasileiro.

Não é uma tarefa fácil, porque é inacreditável a dificuldade que nós temos para fazer qualquer reforma. Isso não é apenas na política, no Poder Judiciário, na Receita, na Previdência. Qualquer reforma, qualquer mudança significativa nos traz muitas dúvidas. Não sei se vocês se lembram, quando vocês eram jovens, mais jovens ainda do que são, e se um dia se mudaram de uma casa para outra, ou de uma vila para outra, o quanto vocês resistiram para não mudar, para não deixar os amigos, para não deixar a cidadezinha, embora depois vocês pudessem até ter chegado a um lugar melhor.

As pessoas estão habituadas a conviver com determinadas coisas e não aceitam mudanças. Todas as vezes que nós discutimos reforma no Brasil, discute-se a questão do direito adquirido. Eu me lembro, meu caro Toffoli, meu caro Sarney – o presidente Sarney não deveria acompanhar, porque ele era presidente, na época, eu era deputado Constituinte e o Jorge Hage também era deputado Constituinte – eu me lembro de que o senador Bisol tentou tirar o direito adquirido da Constituição. Eu, com a minha mentalidade eminentemente metalúrgica, achava que queriam golpear os direitos adquiridos dos trabalhadores e fui um dos que brigaram para que fossem mantidos, na Constituição, os direitos adquiridos.

Quando eu cheguei à Presidência da República, convidei o Álvaro para ser o advogado-geral da União. Um dia, Deus queira que um de vocês possa chegar à Presidência da República, e vocês vão perceber quanta gente vocês precisam convocar para cargos importantes, que vocês não conhecem, porque você passa a trabalhar com referências, até porque só quem poderia ganhar a Presidência e conhecer todo mundo seria Jesus Cristo, mas eu acho que ele não está disposto a isso. Mas as minhas referências eram seguras, como é o caso do Pertence, que eu já conhecia há muito tempo e se prestou a ser meu advogado em 1980, e de outros amigos que a gente vai consultando: quem é fulano? Quem é beltrano? E vai montando a engenharia.

Eu penso que nós estamos descobrindo o seguinte: graças a Deus, o Brasil é um país em formação e as instituições democráticas neste País estão se formando da melhor maneira possível. O grande problema que nós temos é que me parece que também está impregnado nas células de cada brasileiro ou

brasileira falar mal do Brasil e falar bem das coisas de fora. É uma coisa cultural. De vez em quando eu digo: o cidadão bebe uma cerveja feita num país que não tem nenhuma especialidade em fazer cerveja, mas se estiver escrito *made in* não sei o quê, ele acha que é melhor do que a brasileira.

Agora, as instituições brasileiras dão demonstração de vigor e de muita força e elas estão se consolidando. Se a gente for olhar a Advocacia-Geral da União, são apenas 14 anos. É uma adolescente. Na vida humana, a mãe, preocupada, não deixa um adolescente ir ao cinema sozinho, ir ao baile sozinho. A Advocacia-Geral da União já anda sozinha, e o Ministério Público, então? Tem muita gente que se queixa. Agora, todas as vezes que nós olharmos uma deficiência, fechemos os olhos e olhemos o País sem essas instituições. Obviamente que o Brasil seria mais frágil. Obviamente que eu também acho desagradável quando vejo uma pessoa execrada na primeira página do jornal, sem que tenha tido uma apuração correta, apenas porque alguém foi lá e achou que era.

Obviamente que eu tenho dito que toda instituição que tem poder tem que ter mais responsabilidade. É como na família da gente, um filho pode até falar uma bobagem, mas o pai não pode. O pai precisa estar sempre tentando fazer com que o filho não fale bobagem. E com as instituições no Brasil se fortalecendo, nós temos a garantia de que a democracia é, no fundo no fundo, a coisa que mais garante a todos nós o direito de vivermos tranquilos e em paz, porque sempre terá alguém disposto a nos mostrar que a lei nos dá garantias.

Eu me lembro de que, em 1980, quando fui processado – eu não conhecia o Pertence – convocaram o Pertence para ser um dos meus advogados. Em Manaus – Gilmar, preste atenção nisso – um juiz me condenou porque tinham matado um dirigente sindical, e eu fui a um ato, três dias depois, de protesto pela morte do dirigente sindical. Lá no ato, um ato muito tenso, tinha muita gente armada, escondida, e a Polícia Federal estava gravando tudo. Eu disse: olhem, eu acho que não dá mais para a gente ficar chorando os nossos mortos, eu acho que está na hora de a onça beber água. Bem, alguns dias depois, os trabalhadores que já estavam denunciando o suposto mandante do crime do sindicalista, mataram esse suposto mandante. Aí eu fui condenado, como se eu tivesse dado a senha. Eu fui ao julgamento. Cheguei ao julgamento, o Pertence está lembrado, o juiz disse que eu não tinha que ser

condenado porque tinha alguma arma não, eu não tinha que ser condenado porque tinha um canhão, uma metralhadora ou um revólver, eu tinha que ser condenado por causa da minha língua. Seria o primeiro caso em que alguém teria uma língua tão ferina, que merecesse ser condenado.

Naquele tempo, se a gente não tivesse amigos, a gente não teria levado um homem como o Pertence para defender. E o que nós estamos criando, ao longo desses anos? A Defensoria Pública. Para muita gente que pode contratar um bom advogado, pode não parecer nada, mas, para os milhões de brasileiros que não podem nem chegar perto de um advogado, a única coisa que eles conhecem de advogado são aqueles adesivos que vão nos carros: “Se precisar, procure um advogado”, grande coisa. Então, eu queria que vocês refletissem: por que o Brasil tem hoje mais de 600 bilhões de reais de dívida ativa? Eu estou dizendo mais de 600 bilhões de reais de dívida ativa. Por que, no Brasil, ainda hoje, o processo de não pagamento de um imposto qualquer, na transição entre as instituições, demora quase 7 anos na via administrativa? Se nós não começarmos a preparar mecanismos para fazer o Estado ser mais ágil para pagar e mais ágil para receber também, no fundo, no fundo, nós vamos permitindo que aqueles que não querem cumprir com a determinação da lei se utilizem de mecanismos jurídicos para não pagar as coisas que têm que pagar.

O Toffoli dizia uma coisa aqui, logo que nós entramos no governo, o que tinha? Era muito engraçado, meus queridos companheiros, Sarney: um ministro fazia uma lei, a lei chegava ao Congresso e era aprovada. Aí, alguém argüia inconstitucionalidade e a gente ia pedir ao Advogado-Geral da União, que tinha dito que a lei era inconstitucional, para ir defender, contra os seus princípios. Então, passamos a utilizar melhor a democracia, fazendo com que a Advocacia-Geral da União participe da discussão e dê um parecer final aos projetos que a gente vai mandar para o Congresso, para que quando ele tiver que defender, ele não vá defendê-los contrariamente. Esse negócio do cidadão defender uma lei com a qual ele não concordava antes, é como a gente ir ao casamento da ex-namorada, ou ir ao casamento da ex-mulher, é um negócio mais ou menos assim. Portanto, é importante. Mais grave ainda é que muitas vezes tinha uma decisão do governo e um advogado de um Ministério ia à Justiça contra a decisão. Essas coisas foram se ordenando, e precisam ser



ordenadas. Tendo um parecer da Advocacia-Geral da União, o governo, como um todo, os Ministérios, como um todo, são obrigados a acatar, senão você não tem uma referência.

Eu sei que nós precisamos sempre tomar o cuidado de não estar colocando o pé nos sapatos dos outros. Já aconteceu com você, de colocar o pé no sapato dos outros? Às vezes não entra e, às vezes, entra e fica folgado demais. Então, como nós estamos num processo e vocês são todos muito jovens, a própria Advocacia-Geral é uma coisa muito jovem, eu acho que está na hora de construirmos aquilo que falta construir. Nesses 14 anos já tivemos muitos advogados-gerais da União. Eu me lembro que quando o meu querido Pertence era o procurador-geral da República, era assim que se chamava, na época – eu não te contei essa, Sarney, mas eu vou contar – eu fui conversar com o Pertence a respeito de uma CPI de grilagem de terra, em que tinha ofensas e mais ofensas entre você e o Cafeteira, está lembrado? Eu falava assim para o Pertence: mas, Pertence, se tudo o que está escrito aqui for verdade, estamos arrasados neste País. E o Pertence falava: “Lula”, ele me chamava de Lula, na época, “isso aqui, você pode ver, isso é um jogo de palavras, essas coisas, se o advogado, se o Procurador-Geral for levar isso a sério, as coisas vão ficar piores neste País.”

Então, eu gostaria, Toffoli, da indicação de um ouvidor que precisa ter orelhas de elefante, não sei se é o elefante que tem maior sensibilidade para ouvir, mas pelo menos a orelha é. Então, que você possa ser um ouvidor da maior grandeza, para que receba não apenas elogio, porque tem ouvidor que só quer receber elogio. É importante ouvir as críticas, porque é uma forma de a sociedade brasileira se sentir participante de alguma coisa neste País, para ela se sentir parte viva da construção da democracia neste País.

Bem, eu só espero que vocês não discutam aumento de salário, porque vocês viram uma coisa, eu comecei chamando vocês de companheiros. Hoje, eu sou o presidente e vocês pensam que eu sou o patrão de vocês. Mas, daqui a três anos e meio, termina o meu mandato e eu vou receber homenagem, que nem o Pertence recebeu aqui, porque aí eu volto a ser o companheiro e não o patrão, porque sou presidente da República.

Para terminar, o meu discurso não valeu nada aqui, eu queria dizer para vocês: olha, eu fico feliz que vocês estejam se reunindo. Tem gente que não

gosta disso, mas a minha vida toda é resultado disso. Eu sei que vocês vão debater, sei que vocês vão divergir, sei que vai ter coisas importantes. A única coisa de que eu tenho certeza, sem saber o que vocês vão decidir, é que o fato de vocês se reunirem e discutirem o papel da instituição de que vocês participam na sociedade é mais importante e vai produzir muito mais resultado do que se vocês se omitirem de fazer o que têm que fazer.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus abençoe vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante inauguração da Embaixada do Benin em Brasília**

**Brasília - DF, 15 de agosto de 2007**

Eu não ia falar. Entretanto, eu não poderia, neste momento importante na relação entre o continente africano e o Brasil, hoje representado pelo Benin na pessoa do presidente Boni Yayi, deixar de falar na inauguração de mais uma embaixada de um país africano no Brasil.

É importante lembrar que eu fui em fevereiro do ano passado ao Benin. Depois inauguramos, acho que em março, a nossa embaixada no Benin e hoje, um ano e meio depois, o presidente Boni, que não era presidente à época, vem inaugurar a sua embaixada no Brasil. É importante lembrar que o Benin já tem uma Casa na Bahia. Na Bahia já existe a Casa do Benin e o Brasil também tem uma Casa no Benin.

Presidente, eu penso que ao tomar a atitude de montar a sua embaixada no Brasil, o Benin demonstra que a amizade construída entre os nossos dois países é uma amizade que veio para ser duradoura. Eu, particularmente, estou convencido de que o Brasil pode ajudar o seu país, pode ajudar oferecendo projetos, parcerias em ciência e tecnologia, e com a experiência que o Brasil tem em várias áreas, para que possamos ajudar o Benin e outros países a se desenvolverem.

Creia, presidente Boni, que o carinho que o Brasil tem pela África, que durante tanto tempo ficou adormecido, esse carinho agora está de pé e mais vivo do que nunca. Primeiro, porque o Brasil tem laços históricos com a África. A dívida que o Brasil e outros países da América têm com a África é uma dívida impagável, não é possível quantificá-la do ponto de vista financeiro, mas é importante que essa dívida seja paga com a retribuição daquilo que os africanos fizeram por vários países da América Latina e da América do Norte e,



sobretudo, para o nosso Brasil.

Eu digo sempre que o Brasil deve o seu jeito de ser à mistura extraordinária de africanos, europeus e, em primeiro lugar, aos índios brasileiros, que já eram donos disso aqui. Dessa miscigenação saiu o jeito alegre do povo brasileiro, saiu a nossa cor, saiu a nossa música com a mistura da música africana, saiu parte da nossa religião, saiu um pouco da ginga do povo brasileiro, da beleza, da alegria do povo brasileiro.

Então, o que nós queremos fazer com o continente africano – eu já viajei para 17 países, em outubro estarei visitando mais 5 países africanos e, para o próximo ano, mais um pouco de países africanos, e depois mais um pouco, até ver se completamos todo o continente africano – é apenas a retribuição, com um gesto de carinho, com um gesto de política de solidariedade, daquilo que nós recebemos do povo africano.

Eu me lembro até hoje do carinho que recebi quando estive no seu país. Eu me lembro do carinho das mulheres e dos homens e, sobretudo, de um país que tem escravos que voltaram para o Benin. Lá tem muitos Silva, tem muitos Souza, muitos Santos. A esposa dele, mesmo, que está aqui do meu lado, tem o nome Souza, portanto, as raízes dela estão incrustadas neste País, porque foram os seus antepassados que voltaram do Brasil para a África e construíram uma nova geração, uma mistura de Benin com brasileiro, o que dá um povo com a mesma alegria que vocês tem no Benin.

O Presidente amanhã vai a São Paulo e depois à Bahia. São dois estados totalmente diferentes. Um estado é muito desenvolvido e representa quase metade de todo o PIB brasileiro, e a Bahia, que também é um estado grande, é o estado mais africano que nós temos no País. A Bahia é onde os negros mais se encontraram, é onde os negros têm orgulho da sua cor, é onde os negros têm orgulho de se dizerem afrodescendentes, e é um estado com uma capital extraordinariamente bonita.

Portanto, eu queria dizer, Presidente, faça as suas reuniões de trabalho,



conheça um pouco o Mercado, lá em Salvador, vá conhecer o governador, que é um companheiro do nosso partido, mas não deixe de comer um acarajé, não deixe de conhecer algumas mães-de-santo que tem em Salvador, porque a religião afrodescendente é uma coisa muito forte em Salvador.

No mais, agora, toda vez que eu tiver saudade do Benin, eu telefonarei para o Celso Amorim, ele ligará para o embaixador, e o embaixador vai me convidar para vir aqui. Eu vou olhar a bandeira do Benin e me sentir como se estivesse no Benin.

Meus parabéns e boa sorte.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita de Estado do Presidente do Benin, Boni Yayi**

**Palácio do Planalto, 15 de agosto de 2007**

Excelentíssimo senhor Boni Yayi, presidente da República do Benin,  
Senhoras e senhores ministros de Estado integrantes da comitiva da República do Benin e do Brasil,  
Senhoras e senhores,

Ao dar as boas vindas ao presidente Boni Yayi, em Brasília, me vem à memória a visita que fiz a seu país, em fevereiro do ano passado. Foi um reencontro afetivo e cultural com as raízes de milhões de brasileiros, que são também minhas.

Na histórica cidade de Ouidah, fui recebido com música e festa muito familiares. Bonecos gigantes e dançarinos mascarados me fizeram lembrar do carnaval do Recife, capital de meu estado natal.

Encontrei-me com descendentes de brasileiros, os agudás. Eram Souzas, Almeidas, e Silvas, como eu. Cantamos, em português, cantigas do Brasil levadas para a África. Uma vez mais, ficou clara para mim a profunda identidade entre brasileiros e africanos.

A presença, nesta visita ao Brasil, da Primeira-Dama do Benin – da família Souza – é mais uma evidência dos laços que nos unem.

Caro presidente Yayi,

O continente africano vive uma fase de renascimento.

Vossa Excelência ilustra essa renovação. Um líder jovem, mas com ampla experiência internacional, à frente de um governo transparente e implacável no combate à corrupção, preocupado com o caminho do progresso econômico e social do seu país.

O Brasil tem o dever de contribuir para a plena realização desse renascimento africano, por meio de uma parceria solidária para o desenvolvimento.

Todos sabem da importância que dou aos biocombustíveis. Confio

plenamente que o etanol e o biodiesel irão democratizar a produção energética no mundo, proteger o meio ambiente e servir de instrumento de desenvolvimento de nossos países, criando empregos, renda e novas oportunidades, sobretudo em países como o Benin, cuja maioria da população vive no campo.

Por isso, assinamos acordo para cooperação na área de biocombustíveis. Oito especialistas do Benin serão capacitados nas diversas etapas da produção do etanol, a partir da cana-de-açúcar.

Estamos também analisando possibilidades de cooperação com o Benin na construção de hidrelétricas e na eletrificação rural. Vou determinar à Petrobras estudar cooperação para o desenvolvimento petrolífero do Benin.

Os empresários brasileiros, por sua parte, saberão aproveitar as oportunidades que se abrem no Benin. Os encontros que Vossa Excelência terá em São Paulo e Salvador poderão ser o começo de bons negócios para os dois lados.

Espero, ainda, que avancem os entendimentos do Porto de Cotonou com o Porto de Santos, relativos à transferência de tecnologia e à formação de quadros.

O presidente Yayi tem especial preocupação com o bem-estar do povo de seu país. Também nisso coincidimos.

Por isso, vamos continuar compartilhando nossa experiência com programas como o Bolsa Família, para que possam ser adaptados à realidade e às necessidades de seu país.

Em matéria de saúde, estamos prontos a ajudar o Benin na prevenção e combate à Aids e à malária.

Na área científica, o Benin será o primeiro país africano não-lusófono a se beneficiar de nosso programa Pró-África. A primeira iniciativa será na área da matemática.

Para consolidar e enriquecer os laços que nos unem, precisamos intensificar os contatos culturais entre nossos países. Temos que trazer para o Brasil a produção cultural do Benin e levar mais a cultura brasileira ao Benin.

Senhoras e senhores,

O Brasil quer cooperar na produção do algodão do Benin, cuja cultura e beneficiamento fazem parte também da história de nosso desenvolvimento

econômico. A recente visita, ao Brasil, de seu Ministro de Indústria e Comércio ajuda nessa aproximação.

A cultura do algodão nos une também na OMC. É parte de nossa luta comum por um comércio internacional mais eqüitativo. O Benin tem sido um grande aliado do G-20 no combate aos subsídios agrícolas concedidos à cultura do algodão nos países desenvolvidos.

O Brasil acredita firmemente no multilateralismo. Queremos que os países em desenvolvimento participem mais, e em melhores condições, das grandes decisões internacionais. Que desfrutem de maneira mais igualitária da riqueza mundial.

Como parte desse esforço, continuamos lutando pela reforma da ONU e do seu Conselho de Segurança. Agradeço publicamente o apoio do presidente Yayi à presença do Brasil como membro permanente de um Conselho ampliado.

Estou certo de que o estabelecimento do mecanismo de consultas políticas entre nossos dois países ajudará a forjar novas parcerias bilaterais e em temas de interesse mútuo nas agendas regional e internacional.

Caro amigo presidente Boni Yayi,

O legado africano ao Brasil dá vigor à sociedade brasileira. Devemos à África grande parte da força de nossa cultura, da alegria e do dinamismo do nosso povo.

A política externa brasileira parte do reconhecimento do valor de nossos laços humanos e da importância da contribuição africana à formação do povo brasileiro. Mas também conhecemos o potencial de benefícios que a aproximação entre o Brasil e a África pode trazer para todos nós, brasileiros e africanos.

Sua visita ao Brasil se encerrará em Salvador. Na cidade mais negra do Brasil, onde o Brasil tem suas origens, Vossa Excelência há de experimentar a mesma emoção que tive ao visitar o Benin: o orgulho de nosso passado comum e a esperança de um futuro ainda mais unido.

Obrigado, Presidente.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia alusiva à visita às instalações do Campus Educacional do Colégio Pedro II**

**Rio de Janeiro-RJ, 16 de agosto de 2007**

Eu estou colocando os óculos para vocês pensarem que eu virei intelectual agora, para ficar mais chique.

Eu quero começar cumprimentando o nosso querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e dizer ao povo do Rio de Janeiro uma coisa muito séria: nós poderíamos ter feito pelo Rio de Janeiro, no primeiro mandato o mesmo que estamos fazendo agora. Agora, fazer política, fazer parceria com o governo do estado é como casamento: só há casamento se os dois quiserem. Se um só quiser, não vai ter casamento. E aqui era difícil, Sérgio, o governo federal entrar porque, me parece, que as pessoas que governavam não queriam que nós ajudássemos. Na medida em que a gente encontra um governador que é parceiro, que é companheiro e que não tem medido esforços para construir parcerias, pode ficar tranquilo, Sérgio, que o Rio de Janeiro será sempre tratado com a grandeza que o Rio de Janeiro representa para 190 milhões de brasileiros e com a grandeza que o Rio de Janeiro representa para o mundo.

Quero cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Quero cumprimentar o meu companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República e também professor da rede pública brasileira, antes de virar do governo,

Quero cumprimentar o nosso parceiro, senador Francisco Dornelles,

Quero cumprimentar o professor Wilson Choeri, diretor-geral do Colégio Pedro II,

Quero cumprimentar os deputados federais Carlos Santana, Chico D'Angelo, Edson Santos, Jorge Bittar, Luiz Sérgio, Miro Teixeira, Simão Sessim,

Quero cumprimentar as senhoras secretárias e os senhores secretários

estaduais que estão aqui,

Quero cumprimentar os prefeitos Carlos Pereira, de Tanguá; Godofredo Pinto, de Niterói; Lindberg Farias, de Nova Iguaçu; e Washington Reis, de Duque de Caxias,

Quero cumprimentar o diretor do Campus Educacional do Colégio Pedro II, unidade de Realengo,

Quero cumprimentar minhas queridas e meus queridos alunos do Colégio Pedro II da unidade Realengo,

Meus amigos jornalistas,

E, também, me desculpem, eu ia deixando de cumprimentar uma figura simbólica, aqui, o nosso querido padre João,

Quero, obviamente, cumprimentar os secretários municipais, os vereadores,

Quero cumprimentar o movimento social, aqui representado,

Quero cumprimentar os companheiros mata-mosquitos, que estão aqui. Eu nem coloco repelente, que é para eles encostarem perto de mim,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu vou ler umas coisinhas aqui e depois eu vou falar umas coisinhas sem ler, que fica melhor para mim e, certamente, eu acho, para vocês.

É com imenso orgulho de brasileiro e presidente da República que participo da inauguração da nova unidade do Colégio Pedro II, aqui em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, onde vivem mais de 1 milhão de habitantes. Onde existia uma fábrica de munição agora se ergue uma escola pública de excelência, democratizando aos mais pobres o ensino de qualidade, integrado à educação profissional dos nossos jovens. A educação que gera oportunidades é a resposta democrática contra a violência, o desalento e a exclusão.

O Pedro II é uma referência dessa escola pública que temos o desafio e a obrigação de oferecer à infância e à juventude brasileira. Falo de uma educação que contribua para superar as desigualdades, que se abra às novas gerações como uma base sólida na qual todos passam adquirir conhecimento e valores compartilhados. O Colégio Pedro II nasceu no século XIX como uma instituição de elite do Brasil imperial, mas soube se adequar à história e às

demandas do nosso tempo, democratizando suas estruturas, sem renunciar à sua qualidade.

É justamente esse o grande desafio brasileiro do século XXI. Trata-se de somar energias democráticas para construir uma educação digna de ser chamada “uma educação de todos”, porque é republicana, competente e geradora de oportunidades. O Pedro II figura nas listas do Enem como um dos melhores colégios públicos do País. Honra, assim, à missão mais importante da escola, num ambiente de profundas desigualdades sociais como o nosso. Ao lado do desenvolvimento, a escola é o caminho decisivo para recompor o que a injustiça dividiu e a indiferença secular deixou aprofundar.

No Pedro II estudaram presidentes da República, como Washington Luís, estudaram intelectuais, como Euclides da Cunha, estudaram poetas, como Manuel Bandeira. Possivelmente, hoje figure entre vocês, meus queridos jovens e crianças desta Zona Oeste do Rio de Janeiro, quem sabe entre vocês esteja um futuro chefe de Estado, um grande escritor e um inspirado poeta da alma brasileira.

Porém, o mais importante é que estarão todos freqüentando a mesma sala de aula, aprendendo a falar a mesma língua, a olhar o mesmo horizonte dos desafios nacionais e a enxergar no País não uma terra devoluta, de irmãos apartados pela injustiça e cegos pela indiferença, mas um espaço comum de construção do bem-estar coletivo.

A convivência republicana proporcionada pela escola pública interessa a todos os brasileiros, porque não privilegia ninguém. E porque não semeia o privilégio, beneficia tanto o filho do trabalhador quanto o jovem da classe média e a criança nascida em berço generoso. Não podemos atribuir à escola pública a missão solitária de corrigir o déficit de solidariedade de um povo, mas tampouco podemos aceitar, como se fez no passado, que ela se transforme num espaço de reprodução dos nossos desequilíbrios sociais.

Essa convicção orienta nosso compromisso de retomar o projeto de construção da escola pública brasileira no século XXI. Para isso, o orçamento do MEC, este ano, é o maior da nossa história. O Fundeb, o ProUni e o Programa de Desenvolvimento da Educação, o PDE, são a nossa resposta a quem pensa que a qualidade é incompatível com a democratização das oportunidades. A preocupação de elevar a qualidade da escola pública

brasileira faz do PDE o mais abrangente plano já concebido para o ensino público deste País. Todos os níveis de escolaridade estão contemplados, desde a alfabetização à pós-graduação, passando pela educação infantil, o ensino fundamental, o médio, a escola técnica e a educação superior. Trabalhamos, governo e sociedade, pela melhor qualidade da escola pública em nossa terra, fazendo com que venha a ser, cada vez mais, a exemplo do Colégio Pedro II, um caminho de formação e justiça para a infância e a juventude deste nosso querido País.

Meus amigos e minhas amigas, professores, funcionários e estudantes,

O que nós estamos fazendo aqui é provando que este País pode fazer muito mais pelo seu povo do que já fez. A primeira mudança que nós fizemos, quando entramos no governo, foi parar de discutir, na reunião ministerial, que cada centavo que o ministro pedia para a educação fosse contabilizado pelo ministro da Fazenda como gasto. E era uma situação muito engraçada, porque chegava um empresário e pedia 1 bilhão emprestado, era investimento; tinha uma crise na agricultura, a gente emprestava dinheiro, era investimento; e quando se tratava de educação colocava-se como gasto.

Eu quero dizer para vocês que hoje o que predomina no governo é a tese de que não existe nenhum investimento mais sagrado do que o investimento na educação, na formação das nossas crianças, na formação do nosso povo. Porque não existe patrimônio maior que um governante ou o Estado possa oferecer ao seu povo do que a qualidade do seu aprendizado, da sua formação e do seu conhecimento.

Lamentavelmente – e não gostaria de estar dizendo isso agora, mas vou dizer –, um grupo muito pequeno de uma elite conservadora, nunca aceitou, em tempo nenhum, que os pobres fossem tratados iguais a eles. Mesmo que a gente não tirasse nada deles, mesmo que a gente não tirasse um centavo dos benefícios que eles recebiam, eles não admitiam que o pobre tivesse as coisas com a mesma qualidade, nunca admitiram, porque para eles pobre tinha que continuar pobre, sem oportunidades, sem chances de se transformar em grandes personalidades deste País. Na cabeça deles, o lugar de destaque no cenário político, no cenário acadêmico, nas grandes profissões e nos grandes empregos era apenas para uma pequena parcela da sociedade.

E eu, que não tenho orgulho disso, pelo contrário, eu tinha vontade de

ser um doutor mas, pelas circunstâncias, não pude ser, eu digo para vocês que aprendi desde muito cedo que não existe no mundo, não existe no Planeta nada que garanta mais a igualdade de oportunidades do que colocar lado a lado, no banco de uma escola, o filho da patroa e o filho da empregada doméstica, para saber quem é que sabe mais.

Aqui, meus companheiros, nós estamos quebrando alguns tabus e, muitas vezes, somos incompreendidos. Em 2004 eu tive, pela primeira vez, acesso a uma coisa chamada “Olimpíada da Matemática”. Naquele tempo não tinha quase escola pública participando, eram só escolas particulares. E participavam mais ou menos 270 mil crianças da Olimpíada da Matemática. O Fernando Haddad era secretário-executivo do Ministério da Educação, o Tarso Genro era o ministro da Educação, eu chamei os dois e perguntei: por que a gente não pode fazer Olimpíada da Matemática na escola pública? Eles disseram: “Vamos fazer”. Mas logo apareceram aqueles que não acreditam que o povo mais humilde tem condições ou tem vontade e começaram a dizer para nós: “Não vai dar certo, a escola pública não vai participar, as crianças não vão se interessar. A criança pobre vai na escola pública atrás da merenda escolar, não vai ter interesse”. “Vamos testar se vai ter interesse ou não”, e abrimos a primeira inscrição. Em 2005, inscreveram-se 11 milhões de crianças para a primeira Olimpíada de Matemática da escola pública deste País. Dez milhões participaram, das 11 milhões inscritas. Chegou 2006, “vamos repetir a dose”. Aí era época de eleição, a Justiça Eleitoral não deixou a gente colocar nem cartaz nas escolas convidando para as Olimpíadas, e as pessoas diziam: “Vai ser um fracasso, o MEC não podia fazer divulgação, as escolas não podiam fazer divulgação, então, se ninguém sabe, não vai ter inscrição”. Inscreveram-se 14 milhões de crianças, 3 milhões a mais do que no primeiro ano. Pois bem, chegou 2007, vamos abrir as inscrições. Chagas, sabe quantas crianças se inscreveram? Dezesete milhões e 300 mil crianças. Crianças, jovens, adolescentes e o que mais vocês quiserem.

Isso prova apenas uma coisa: esse povo, por mais humilde que seja, por mais pobre que seja, que more no lugar mais degradado deste País, só vira bandido, e uma menina só vira prostituta, porque o Estado, até agora, não ofereceu outro caminho para esses jovens seguirem, não estendeu a mão. Depois, fica muito mais caro cuidar de um jovem delinqüente, de uma menina

grávida precocemente do que cuidar dela na idade certa, dando a educação correta. É muito mais barato, é muito mais produtivo e é muito mais enriquecedor para o Estado brasileiro.

Entretanto, companheiros, lamentavelmente as coisas não são compreendidas assim. Eu me lembro de que quando nós lançamos o ProUni – que foi uma revolução criadora desse jovem ministro da Educação – para isentar as universidades particulares de uma certa quantidade de impostos e transformar a quantia que elas não iriam pagar de impostos em bolsa de estudos para jovens pobres da periferia da escola pública – não foram poucos os artigos que eu li, de pessoas que diziam: “O governo nivela o ensino por baixo, o governo rebaixa o nível do ensino, colocando o pobre na universidade”. Pois bem, meus companheiros, como mentira tem perna curta, passaram-se apenas dois anos para que o Ministério fizesse o teste para medir a qualidade dos estudantes brasileiros. Em 14 matérias, incluindo Medicina, Engenharia, Arquitetura, os melhores alunos foram os alunos do ProUni, alunos pobres que tiveram acesso à universidade brasileira.

Pois bem, é lamentável que a gente não tenha todas as escolas públicas brasileiras com a qualidade do Pedro II, mas também é verdade que o Pedro II, que foi criado no século XIX – este sino só badalava para o Imperador quando vinha aqui, e hoje badalou para um súdito do Imperador – é gratificante saber que o que a gente está fazendo aqui – embora a escola pública, no ensino fundamental, seja da responsabilidade dos estados – é importante saber, meu querido Governador, que a gente pode, em parceria, construir muitos Pedros II por este País para permitir que as crianças mais humildes tenham oportunidade de aprender numa escola que seja prazerosa, numa escola que dê a elas a chance de ser um doutor, de ser um presidente da República, e eu sou o melhor exemplo para vocês. Quando vocês estiverem desesperados – e isso vale para as meninas e para os meninos –, quando vocês estiverem passando necessidade e disserem “não vale a pena, eu vou desistir”, vocês têm que lembrar: este País conseguiu eleger um presidente da República que não tem diploma universitário, tem apenas um curso do Senai, este presidente perdeu quatro vezes, poderia ter desistido e voltado para casa com o rabo no meio das pernas, que era isso que o preconceito deste País exigia. Entretanto, eu fui à luta e virei presidente da República deste País. E, se valeu para mim,

vale para vocês porque vocês não são inferiores.

O que vocês não podem é desanimar, porque a vida humana é muito curta, mas é a coisa mais extraordinária que Deus nos deu. E nós precisamos fazer dela uma vida alegre a cada dia, jogar a tristeza pela janela, não é jogar embaixo do tapete, não, é pisar em cima dela todo dia, porque o jovem não tem o direito de estar triste. Quando a gente está na minha idade, com 61 anos, que a morte está chegando perto, a gente tem o direito de ficar triste, mas quando se é um adolescente, com a vida inteira pela frente... Obviamente que quem joga bola com 16 anos pode virar um grande craque, que é uma das chances que o pobre tem na vida, e a segunda chance é a formação de vocês.

Eu queria pedir às meninas e aos meninos do Pedro II: não joguem essa oportunidade fora. Se vocês estiverem em casa e o pai e a mãe de vocês estiverem brigando, digam: “Pelo amor de Deus, pai e mãe, parem de brigar que eu estou estudando no Pedro II e quero ser alguém na vida. Me ajudem a ser alguém na vida”. Na hora em que vocês estiverem desanimados, na hora em que vocês não acreditarem mais em nada, na hora em que vocês disserem “esse Lula não vale nada, esse governador não vale nada, esse ministro não vale nada”, na hora em que vocês estiverem escolhendo o político perfeito, pelo amor de Deus, não aceitem a tese daqueles que recusam a política, porque a desgraça de quem não gosta de política é de ser governado por quem gosta, e se quem gosta for a minoria, vocês sempre serão governados pela minoria.

E quando vocês estiverem angustiados, lendo o jornal: “Fulano não presta, sicrano não presta, beltrano não presta”, primeiro vejam se acreditam na notícia. Segundo, quando vocês estiverem procurando político honesto, olhem para dentro de vocês, conversem com a consciência de vocês, falem um pouquinho com o coração de vocês e, quem sabe, o político perfeito que vocês desejam está dentro da cabeça e da alma de cada um de vocês.

Boa sorte, muito obrigado e que Deus abençoe todos vocês.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Uned Guarus**

**Campos dos Goytacazes - RJ, 16 de agosto de 2007**

Sérgio, deixe-me dizer uma coisa para você, antes de começar a falar. Antes de eu cumprimentar o povo de Campos, eu queria dizer, Sérgio, que você nunca mais fique nervoso com o pessoal que protesta ali. Sabe por quê? Esse pessoal é tão jovem e tão desprovido de consciência política que eles vêm protestar com nariz de palhaço, quando o palhaço é uma coisa alegre, é uma coisa fantástica. Eles precisariam arrumar uma outra coisa para protestar, porque daqui a pouco vai haver um movimento dos palhaços, que são a alegria de milhões de crianças, com o comportamento dessa gente.

Eu queria, Sérgio, te cumprimentar,

Querida cumprimentar o Fernando Haddad,

Querida cumprimentar o meu companheiro Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da República,

Querida cumprimentar os deputados, Arnaldo Vianna, Chico D'Angelo, Jorge Bittar, Luiz Sérgio, Miro Teixeira, Simão Sessim,

Quero cumprimentar o Alexandre Mocaiber, prefeito de Campos,

Quero cumprimentar todos os prefeitos da região,

Quero cumprimentar os secretários estaduais, os secretários municipais, os vereadores,

Quero cumprimentar o Luiz Augusto Caldas Pereira, diretor-geral do Cefet de Campos,

Quero cumprimentar o Leandro Souza Crespo, diretor da Uned Guarus,

Quero cumprimentar a senhora Cibele Daher, vice-diretora do Cefet Campos,

Quero cumprimentar o nosso querido Rogério Menezes Batista, aluno de Eletrônica do Proeja,

Quero cumprimentar o Milton Marques, presidente da Federação das Associações de Moradores de Campos dos Goytacazes,

Quero cumprimentar os secretários municipais,



Quero cumprimentar os vereadores,

Quero cumprimentar mulheres e homens aqui presentes,

Permita-me, Sérgio, eu queria ter uma prosa com o Rogério e queria ter uma prosa com as meninas e os meninos que estão aqui, mas, sobretudo, com as mães que estão aqui. Sérgio, uma coisa importante que eu vi aqui é que o Rogério tem 29 anos e estava fazendo um discurso nervoso, porque talvez seja a primeira vez, não é Rogério? Então, eu queria te dizer, Rogério, que quando eu fui fazer o meu primeiro discurso, eu tinha 30 anos, não consegui ler porque minhas pernas tremiam muito, e eu tive que me sentar. Você está melhor do que eu, portanto, você pode ir muito mais longe do que eu fui.

Segundo, Rogério e querido Sérgio. Fique em pé aqui, Sérgio, não sei porque você vai sentar. Eu vou te contar uma história de vida e vou contar para o Rogério. Primeiro, cada pai e cada mãe que está aqui presente não tem como realização maior da vida deixar uma casa ou um carro para o filho. O que todo pai e toda mãe deseja é deixar o filho com uma profissão, porque sabem que, a partir dessa profissão, esse filho vai encontrar o seu caminho. Não tem nada mais sagrado do que uma mãe e um pai terem consciência de que podem morrer, sabendo que seu filho ou sua filha está bem encaminhado na vida. Essa é a coisa mais sagrada. E não existe nada mais sagrado para uma mãe do que a oportunidade de colocar seu filho em uma escola, não só porque ele está aprendendo uma profissão, mas porque a mãe e o pai têm consciência de que quando o adolescente está na escola, ele não está nas ruas sendo aliciado pelo narcotráfico, sendo aliciado pelo crime organizado ou tentando a fazer alguma arte na vida.

Eu digo isso para vocês porque eu sou filho de pai e mãe analfabetos. Minha mãe se separou do meu pai com oito filhos e criou os oito filhos. Eu fui o primeiro dos oito filhos – eu era o caçula – a ter o diploma primário. Depois, fui o primeiro a ter um diploma do Senai. Formei-me torneiro mecânico e me lembro do orgulho, quando a minha mãe – eu, com 14 anos de idade – pegou na minha mão, ela tinha sabido que tinha um teste no Senai para jovens aprenderem uma profissão. Andamos quase 8 quilômetros a pé, porque não tinha dinheiro para pagar o ônibus. E eu me inscrevi no Senai, fiz um teste, passei e virei torneiro mecânico. Por conta desse diploma profissional, eu fui o

primeiro filho da minha mãe a ter uma casa, fui o primeiro a ter um carro, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro a ter uma televisão e fui o primeiro filho da minha mãe a ganhar mais que oito salários mínimos, por conta da profissão que aprendi no Senai. E, por conta disso, entrei numa empresa grande; e por conta disso, entrei no sindicato; e por conta disso, virei presidente da República deste País.

Eu, Sérgio, quero falar diretamente para o Rogério e para as pessoas que são adolescentes e que estão aqui. Quanto a gente tem 19 anos não dá importância para as oportunidades que aparecem na nossa frente, porque como a gente é muito jovem, acha que os nossos pais são ultrapassados e, muitas vezes, acha que não precisa seguir a orientação dos velhos porque os velhos não sabem nada. Muitas vezes, a gente perde a oportunidade de fazer alguma coisa, no caso do estudo, porque a gente é muito jovem e acha que a vida nunca vai acabar, que nunca vai ter problema, a gente não sabe o que é casar, não ter uma profissão e ter que sustentar mulher e filhos. A gente não sabe o que é, Rogério, a diferença de um trabalhador com profissão procurar emprego e um trabalhador sem profissão. Um trabalhador com profissão, deixa o currículo e tem chance de ser chamado em sua casa. Um trabalhador sem profissão, ele anda o dia inteiro, afina as canelas, e as pessoas só falam que não tem vaga, que não precisa e que não vai dar oportunidade.

Pois bem, eu sou o primeiro presidente da República deste País que não tem diploma universitário. Este País já teve muitos generais, este País já teve muitos engenheiros, muito doutores. Nada contra os doutores, pelo contrário, eu tenho vontade de ser um, não dá mais tempo para entrar no Cefet, porque iria tomar a vaga de vocês. A minha única preocupação é que, muitas vezes, as pessoas que governaram este País, por terem tido todas as oportunidades que a vida lhes ofereceu, às vezes por terem herdado do pai ou da mãe o que eles tiveram, sem muito sacrifício, eles ganharam as eleições, foram presidentes, foram governadores e, muitas vezes, esqueceram que tinham que dar para o povo pobre deste País as oportunidades que eles receberam de outros governantes. Eles esqueceram o quanto é sagrado, para a independência de um ser humano, uma profissão. Eles esqueceram o quanto é sagrado para um trabalhador poder trabalhar e, chegar no final do mês, ter o dinheiro para sustentar condignamente a sua família, sem precisar ficar em

programas auxiliares do prefeito, do governador ou do presidente da República. E essa coisa, Rogério, só pode ser feita com a educação, não existe outro milagre. A não ser que você tinha a sorte de ser um bom jogador de bola mas, com a idade que você está, o Flamengo ou Vasco não vão mais te contratar. Então, meu filho, 29 anos para jogar bola, nem o Americano vai te pegar mais. Agora, se é verdade que 29 anos para jogar bola é uma idade ultrapassada, 29 anos para a vida profissional é o começo da tua vida, meu querido Rogério.

E é o começo da vida dessas meninas que estão ali na janela. É o começo, porque eu sei como é a cabeça da mãe e do pai. Eu sei a alegria, eu sei o prazer, a satisfação de dizer: “Olha, eu tenho cinco filhos e todos já têm um diploma universitário, que eu não tive a oportunidade de ter, esse é o maior legado que eu quero deixar para eles, de terem tido na vida mais oportunidades e mais chances do que eu tive, garantir que eles possam estudar”. Então, Rogério, eu quero dizer a todos vocês que têm oportunidade de estudar: Pelo amor de Deus, não deixem de estudar. Porque, hoje, para arrumar emprego numa loja, por mais simples que seja o serviço, vão exigir de vocês o diploma de segundo grau, vão exigir de vocês que conheçam internet, que conheçam computador, que conheçam informática; vão exigir de vocês um monte de coisas. No meu tempo, quando a gente tinha segundo grau, era quase doutor dentro da fábrica. Um ferramenteiro, um torneiro, uma mandrilador, um desenhista, eram top de linha dentro das fábricas. Hoje, isso é pouco, meu filho.

Então, faça o que o teu pai não teve a oportunidade. Enquanto você é jovem, não tenha preguiça de se levantar para estudar, você não tem o direito de desanimar, Rogério. Quando a coisa estiver mais desgraçada, levante a cabeça e diga: “Eu posso vencer, eu vou vencer”, porque você não pode desanimar. Se sofrer revezes na vida fosse desanimar, eu não seria nada, porque eu perdi três eleições na minha vida. Quando eu chegava em casa, depois de uma derrota, falavam assim para mim: “Lula, desiste. Você não percebe que o povo não vai votar em você? Desiste.” E eu teimava, teimava. Quanto mais apanhava, mais eu levantava. Hoje, estou aqui e agora, Rogério, eu quero provar que governar um país não depende da quantidade de diplomas universitários, depende do compromisso com o povo que esse presidente tiver, depende do compromisso social que ele tiver.

E aí, Rogério, eu quero te dizer, meu filho, se você estudar, se formar condignamente, você vai trabalhar e vai poder cuidar dos teus filhos com muito mais dignidade do que o teu pai, por mais que ele tenha feito e cuidado de você, porque você vai ser um profissional, vai ter uma carteira carimbada com uma profissão. Então, em qualquer lugar que você chegar, seja no Rio de Janeiro ou em Pernambuco, tendo uma profissão, você tem chance de arrumar emprego. Se você não tiver uma profissão, você não tem chance. Então, meu filho, pegue esta oportunidade aqui, como o Ronaldinho pegou a de jogador de bola. Não largue, seja um craque, que você vai entrar para a seleção dos homens bem-sucedidos deste País.

E, agora, uma conversa com as meninas que estão aqui. Para a mulher, a profissão é muito mais sagrada, porque uma mulher deve viver com um homem por amor, porque ela quer, não por dependência econômica. Se a mulher não tem uma profissão, se ela casa e tem filhos sem profissão, vai ficar dependendo do marido. Se o marido for um cara bom, e Deus ajude que sejam todos, ótimo. Mas, se o marido for um daqueles que bebe umas e quer descarregar na mulher, se o marido for um daqueles que recebe o salário e gasta jogando sinuca antes de chegar em casa, se o marido for um daqueles que não cuida da família direito, se a mulher não tiver uma profissão, ela sofre, muitas vezes apanha do marido, porque não tem para onde ir com dois ou três filhos. Agora, se a mulher tiver uma profissão, aí do marido que chegar em casa e gritar com a mulher, porque ela vai estar com o nariz mais empinado do que ele. Ela vai dizer para ele: “Olhe, meu filho, eu estou contigo porque gosto de você, estou contigo porque você me trata bem, mas não seja grosseiro comigo, não, que eu não preciso do teu dinheiro para cuidar dos meus filhos, eu não preciso do teu dinheiro para sobreviver”. É essa independência que vai criar a sociedade que nós precisamos, é essa independência que vai formar, no século XXI, um Brasil melhor do que aquele que nós tivemos no século XX.

Rogério, só para você ter idéia, a gente passou quase 20 anos criando poucos empregos neste País. Neste ano, em sete meses, criamos 1 milhão e 200 mil empregos, com carteira profissional assinada. O Rio de Janeiro é prova, Sérgio, desse crescimento. E eu queria, outra vez, chamar este companheiro aqui. Vejam uma coisa, analisem o que eu e este companheiro fizemos juntos em sete meses, e analisem o que foi feito neste estado nos

últimos oito anos. Analisem. Sabem por quê? Porque este homem é um homem de bem, não é um homem de preconceito, não é um homem que está governando o Rio pensando na próxima eleição. Ele sabe, pela formação que teve do pai ou da mãe, que tem que governar o Rio pensando em cumprir tudo aquilo que ele prometeu quando estava disputando as eleições. E é por isso que ele não pensa no que vai acontecer depois de 2010, porque a mesquinha pensa isso. Teve um outro aí, que só pensava isso, teve um outro que não queria conversar, que não queria negócio, era ódio para tudo quanto é lado. E com ódio, a gente não vai a lugar nenhum.

O Sérgio sabe, ele é governador do Rio, eu sei, eu sou presidente, que a gente pode ajudar, eu sei que o Rio precisa de ajuda. E não se trata de eu ser do partido do Sérgio ou não, trata-se de eu entender que o Sérgio é um homem de bem, um homem honesto, e o governo federal tem que tratar o povo do Rio com respeito. É por isso, Sérgio, que você pode ficar tranqüilo, porque da parte do governo federal, nós vamos tratar o Rio com o carinho que o Rio de Janeiro merece, com a importância que o Rio de Janeiro merece, porque nós sabemos que este estado é muito sofrido. Muitas vezes, a gente faz coisas boas aqui e não aparece na imprensa. Mas, quando é uma desgraça, fica uma semana inteira na imprensa, porque há uma predisposição para notícias ruins. Não tem importância, meu querido Sérgio, nós vamos trabalhando, porque, na hora em que a gente vai plantando, o povo percebe que está brotando e que aquilo vai dar frutos.

E escola, Sérgio, eu vou repetir os dados que o Fernando Haddad disse: de 1909 a 2002, em 93 anos foram feitas 140 escolas técnicas. Nós vamos, em 8 anos, fazer 214 escolas técnicas neste País. Nós vamos fazer, em 8 anos, quase duas vezes o que foi feito em 97 anos. Sabe por que, Sérgio? Porque eu quero que essa meninada tenha a oportunidade que eu não tive. Eu quero que essa meninada não tenha que escolher entre o narcotráfico ou a prisão, eu quero que essa molecada escolha ser honesto, ser trabalhador e cuidar da sua família, tratar bem o seu pai, tratar bem a sua mãe, porque se a família estiver agregada, se a família estiver em harmonia, Sérgio, tudo o mais vai maravilhosamente bem neste País.

Política é como time de futebol: o jogador que está no banco, na reserva, ele fica sempre torcendo para que aconteça alguma coisinha com o que está

jogando para ele entrar. Os políticos que estão fora, a tal da oposição, ficam torcendo para você não dar certo, ficam torcendo para o prefeito não dar certo, o que é uma desgraça, porque quando eles torcem para a gente errar, quem perde é o povo. Ou seja, eles têm que torcer para a gente acertar, eles têm que torcer para você fazer o melhor.

Eu quero dizer ao povo de Campos que, se depender do governo federal, nós vamos fazer do Rio de Janeiro, e eu dizia para o Sérgio, na campanha: a nossa relação vai fazer para o Rio de Janeiro o que não foi feito nos últimos 30 ou 40 anos, porque este estado tem importância. E quero dizer para vocês que, quando terminar o meu mandato, o único legado que eu quero deixar para este País, a única coisa de que eu quero me orgulhar, de verdade, é saber que nós fomos capazes de criar o ProUni, que já colocou 320 mil jovens pobres na escola deste País. Me orgulhar de sair de 60 mil alunos em escolas técnicas, para 200 mil. Me orgulhar de um programa Luz para Todos, que está tirando gente do século XVIII e colocando no século XXI. Me orgulhar de que a gente pode trazer para cá, prefeito, a volta da indústria da cana para gerar empregos e produzir álcool neste País.

E aí, prefeito, eu quero lamentar, porque tem uma decisão da justiça que mandou embora o pessoal da Saúde da Família. É uma pena que num País em que a gente se mata tanto para criar empregos, que tem gente trabalhando mesmo sem ser concursado, ao invés da gente encontrar uma solução, a Justiça decide mandar embora. É lamentavelmente uma situação em que o prefeito não pode fazer nada, porque da decisão da Justiça, a gente só pode recorrer. Mas fiquem tranquilos, a gente vai lutar para vocês voltarem a trabalhar neste País.

Um grande abraço e até um outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração do prédio da Uned Congonhas**

**Congonhas – MG, 16 de agosto de 2007**

Meus queridos e queridas, meninos e meninas de Congonhas e da região,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Walfrido dos Mares Guia, ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República,

Deputados Reginaldo Lopes e Virgílio Guimarães,

Meu caro companheiro Fernando Pimentel, prefeito da cidade de Belo Horizonte,

Meu caro Anderson Costa, prefeito de Congonhas,

Senhor Jorge Guimarães, presidente da Capes,

Senhor José de Freitas Cordeiro, vice-prefeito de Congonhas,

Vereador Evandro Alves de Almeida, presidente da Câmara de Congonhas,

Deputado estadual Padre João,

Doutor Paulo Roberto Caixeta, juiz de Direito da Primeira Vara da Comarca de Congonhas,

Senhoras e senhores prefeitos,

Senhoras e senhores vereadores,

Senhor Caio Mário Bueno Silva, diretor-geral do Cefet de Ouro Preto,

Senhor Jair Mazon Júnior, diretor da Uned de Congonhas,

Walison José Araújo, representante da Uned de Congonhas, em nome



de quem eu quero saudar todos os alunos presentes.

Falta aqui na minha nominata, meu caro embaixador e prefeito, o nome do companheiro que cedeu o terreno para a gente fazer o Cefet, o professor Juvenal, que nos cedeu. Ele está numa cadeira de rodas e eu pensei que ele ia estar aqui, mas não está. Mas ele já disse que tem mais terreno para ceder, é só o Cefet precisar que ele está disposto a ceder mais terrenos.

Eu quero cumprimentar os nossos companheiros prefeitos da região, nossos vereadores, nossos secretários, nossos professores.

Eu vou ser breve para dizer uma coisa para vocês. Eu estava ouvindo o prefeito falar, o Fernando Haddad, o diretor do Cefet, e eu estava lembrando que quando eu tinha a idade de vocês, a minha mãe um dia me pegou pelo braço, andamos oito quilômetros a pé – o professor Juvenal chegou aí, no momento certo – e eu quero dizer para vocês o significado da inauguração de uma escola como esta. Queria dizer que foi a partir de um curso profissional que a minha vida mudou. E se a minha vida mudou, significa que a vida de vocês pode mudar.

Eu estava contando que quando eu tinha a idade de vocês, um dia a minha mãe cismou que eu tinha que aprender uma profissão, e naquela época o Senai ficava a oito quilômetros da minha casa, não tinha dinheiro para o ônibus e nós fomos a pé fazer a matrícula. Fizemos a matrícula, fizemos a prova, e eu fui aprovado para fazer um curso de torneiro mecânico. Teoricamente não parecia nada aquele curso, entretanto, foi exatamente a partir daquele curso, que a minha vida mudou. E se a minha vida mudou, a vida de vocês pode mudar tanto quanto a minha vida. A partir daquele curso eu aprendi uma profissão, a partir daquela profissão, arrumei emprego numa fábrica grande, passei a ganhar mais que oito salários mínimos na época, a vida da minha família começou a melhorar a partir daquele momento, e eu digo sempre: eu sou filho de uma mãe analfabeta que criou oito filhos. Eu fui o primeiro a ter o diploma primário, eu fui o primeiro a ter um curso profissional e,





por conta disso, fui o primeiro a ter uma televisão, fui o primeiro a ter uma geladeira, fui o primeiro a ter uma casa própria. E por conta de tudo isso, de ter um bom emprego e uma boa profissão, eu fui participar de uma categoria importante. Virei dirigente sindical, fiz as greves que tinha que fazer nos anos 70, fundei o PT e virei presidente da República deste País.

Eu estou dizendo isso porque é exatamente na idade em que vocês estão, com 15, 17, 19, 20, 21 anos, é exatamente nessa idade que vocês não podem fraquejar diante das adversidades. O jovem de 15 ou 20 anos não tem o direito de reclamar que as coisas estão ruins, porque ele ainda tem a vida toda para vencer os obstáculos. Então, ele precisa ser ousado, precisa fazer o esforço agora para poder gozar, amanhã, o esforço feito hoje. Não pode ter preguiça para estudar, porque a preguiça de hoje será a desgraça de amanhã. É preciso se levantar com disposição de estudar, é preciso que o jovem, quando estiver desanimado, olhe como foi a vida do pai dele, como foi a vida da mãe dele, para que ele tenha um paradigma para ser melhor, para estudar mais, para trabalhar mais, para ganhar mais e construir uma família melhor, para ter uma vida melhor do que a que ele viveu. E vou dizer para vocês uma coisa: a profissão é a independência de um homem ou de uma mulher, e quero dizer isso com todas as letras. Um jovem que tem uma profissão, muitas vezes, manda o seu currículo para uma fábrica e é chamado dentro da sua casa. Um jovem que não tem profissão passa o dia inteiro andando, a semana inteira, o mês inteiro, e vai receber um não de manhã, de tarde e de noite. E se arrumar um emprego, é para ganhar uma miséria, numa coisa que ele não vai gostar de fazer.

A profissão vai garantir a ele o direito de ter uma carteira assinada, de ter um salário melhor e de poder construir, para o seu filho, aquilo que o seu pai não conseguiu construir para ele. No caso das mulheres, é mais sério ainda. A independência das mulheres está ligada à competência profissional. Uma mulher não pode se casar e ficar dependendo do salário do marido,



porque se uma jovem se casa e daqui a pouco tem filhos, não tem profissão e não trabalha, ela vai ter que agüentar desaforo do marido, ela vai ter que, para comprar qualquer coisa, pedir para o marido: “meu amor, me dá 10 reais para comprar isso, me dá 10 reais para comprar aquilo”.

Pois bem, se a mulher tiver uma profissão, ela não só vai ser um somatório no orçamento familiar, como vai poder conversar com o seu marido em igualdade de condições. E a vida da mulher será muito melhor se for o marido que tiver que pedir 5 reais para ela, para comprar alguma coisa. Portanto, eu queria que vocês levassem muito a sério esses ensinamentos que estão tendo. Não desanimem, não voltem para casa achando que as coisas são difíceis porque a vida de vocês está começando, vocês têm um horizonte quase infinito pela frente e precisam, a cada obstáculo, saltar aquele e vencer quantos obstáculos tiverem na frente de vocês.

Eu vou dar outra vez o meu exemplo. Eu, para chegar à Presidência da República, perdi quatro eleições. Tinha gente que falava: “Lula, desiste”. E foi a minha perseverança que fez com que eu chegasse à Presidência da República deste País. Se eu cheguei, vocês podem chegar a ser o que vocês quiserem, depende da vontade interior de vocês, e vocês têm que aproveitar a juventude para ser honrados, para contestar, para brigar, para lutar, mas também para fazer as coisas que têm que fazer. Eu acho que um jovem, e eu posso dizer isso aos 61 anos de idade, porque muitas vezes a gente levanta com preguiça: “eu estou cansado, eu não vou fazer isso, eu não gosto da escola porque não gosto de matemática, eu não gosto da escola porque não gosto de química, eu não gosto da escola por culpa disso”. O não gostar, agora, vai fazer com que a gente se arrependa quando tiver 30 ou 40 anos de idade. É importante gostar porque esse é o tempo da formação profissional, esse é o tempo da formação da personalidade de vocês.

E é por isso que vocês devem prestar atenção numa coisa que o ministro Fernando Haddad falou: “neste País, como só governou o País quem



já tinha diploma universitário, possivelmente eles não tivessem preocupação com aqueles que não tinham diploma universitário, porque já estavam formados”. É importante lembrar que este País tem uma dívida com a educação, com a sua juventude. São milhões de jovens fora da universidade. Este País tinha aprovado uma lei em 1998, dizendo que o governo federal não tinha que ter responsabilidade pelo ensino técnico.

Este ano, só para vocês terem idéia, a economia brasileira está bem. Em seis meses nós geramos 1 milhão e 200 mil empregos. Está faltando mão-de-obra qualificada, portanto, é urgente formar a nossa mão-de-obra e, como disse o ministro Fernando Haddad, em 97 anos foram criadas 140 escolas técnicas. Nós, em 8 anos, vamos criar 214 escolas técnicas neste País. Em 8 anos nós vamos fazer uma vez e meia o que foi feito em 97 anos, porque eu sei o que significa a formação profissional, eu sei o que significa uma escola técnica. E é por isso que nós vamos gastar e, quando eu digo gastar, é fazer investimento para que a gente possa recuperar o tempo perdido. Acabou o tempo em que o cidadão que não tinha profissão conseguia constituir família. Hoje, quando vocês vão procurar emprego, mesmo que seja o emprego mais simples, numa loja, perguntam para vocês se têm o segundo grau, perguntam para vocês se sabem sobre computadores, perguntam para vocês uma série de coisas. Pois bem, se o mercado de trabalho exige de vocês, cabe ao governo federal, municipal e estadual, assumir a sua responsabilidades, afinal de contas, cuidar da nossa juventude é ter a certeza de que o Brasil terá um futuro muito mais importante do que nós estamos vivendo no presente.

Por isso eu estou alegre, prefeito. Eu vinha contando no avião para o ministro Walfrido, para o ministro Dulci e para o ministro Fernando Haddad, que ontem à noite eu sonhei com a minha mãe criança. Eu nunca vi minha mãe criança, nunca vi fotos dela, não sei como ela era. Eu sei que sonhei com a minha mãe criança e ela parecia a minha irmã caçula. E quando eu cheguei aqui e fui apresentado às meninas nas salas de aula de computação, fiquei



pensando: quem sabe, eu sonhei com a minha mãe para ela me dar um alerta. E ela me apareceu jovem para que eu tivesse certeza de que eu preciso dedicar esses 3 anos e meio de mandato que tenho pela frente para fazer pelos jovens deste País aquilo que a minha não conseguiu fazer por mim, que é ter acesso à possibilidade de um curso universitário. E isso, podem estar certos de que nós vamos fazer.

No Brasil tem gente que não gosta disso, no Brasil tem gente que fica horrorizada quando o governo cuida dos mais necessitados: “fazer escola para pobre, fazer escola para os setores médios da sociedade?” Tem gente que não gosta porque, habitualmente, o Brasil era governado para uma pequena elite que tinha acesso à universidade, que tinha acesso a bolsa no exterior, que tinha acesso a um monte de coisas.

Vocês vejam que absurdo, tem gente que critica o Bolsa Família como um programa assistencialista, porque a gente está dando o direito dos mais pobres comerem. Agora, essas mesmas pessoas que criticam o Bolsa Família não criticam uma bolsa de 2 mil dólares que a gente paga para um doutor se formar no exterior. Não é um contra-senso? Nós precisamos cuidar do doutor que vai para o exterior porque é importante para o País, mas não podemos aceitar o preconceito contra o que a gente dá para famílias mais pobres comerem o feijão que precisam comer todo dia. Nós temos que cuidar da sociedade como um todo, mas temos que cuidar dos mais pobres em primeiro lugar.

Por isso nós enfrentamos o ProUni. O ProUni foi uma chance de colocar jovens da periferia na universidade, porque o jovem pobre não pode passar no vestibular das escolas públicas. Quando ele vai para a escola particular, ele passa no vestibular, aí quando começa o estudo, a mensalidade é 1,2 mil, 1,3, 1,4, 800, 900 reais e ele volta para casa sem poder estudar. No ProUni já tem quantos alunos, Fernando? Trezentos e vinte mil. E nós queremos chegar a muito mais, porque nós queremos que este País seja, definitivamente, um País



de todos e não um País apenas de uma minoria privilegiada. Nós queremos que o rico tenha universidade boa, mas nós queremos que o pobre tenha uma universidade igual à do rico, porque é assim que a gente vai construir um mundo justo, um mundo igual e um mundo mais solidário.

Muito obrigado, boa sorte a vocês. Parabéns, prefeito, e que Deus ajude essa juventude.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres**

**Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 17 de agosto de 2007**

Nilcéia, tem uma coisa importante aqui, que é o seguinte: eu já fiz muita manifestação no Brasil e no mundo. Desde 1969 que eu participo de assembléia. Agora, eu nunca participei de um ato com tanta mulher junto. Se na 3ª Conferência houver um crescimento proporcional demonstrado na 2ª com relação à 1ª, Brasília vai ter que fazer um Centro de Convenções cada vez maior, porque graças a Deus que é assim.

Minha querida companheira Nilcéa Freire, ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

Minha querida companheira Marisa,

Aqui, a companheira que falou, representante da sociedade civil, que é a nossa vice-presidente da CUT, ela falou: “Porque até dia 23 as mulheres estarão mandando aqui”. Eu até queria participar desse agrupamento, porque lá em casa a Marisa manda há 33 anos e eu já aprendi.

Quero cumprimentar as senhoras embaixadoras acreditadas junto ao governo brasileiro,

Quero cumprimentar a nossa ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

A Márcia Bassit, interina da Saúde,

A Marina Silva, do Meio Ambiente,

A Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Orlando Silva, ministro do Esporte,

Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

E o Companheiro Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca,

Quero cumprimentar a senhora Maria José Argaña, ministra do Instituto da Mulher do Paraguai,

Quero cumprimentar a senhora Laura Albornoz, ministra do Serviço Nacional da Mulher do Chile,

Quero cumprimentar Cândida Celeste da Silva, ministra da Família e Promoção da Mulher de Angola,

Quero cumprimentar o governador Antônio Waldez, governador do estado do Amapá, e sua senhora, Marília Góes,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira pernambucana Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar a senhora Ana Falú, representante do Unifem – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Jaqueline Pitanguí,

Quero cumprimentar a Carmem Helena, que me deu uma colher de chá para poder falar que a Marisa é o que é,

Quero cumprimentar a Lúcia Stumpf – vocês vejam, a UNE está ficando sofisticada, olha o nome, aqui, da nossa presidente. Levanta aí, para as pessoas verem, porque você é nova na direção da UNE. A Lúcia Stumpf, presidente da União Nacional dos Estudantes. Você viu que até a UNE, que sempre teve só homem, agora tem uma mulher. Ainda bem que vocês estão ficando muito fortes e muito organizadas depois que eu passei pela Presidência.

Minhas queridas companheiras delegadas da 2ª Conferência de Política para as Mulheres,

Convidados aqui presentes,

Minha querida companheira Emília Fernandes, que no primeiro governo foi da Secretaria das Mulheres,

Minha querida Benedita da Silva, hoje secretária de Política Social do Rio de Janeiro,

Minha querida Maria da Penha. Se você soubesse como eu usei o teu nome na campanha... E tenho usado muito, ainda, tenho falado para os homens: “(inaudível) para a mulher, Lei Maria da Penha em vocês, não tem

jeito. Tem que tratar com carinho”.

Queria fazer inveja para a Clara Charf: Clara, ontem à noite eu fui à casa do Apolônio visitar a René e, para fazer mais inveja para você, fui jantar com a dona Maria Amélia, mãe do Chico Buarque de Holanda, e o Chico Buarque de Holanda. Colocamos a nossa conversa em dia. E assumi um compromisso com a dona Maria Amélia, que daqui a 3 anos eu vou ao aniversário dela, quando ela completar 100 anos. Hoje está na moda completar 100 anos.

Quero cumprimentar as nossas mulheres que estão aqui, portadoras de deficiência, que estão como cadeirantes aqui, na frente. Hoje eu participei de um ato extraordinário, que foi um ato com os atletas Parapan-Americanos lá, no Rio de Janeiro. Se emoção matasse um coração, eu teria morrido. Porque o que aqueles meninos e meninas estão fazendo no Parapan-Americano, sem que nenhuma empresa privada colocasse um real... A Caixa Econômica é que financiou todo o Parapan-Americano.

Bem, vocês todas vão ficar até segunda-feira. Eu estou dizendo isso porque tem um monte de companheiras que entregou documentos para mim, tem um monte de companheiras que vem dos estados e fala: “Oh, Lula, faz tempo que eu não converso com você, eu queria tirar um retratozinho e tal”. Eu sei que é importante, mas veja, eu estou com um problema, eu tenho que sair daqui correndo para pegar o vôo.

Nilcéa, eu, na verdade, quero ver se na segunda-feira dou uma passada por aqui para poder conversar um pouco, porque eu não acho justo as pessoas virem dos 27 estados da Federação, trabalharem, viajarem e depois a gente vem aqui e nem cumprimenta vocês. Eu quero ver se fico umas horinhas com vocês para ouvir as reclamações que têm para fazer que, muitas vezes, por respeito, não querem fazer publicamente. Mas, no pé da orelha, vão dizer: “Oh, Lula, você precisa cuidar melhor de nós, que a coisa está...” Bem, eu agora... É porque eu tenho que pegar o avião às 21h, senão eu não consigo descer em Congonhas.

No início do nosso segundo mandato, tomamos a decisão de aprofundar as políticas que dizem respeito à promoção da igualdade de gêneros e raça. Essa é uma caminhada repleta de desafios, mas menos árdua, porque não seguimos sozinhos. Estamos caminhando e trabalhando juntos, como



demonstra esta 2ª Conferência Nacional, que chega aqui com a força acumulada de 200 mil vozes femininas agregadas ao longo das estradas que compuseram as conferências municipais e estaduais. Vocês deram continuidade com mais ardor, eficiência e brilhantismo à primeira Conferência, realizada em julho de 2004, da qual tive a honra de participar. Aquela histórica 1ª Conferência gerou bons frutos, o principal deles é o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, que propiciou inúmeras conquistas em diferentes dimensões para a vida das mulheres, na saúde, na educação, no enfrentamento da violência. Esse Plano não é apenas das mulheres, nem da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, é um plano de governo, para o qual todos os Ministérios precisam contribuir direta ou indiretamente. Mas ele tampouco é um plano apenas de governo. Nosso objetivo é que se torne uma ação permanente do Estado democrático brasileiro.

Sei, e vocês todas sabem, o muito que ainda precisa ser feito, mas precisamos lembrar sempre do tanto que nós já caminhamos e conquistamos. A participação e a intensa mobilização de todas vocês garantiram avanços importantes, avanços esses reconhecidos pelo Comitê para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres da ONU, por ocasião da prestação de contas periódicas do Estado brasileiro junto ao Comitê. Muito do reconhecimento internacional ao Brasil se deve à Lei Maria da Penha, que tive a honra de sancionar e que, agora, completa um ano de vida. Aproveito a oportunidade para reafirmar o meu compromisso com a plena implementação da Lei. Essa é uma lei que temos que garantir que funcione perfeitamente bem. E reafirmo esse compromisso, fazendo um importante anúncio: estamos lançando, neste momento, o Pacto Nacional pelo Enfrentamento da Violência contra as Mulheres.

Agora, você, minha querida, que veio aqui na frente falar e reclamou do orçamento, escute o que é o Pacto que nós estamos lançando pelo Enfrentamento da Violência contra as Mulheres. Vamos investir quase 1 bilhão de reais, até 2010, na prevenção da violência contra a mulher, na atenção, proteção e garantia dos direitos daquelas que a vivenciaram, e no combate à impunidade aos agressores. Depois, é importante que, durante este Congresso, vocês conversem com a Maria da Penha, porque essa mulher, que quase foi morta, esperou longos 19 anos até que se fizesse justiça, e eu acho

que ninguém precisa esperar 19 anos para fazer justiça, sobretudo quando se é vítima de violência.

Esse Pacto Nacional, coordenado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, reúne ações, esforços e recursos dos Ministérios da Educação, da Justiça, da Saúde, das Cidades, do Desenvolvimento Agrário, do Trabalho, da Cultura e do Desenvolvimento Social, das Secretarias Especiais dos Direitos Humanos e de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, e também das nossas empresas públicas, que precisam colocar a mão no bolso para ajudar as políticas que nós precisamos fazer para melhorar e dar garantia às mulheres brasileiras.

Não tenho dúvidas de que outros parceiros virão: o Poder Legislativo, o Poder Judiciário, o Ministério Público, governos estaduais e municipais, organizações não-governamentais, e muitos outros, porque esta é uma causa não só das mulheres, mas é uma causa que tem que ser assumida por toda a sociedade brasileira. Esses recursos serão investidos em várias ações a serem desenvolvidas em parceria com estados, municípios, Legislativo e Judiciário, entre as quais quero destacar algumas. Primeiro, a criação do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, para a efetiva implementação da lei Maria da Penha; fortalecimento da rede de atendimento às vítimas da violência, com a criação de novas delegacias especializadas no atendimento à mulher; benfeitorias públicas da mulher e casas-abrigo, além do reaparelhamento das unidades já existentes; atendimento às mulheres em situação de violência nos Centros de Referência de Assistência Social, que serão ampliados dos atuais 2 mil para 3 mil em todo o País, até o final do ano; instalação do observatório da lei Maria da Penha para monitorar eventuais dificuldades na aplicação da Lei; e promoção e realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral, com destaque para aquelas destinadas à população rural.

Quero ressaltar que será dada atenção especial, com a definição de metas específicas, ao desenvolvimento de políticas direcionadas às mulheres negras, em função da situação de dupla discriminação a que estão submetidas e em virtude de sua maior vulnerabilidade social.

Minhas amigas e minhas amigas – hoje, eu não vou dizer “minhas amigas e meus amigos”,

As grandes obras que um governante pode deixar para seu povo não são feitas apenas em asfalto ou de concreto. Um país não é moderno e desenvolvido apenas porque sua economia cresce, e sim porque o crescimento é para todos, sem exclusão e sem a perpetuação de desigualdades históricas, sem preconceito de gênero, raça ou de qualquer outro. Um país é grande, também, quando o Estado e a sociedade estabelecem relações francas, formam uma parceria produtiva rumo a objetivos comuns. Juntos, Estado e sociedade civil, estamos avançando na construção de um País mais justo, menos desigual.

Volto a parabenizar a mobilização de todas vocês, sem a qual, talvez, não alcançássemos tantas conquistas. Esse extraordinário espírito de resistência, criatividade e dedicação das mulheres não é novidade para mim, seja como presidente, seja como cidadão, marido, pai e avô. Não preciso, e acho que nenhum homem deste País precisa recorrer aos livros de história do Brasil para encontrar exemplos de mulheres fortes, batalhadoras. Conheci, ao longo de minha vida, mulheres extraordinárias em todas as classes, regiões do Brasil e movimentos sociais. Tenho especial admiração pelas heroínas anônimas deste País, mulheres que chefiam sozinhas 15 milhões de lares brasileiros, que trabalham duro e que se multiplicam em muitas para criar seus filhos e fazer deles cidadãos de bem, mas que, infelizmente, ainda sofrem violência doméstica, ainda ganham menos do que os homens, ainda ocupam cargos aquém da sua inteligência e capacidade, ainda não têm a representação política que merecem.

Daí a importância desta Conferência, que tem como tema central a discussão sobre mulheres e espaços de poder. O nosso governo, a sociedade e todas as forças democráticas do País esperam muito, mas muito trabalho de vocês. Os resultados que vocês vão obter aqui contribuirão para resgatar a dívida histórica do Brasil para com as mulheres. Estamos no caminho, vamos em frente.

Eu queria, minhas companheiras e meus companheiros – agora falar o nome dos companheiros porque também não podem ser tão minoritários e nem serem citados aqui – dizer para vocês uma coisa. Nós estamos na construção

e no fortalecimento das instituições democráticas deste País, não apenas o Brasil. É só olhar o que aconteceu em toda a América Latina. Há uma mudança substancial na qualidade das pessoas que estão sendo eleitas. Nem todos pensam igual a nós, seja pela direita ou pela esquerda. De qualquer forma, há um avanço ideológico extraordinário. Nós acabamos de ver a Michelle Bachelet falando. E imaginar que, no Chile, que durante tanto tempo foi governado por Pinochet, uma mulher que foi vítima dele iria virar presidente da República, isso é uma obra e uma conquista da democracia.

Agora, nós temos Cristina Kirchner disputando as eleições. Tem a Carrió também na Argentina disputando as eleições. Nos Estados Unidos, Hillary está disputando as eleições. No Paraguai também tem uma ministra da Educação que é candidata à eleição. Eu espero que aqui no Brasil... Isso não é de graça, não, isso é conquista. Isso não é assim, bater palmas e achar que conquistou, não. Isso é muita organização política, é quebrar a casca do ovo e dizer “nós existimos”. Mais do que existimos, “nós queremos”; mais do que queremos, “nós merecemos”; e mais do que merecemos e queremos, “nós vamos conquistar o direito de governar os países do mundo, as cidades”. Até porque vocês são maioria. Agora, é importante lembrar que as coisas não são medidas por maioria e minoria apenas, porque uma maioria não organizada não é maioria, é massa de manobra. Uma maioria tem que ser organizada, politizada e não tem que ter medo de fazer as coisas que nós precisamos fazer.

Quero dizer para vocês que eu tenho motivo de orgulho de sobra para acreditar na força das mulheres. Primeiro, porque vocês sabem o orgulho e a referência que a minha mãe significou na minha vida. Segundo, porque vocês sabem o significado e o papel que a minha companheira Marisa joga na minha vida nesses 33 anos de casamento. Eu acho que tenho tentado fazer um processo de educação, não sei se está certo, companheira Nilcéa. Ontem eu fui inaugurar duas escolas e tentava dizer para as meninas por que elas têm que ter uma profissão, por que é importante elas terem uma profissão. E eu dizia para elas: se vocês tiverem uma profissão, a independência econômica de vocês é a maior liberdade que vocês podem conquistar no Planeta. Se uma mulher não tem uma profissão, ela fica dependente do marido, seja bom ou ruim, fica aturando desaforo, fica ouvindo coisas que não precisa ouvir. Mas se ela for uma mulher que tem uma profissão, se o marido chegar em casa e

empinar o nariz, ela empina dois narizes para ele. E aí é que vai ser a conquista da liberdade.

Mas, mesmo assim, nós sabemos que essa questão da inferiorização é uma coisa cultural e milenar, porque está cheio de gente de classe média, mulheres com profissão que, muitas vezes, são violentadas pelos maridos e não fazem denúncia por vergonha. Nós sabemos o que acontece em muitos lares de bem neste País, que não têm coragem de denunciar. Então, também, não é apenas a profissão, mas ela é um começo extraordinário, uma mulher não precisar do salário do marido é uma coisa extraordinária para o orgulho próprio e também para o dele, porque vai precisar gastar menos o dele. Mas é extraordinária essa relação que se cria entre pessoas que têm independência.

Eu queria terminar, Nilcéa, aproveitando que a Marisa está aqui, ela não gosta que eu fale isso, está preocupada com o horário, mas eu queria dizer uma coisa. Eu acho, companheiras de outros partidos políticos, que o PT foi uma coisa na minha vida que me perturbou muito, porque logo que eu casei com a Marisa, a gente era peão, metalúrgico, então éramos mais grosseiros. Aí começou esse tal de PT, começou essa tal da CUT, essas tais mulheres se movimentando pelo Brasil afora. Aí, às vezes, eu chegava às 11 da noite, estava lá a Marisa para colocar comida para mim, eu achava ótimo. Aí, quando, um dia, ela começou a participar de reunião, não sei se foi uma de vocês que disse para ela, eu chegava em casa tarde: “Amorzinho, tem comida?” Ela dizia: “Está lá no fogão, vai esquentar”. Ou seja, se todas as mulheres fizerem isso, é um processo de educação. Porque está cheio de homens que entram no banheiro para tomar banho e ficam: “Amorzinho, a toalha, amorzinho”. Ora, eu acho que nós ainda estamos longe de conquistar a sabedoria total para fazer a maioria valer como maioria. Não é uma coisa mágica, tem que ter muito trabalho, muita perseverança e também não transformar a luta das mulheres numa coisa rancorosa, numa coisa raivosa. A luta das mulheres tem que ser uma luta tranqüila, com a cara bonita, com a cara boa, com a cara alegre, porque é assim que a gente vai conquistar os espaços. Eu estou falando tudo isso, para ver se a Dilma e a turma de mulheres que trabalham com ela ficam mais tranqüilas na hora das reuniões.

No mais, eu quero dizer para vocês, gente, que Deus abençoe todas vocês, boa sorte neste encontro e até a próxima segunda-feira. Um abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de visita aos atletas dos Jogos Parapan-Americanos Rio 2007**

**Rio de Janeiro-RJ, 17 de agosto de 2007**

Meus queridos atletas,  
Dirigentes esportivos,  
Meu caro Sérgio Cabral,  
Meu caro Orlando Silva,  
Marta Suplicy,  
Dulci,  
Franklin Martins,  
Ministros do meu governo,  
Meu caro Nuzman,  
Queridos companheiros deputados federais,  
Meu caro José Luiz Campo, integrante do Comitê Paraolímpico Internacional,  
Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria, antes de começar a falar algumas palavras para vocês, que nós, com um minuto de silêncio, pudéssemos homenagear as vítimas de duas tragédias. Uma tragédia que completa um mês hoje, com o avião da TAM, em São Paulo, e a tragédia de anteontem, no Peru, do terremoto em que milhares de pessoas foram vitimadas. Eu queria pedir um minuto de silêncio em homenagem às vítimas.

Muito obrigado.

Bem, eu quero cumprimentar não apenas os atletas brasileiros, mas os atletas canadenses, os atletas americanos, mexicanos, os atletas de Cuba, da Argentina, da Venezuela, da Colômbia, do Peru, da Jamaica, da Costa Rica, do Equador, do Uruguai, do Chile, de Porto Rico, das Bahamas, das Bermudas, de El Salvador, de Granada, da Guatemala, do Haiti, de Honduras, da Nicarágua, do Panamá, da República Dominicana e do Suriname. Todos vocês, nesses dois últimos dias de Parapan-Americanos, por favor se esforcem para levar

uma medalha para os seus países. E os brasileiros não precisam levar para lugar nenhum porque já estão aqui, ganham e fica aqui mesmo a medalha. Boa sorte a todos vocês.

Eu poderia me contentar com o discurso do Vital, o discurso do Nuzman, o discurso do Orlando e o discurso do Sérgio Cabral. Mas, Orlando, uma coisa que você falou aqui, e eu não sei se passou despercebido por vocês, é que a Caixa Econômica Federal é a única patrocinadora do Parapan. Eu fico me perguntando: por que só a Caixa Econômica? Porque o preconceito de outras empresas que ganham tanto dinheiro aqui neste País e não investem no Parapan? A tranqüilidade que eu quero dar para vocês é de que possivelmente, por preconceito, isso não aconteça. Mas enquanto eu for presidente da República, na hora em que acabar o dinheiro da Caixa, nós temos o Banco do Brasil, e na hora em que acabar o do Banco do Brasil, nós temos a Petrobras, na hora em que acabar o da Petrobras, nós temos os Correios, temos a Eletrobrás, temos uma infinidade de empresas que não deixarão de dar a vocês a qualidade que daremos a qualquer outro atleta, de qualquer outra parte do mundo, em participação esportiva. Vocês não serão tratados como cidadãos e cidadãs de segunda classe porque Deus fez vocês diferentes de outras pessoas. Isso é um compromisso porque as pessoas precisam aprender, de uma vez por todas, que o preconceito é uma das doenças mais nojentas que a humanidade criou. Lamentavelmente ainda somos assim, mas vamos mudando. Se Deus quiser nós vamos mudando.

Nós já demos passos importantes, Governador. Eu me lembro do dia em que fomos receber os portadores de deficiência visual no Palácio, e tinha uma história de que não deixavam cães-guia entrar nos ônibus, não deixavam cães-guia entrar na igreja, não deixavam cães-guia entrar em lugar nenhum, nem em shopping. E eu falei: bom, nós vamos dar uma lição nesses preconceituosos. Foi todo mundo para o Palácio do Planalto com os seus cães-guia, e os cães entraram sem fazer nenhum estrago no Palácio, pelo contrário, os cães se portaram melhor do que muita gente que vai ao Palácio. Na verdade, os cães eram os olhos daqueles que estavam lá. Só estava com medo de ser mordido, mas uma senhora falou para mim: “olha, Presidente, eu sofri muito porque eu morava nos Estados Unidos e nos Estados Unidos eu podia andar com o meu cão-guia para todo lugar, eu pegava metrô. Quando eu cheguei no Brasil,



Presidente, quase fui à loucura porque não me deixavam entrar em lugar nenhum. Eu ia fazer as coisas, chegava na porta e era barrada”. As pessoas não entendiam que aquele cão era os olhos que aquela pessoa não tinha. Bem, hoje vocês podem andar, com a Lei, e se tentarem proibir vocês de entrar em algum lugar, esfreguem a Lei na cara de quem está proibindo porque quem está proibindo, na verdade, está cometendo um crime contra pelo menos 15% da população brasileira que tem algum problema de deficiência. Até eu.

Pois bem, meus queridos companheiros, vocês não imaginam o orgulho de saber que o governo está ajudando vocês. Talvez não tanto quanto vocês precisam, porque o Orlando falou que nós só temos 45% dos atletas do Parapan que recebem o Bolsa-Atleta. O Orlando me disse que ia prometer aqui um aumentozinho para a Bolsa e não prometeu, não sei por que, mas ele me disse: “eu vou falar alguma coisa”. Orlando, minha querida Maria Fernanda, o que a gente precisa é colocar mais a mão no bolso, porque o que vocês estão dando ao Brasil não são as medalhas. Vejam que eu nem disputei nada e ganhei uma medalha aqui. O que vocês estão trazendo para nós é mais do que uma medalha, é a demonstração de que o limite do ser humano é infinito quando ele tem vontade de fazer as coisas. Quanta gente neste País tem as duas pernas e não pratica 1% do esporte que vocês, que estão na cadeira, praticam? Quanta gente neste País tem os dois ouvidos bons e que não quer escutar? Quanta gente neste País tem dois olhos e não quer enxergar? Quanta gente neste País parece perfeita e quantos defeitos tem como ser humano? Desaprenderam a respeitar, desaprenderam a gostar das pessoas que são diferentes. Teve até uma pessoa aqui, numa campanha, que disse que era normal que a sociedade sentisse asco dos deficientes. Eu não sei quem foi, mas eu sei, eu vi no jornal que teve uma pessoa que falou que a gente deveria tratar com indiferença. Essa gente que pensa assim é tão mesquinha que não percebe que não é um dedo, que não é uma perna, que não é enxergar ou não enxergar, ouvir ou não ouvir, que faz a diferença entre nós, seres humanos. O que faz a diferença é o caráter, é a alma, é o coração, é a consciência política de cada um de nós.

Uma vez, eu fui a Feira de Santana com o ministro Agnelo ver a fábrica de bolas que tem lá, a fábrica de redes, e me fizeram uma apresentação de capoeira. Tinha um lutador de capoeira que não tinha braços e pernas, então,

ele fingia que lutava capoeira só com a ginga do corpo. Eu voltei para casa pensando: como é que pode um ser humano limitado fisicamente, como esse, dar a demonstração de grandeza e dignidade que ele está dando, quando tantos outros que não têm esse problema não têm a mesma grandeza? O que vocês estão ensinando para nós é que vocês não estão precisando de favores, vocês não querem favor da prefeitura, não querem favor do governo estadual, não querem favor do governo federal, não querem favor de ONG, não querem favor de igreja, não querem favor de empresário. Vocês querem duas coisas: respeito e oportunidade. É isso que vocês estão precisando e é isso que nós temos que oferecer.

Por isso, meus queridos companheiros, minhas queridas companheiras, eu tenho um motivo de orgulho: o fato de saber que nesses quatro anos e meio de governo vocês são vistos como qualquer um dos 190 milhões de brasileiros, vocês são tratados como todos os outros brasileiros. Certamente, nós podemos fazer muito mais, e podem ficar certos de que nós vamos fazer porque o esforço, a demonstração de cidadania, a demonstração de dignidade que vocês estão dando a este País mereceria uma medalha tão grande que não caberia no pescoço de vocês, mas sim no pescoço dos 190 milhões de habitantes deste País.

Quero terminar dando os parabéns a vocês e dizendo que, toda vez que eu estou chateado, toda vez que eu penso que eu tenho um problema, eu tenho que me lembrar de vocês, e tenho que dizer: que problema eu tenho, diante das dificuldades que vocês enfrentam para ser o que vocês são e fazer o que vocês fazem? Às favas o meu problema, porque vocês são a demonstração viva de que não existe obstáculo quando a alma, o coração e a consciência falam mais alto.

Parabéns, que Deus os abençoe, e boa vitória nesses Jogos.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci)**

**Palácio do Planalto, 20 de agosto de 2007**

Meu caro vice-presidente da República, José Alencar,

Meu caro presidente do Senado, Renan Calheiros,

Meu caro presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia,

Meu caro ministro Tarso Genro, ministro da Justiça,

Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus companheiros ministros de Estado José Temporão, Paulo Bernardo, Patrus Ananias, Luiz Dulci, Jorge Armando Félix, José Antônio Dias Toffoli, Matilde Ribeiro,

Nosso querido Márcio Tomaz Bastos, ex-ministro da Justiça,

Governadora do estado do Pará, Ana Júlia Carepa,

Senhores governadores,

Querido Jaques Wagner, governador da Bahia; Eduardo Campos, governador de Pernambuco; Blairo Maggi, governador do Mato Grosso; Paulo Hartung, governador do Espírito Santo; Wellington Dias, do Piauí; Teotônio Vilela, de Alagoas; Marcelo Déda, de Sergipe; Binho Marques, do estado do Acre; Marcelo Miranda, do estado de Tocantins; Waldez Góes, do estado do Amapá,

Senadoras Roseana Sarney, Fátima Cleide e Ideli Salvatti,

Deputados federais Alexandre Silveira, Edson Santos, Paulo Pimenta, Telma de Souza,

Nossa querida Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal, que acaba de ser premiada com 228 medalhas do Parapan-Americano, porque só teve a Caixa Econômica de patrocinador dos Jogos Parapan-Americanos. Então, merece parabéns. Essas palmas foram poucas diante do prazer de ver aqueles meninos e aquelas meninas fazerem um esforço incomensurável e poder provar que para o ser humano, quando ele tem vontade, não existem barreiras, não existe nada que ele não possa vencer. O gol que eu vi da

Seleção Brasileira dos Portadores de Deficiência Visual há muito tempo eu não via nos times normais que jogam o Campeonato Brasileiro.

Meu caro Rubem César, diretor-executivo do Viva Rio,

Professor Ronaldo Teixeira, secretário-executivo do Pronasci,

Companheiros do Ministério da Justiça – eu estou vendo ali o Luiz Fernando, estou vendo o Paulo Lacerda, estou vendo o nosso chefe da Polícia Rodoviária Federal, estou vendo um monte de companheiros que, certamente, trabalharam antes, durante e vão continuar trabalhando depois, para que esse programa dê certo.

Antes de ler, aqui, o meu discursinho, Tarso, na hora em que você estava falando e na hora em que o nosso companheiro estava fazendo a apresentação, uma coisa me chamou a atenção. Eu não sei em quantos momentos na história da segurança pública do Brasil se colocou as políticas sociais como um dos itens para tratar a questão da segurança pública. Porque durante muito tempo, e quem faz política em São Paulo sabe, habitualmente, nas campanhas políticas, as pessoas tentavam ganhar voto apenas passando na rua com um caminhão. Parecia uma cela de cadeia, com artistas vestidos de presidiários, como se nós não tivéssemos que atacar um pouco antes de as pessoas se tornarem criminosas. Ou seja, há ou não há o que fazer? Eu penso que o Programa responde isso.

Segundo, eu penso que a combinação do Programa com o PAC é uma coisa extremamente inovadora e rica. Márcio, você só não pegou mais dinheiro porque você não estava mais no Ministério quando a gente lançou o PAC. Por que, o que significa, na verdade? Por que essa combinação de tantos ministros participando da elaboração de um programa de segurança pública? Por que o Patrus Ananias tinha que participar, por que o Dulci tinha que participar, por que a Dilma tinha que participar, por que a Caixa Econômica tinha que participar, por que os Direitos Humanos tinham que participar, por que a Matilde, da Secretaria da Desigualdade Racial, por que a Nilcéa? É porque, no fundo, no fundo, essa é uma experiência, Tarso, que nós precisamos fazer dar certo. Por enquanto, nós temos uma idéia que vai ser transformada em leis, em decretos, e nós precisamos provar que, ao urbanizar uma favela, se a gente não cuidar de levar, junto com a urbanização e junto com a idéia da segurança

pública, a escola, o posto médico, a área de lazer e outros programas sociais do governo, você não dará conta de resolver os problemas que o Pronasci detectou e que, portanto, são o objetivo prioritário a ser resolvido.

Outra coisa que eu achei extremamente importante é envolver a sociedade. Quando começamos a trabalhar a questão de segurança no Pan, possivelmente muita gente não acreditasse. Aliás, no Brasil, nós estamos com uma mania de torcer pela desgraça. Eu me lembro que quando o Brasil foi jogar a final da Copa América com a Argentina, e eu assisto muito televisão, à meia-noite, uma hora da manhã, gosto de programas esportivos, eu penso que, se fizessem uma votação antes – agora, não, agora todo mundo sabe o resultado –, 90% iam dizer que o Brasil não tinha condições de ganhar da Argentina e que o Brasil iria perder aquele jogo. Se não falassem assim, não entenderiam de futebol, porque era uma coisa lógica. E o Brasil ganhou e virou campeão da Copa América.

Nessa questão da segurança, eu me lembro de quantas dúvidas colocaram na cabeça do povo, de que não ia dar certo o programa de segurança feito para os Jogos Pan-Americanos. Não só deu certo, como tivemos uma experiência extraordinária de envolvimento da sociedade, jovens de quase toda a cidade do Rio de Janeiro participaram, e parece-me que poucos eventos dessa magnitude foram feitos em algum lugar com o sistema de segurança funcionando como funcionou o nosso.

Eu penso que agora uma coisa está sagrada, está garantida – eu me lembro, Márcio, quando a gente discutia isso, ainda em 2004 – nós, hoje, a partir da experiência de envolvimento da sociedade do Rio de Janeiro nos Jogos Pan-Americanos, certamente temos um conjunto de pessoas com *know-how* para que nós levemos essa experiência para outras cidades brasileiras.

Outra coisa importante é que vocês perceberam que o Tarso fez questão de frisar, muitas vezes, na apresentação e no discurso, que nós começamos com 11 territórios, e nesses territórios nós estamos detectando 11 regiões metropolitanas definidas como prioritárias, não em função da vontade política do governador, porque o governador é amigo do presidente ou é amigo do ministro da Justiça, porque ele é do partido tal ou do partido “A”. Não. É pelos números, pelo registro da violência já existente naquela região. Então, nós

vamos tentar, a partir dos 11 territórios mais violentos do Brasil, implantar um programa.

Eu queria só chamar a atenção para amanhã ninguém ficar cobrando: “Ah, mas lançou na segunda-feira e na terça estava tudo do mesmo jeito, não aconteceu nada de novo”. Eu só queria lembrar o seguinte: nós estamos fazendo uma proposta que será executada em cinco anos, desde o orçamento em que o Paulo Bernardo vai ter que se desdobrar nesses três anos e meio. O último ano vai ser para outro governo que estiver aqui, mas já terá que estar no nosso orçamento em 2010, portanto, o orçamento também será nosso e preverá as verbas para 2011. Portanto, é um programa que começa com o orçamento pensado em quatro anos, e as medidas também tomadas de forma gradativa durante os quatro anos. É um programa em que a gente pretende, ao ir aplicando, corrigir aquilo que possa dar errado e tentar aperfeiçoar. Eu estou convencido de que se todos nós, governadores de estado, prefeitos, gente especializada em segurança pública, gente especializada em direitos humanos, gente do Conselho Tutelar, ou seja, tem muita gente no Brasil preocupada com isso. Se nós criarmos em torno do Programa uma corrente positiva, não há por que não dar certo.

Eu queria lembrar que, quando nós lançamos o programa Bolsa-Família, é só vocês recorrerem a quatro anos e meio atrás que vocês vão ver o ceticismo com o lançamento do programa Fome Zero, de que não ia dar certo, de que o programa Luz para Todos não ia dar certo, de que a nossa política econômica não ia dar certo. Como todos nós fizemos curso de perseverança, está dando tudo certo. E este aqui vai dar certo. Ele vai dar certo porque o Brasil precisa disso, os governadores são parceiros disso, os prefeitos são parceiros disso.

Só para vocês terem idéia, essa história, meu querido Tarso, de financiar casa pela Caixa Econômica Federal nós estamos discutindo desde 2004, utilizando os mesmos argumentos que você utilizou aí: é preciso que a gente tire os policiais de situação de risco, em que eles têm vergonha e medo de ser policial ao voltar para casa. E também não podemos fazer um conjunto habitacional que esteja lá carimbado que é um conjunto habitacional da polícia, porque aí será mapeado o ponto de ônibus, a estação de trem, e eles estarão muito mais vulneráveis ainda. Esse trabalho todo prevê não apenas a

segurança do cidadão, mas prevê também a recuperação da dignidade da segurança pública, para que os soldados possam andar orgulhosamente vestidos nas suas fardas sem medo de serem mais fracos do que o crime organizado. Nós temos condições de fazer isso.

Eu queria lembrar vocês o seguinte: nos anos 40, o Brasil descobriu a geografia da fome, que conseguimos equacionar e vencer em nosso governo, libertando mais de 11 milhões de lares da rotina perversa da fome e da insegurança alimentar. Faremos o mesmo agora para enfrentar e vencer a geografia da violência e da criminalidade, que ameaça dividir o território nacional como uma afronta ao Estado, à democracia e ao cidadão. Estamos desencadeando, a partir desse momento, um conjunto de 94 medidas destinadas a enfrentar e vencer o crime organizado nos seus 11 principais redutos de atuação em todo o território nacional. Vamos apertar o cerco do Estado contra o banditismo e estreitar os laços de cidadania com as populações e os lugares mais vulneráveis e tradicionalmente esquecidos pelo poder público brasileiro.

Essa é a essência do Pronasci, que começa a ser implantado hoje com investimento de 6 bilhões e 700 milhões de reais nos próximos cinco anos. É preciso fazer o possível para transformar redutos do crime organizado em ambiente de paz e cidadania, com ação policial necessária e competente, políticas públicas abrangentes e resgate social.

O que estamos deflagrando não é tão somente uma agenda de governo. Na verdade, talvez seja a mais séria disputa da nossa geração, aquela da qual depende a convergência do nosso futuro e a própria unidade do nosso País. O crime organizado, a exemplo da miséria, e talvez fosse mais correto dizer, valendo-se em parte dela, pretende substituir nosso território físico e social por um odioso *apartheid* de medo e opressão. Recuar diante desse desafio seria renunciar à construção de uma sociedade integrada pela democracia e pelo bem-estar coletivo.

Sabemos onde se dá a base da disputa. Com o Pronasci mapeamos territórios e carências, definimos obras, ações e ofensivas mas, sobretudo, temos consciência de que a mãe de todas as batalhas consiste em conquistar corações e mentes dos pais, das crianças e da juventude, grande parte vivendo no abandono, nas periferias das regiões metropolitanas em todo o País.

O Pronasci integra uma gigantesca ofensiva do Estado de direito e do direito ao Estado, para devolver o direito à vida e ao sonho para a grande maioria do povo brasileiro. Vamos associar segurança pública a investimentos maciços em oportunidades, equipamentos, formação de policiais e lideranças comunitárias. A comunidade só voltará a ter relevância na vida de nossa gente a ponto de constatar o poder do crime organizado, se lideranças genuínas, especialmente as mães, tomarem a linha de frente na luta pela vida e pelos direitos do cidadão.

Além do Pronasci, é importante repetir sempre, minha querida Dilma Rousseff, que investiremos, nos próximos quatro anos, 146 bilhões de reais do PAC em habitação e saneamento básico para atender o direito de milhões de brasileiros à água tratada, à coleta de esgoto, à habitação digna, à urbanização de favelas, bem como à transferência de habitações em áreas de risco. Quero destacar que as 11 áreas metropolitanas contempladas pelo Pronasci também serão beneficiadas pelas obras do PAC, o que significa maior segurança para esses espaços urbanos.

Não é por acaso que isso acontece quando a nossa economia vive um sólido processo de expansão, protegida das turbulências externas, com reservas superiores a 160 bilhões de dólares. Sabemos muito bem que o crescimento é indispensável para acelerar a inclusão social, mas aprendemos, com as iniquidades do passado, que ele não é suficiente para corrigir desequilíbrios seculares, dos quais a violência é o efeito colateral que se projeta com perversa autonomia sobre o conjunto da sociedade. O Pronasci vai tratar a violência urbana com a mão firme do Estado e a convicção democrática de que é preciso reverter a exclusão de muitos se quisermos viver num país de todos.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria pedir a todos que estão aqui, pessoas envolvidas direta e indiretamente com a questão da segurança pública... Nós, mais do que um programa de segurança pública, mais do que uma polícia eficiente, mais do que uma polícia que não tem medo de enfrentar o crime organizado, estamos investindo em inteligência e estamos apostando todas as nossas fichas de que é possível recuperar a parte da juventude brasileira que já andou meio desencaminhada. Nós temos consciência de que se não envolvermos a



sociedade, se não envolvermos os pais, se não envolvermos o tio, o irmão, se eles não estiverem convencidos a construir a parceria conosco, nós, certamente, teremos muito mais dificuldades em vencer essa batalha.

Eu, há muito e muito tempo, aprendi que determinado tipo de comportamento do ser humano a gente não resolve com pancadaria, a gente não resolve mais com cacetete, a gente não resolve com celas cada vez mais apertadas e com tempo cada vez maior de cadeia. Eu acho que grande parte dos problemas que nós temos no Brasil, nós iremos resolvendo na medida em que aumente, sobretudo, a oferta de oportunidades pelas prefeituras, pelos estados e pelo governo federal. Na hora em que esses milhões de jovens perceberem que haverá oportunidade para seguirem um outro caminho, certamente todos nós ganharemos muito mais.

Meu querido ministro Tarso Genro e sua equipe, vocês procuraram trabalho e têm trabalho. Agora, é tornar esse grande projeto chamado Pronasci realidade, para que o povo brasileiro tenha razão de confiar no Brasil e no governo.

Um grande abraço e boa sorte.



**Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia de inauguração da Planta de Biodiesel do Grupo Bertin**

**São Paulo – SP, 21 de agosto de 2007**

Meu caro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,  
Minha companheira Marisa,  
Minha cara Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil da Presidência  
da República,

Meu caro ministro Reinhold Stephanes, da Agricultura, Agropecuária e  
Abastecimento,

Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,  
Meu querido Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,  
Nosso querido Dom Irineu Danelon, bispo da Arquidiocese de Lins,  
Deputados federais, Abelardo Camarinha, Jorginho Maluly, doutor Ubiali,  
Ricardo Berzoini,

Meu caro Waldemar Sândoli Casadei, prefeito de Lins,  
Nosso querido Jorge Viana, ex-governador do Acre, que está  
aprendendo como fazer biodiesel, para ver se montamos uma usina no Acre,

Meus caros deputados estaduais,  
Prefeitos das cidades vizinhas, prefeitas,  
Meu caro Reinaldo Bertin e senhor Silmar Roberto Bertin, por meio de  
quem cumprimento todos os acionistas do grupo Bertin,

Meu caro Danilo Pereira da Silva, presidente estadual da Força Sindical,  
Nossa querida Silene Maria Óbice, coordenadora regional da Central  
Única dos Trabalhadores,

Senhor Eli Gonçalves Matos e senhor Severino Ramos do Nascimento,  
por meio de quem cumprimento os trabalhadores e as trabalhadoras do Grupo  
Bertin,



Meus amigos e minhas amigas,

Estou vendo aqui velhos companheiros, com o Darci Klein, estou vendo o Aírton Soares lá atrás. Quero dizer para vocês, antes de ler o meu pronunciamento, que foi nesta cidade, em 1979, em um congresso dos metalúrgicos, que nós tivemos a grata idéia de fundar o Partido dos Trabalhadores. Foi aqui nesta cidade que nasceu, Jorge Viana, a idéia de criar um partido que em apenas 20 anos chegou à Presidência da República.

Eu quero cumprimentar também, eu estou vendo o companheiro José Carlos Bumlai, que há mais de 3 anos quer que eu venha aqui conhecer o frigorífico, e hoje eu quero ver se tudo que ele me falou é verdade.

É conhecido o dito popular de que do boi se aproveita tudo, até o berro. Ou, como não se cansam de repetir os trabalhadores de grandes frigoríficos como este, dizem que aqui entra o boi e sai calçado, sai ração animal, sai cosmético e, a partir de agora, a gente vai poder dizer que entra o boi e sai o biodiesel.

Eu queria dizer para vocês, que cada vez que eu participo da inauguração de uma fábrica de biodiesel – seja ela de soja, mamona, girassol, pinhão manso, dendê, e agora essa novidade para mim, do biodiesel da gordura animal – é como se eu estivesse vendo um filho aprender uma nova palavra, porque o biodiesel já foi descoberto, inventado e patenteado há muito tempo. Aqui no Brasil o professor Expedito Parente o patenteou em 1975, mas de 1975 até 2003 isso não passava de uma tese para debates acadêmicos. Eu mesmo cansei de ser convidado para ver pequenas máquinas produzindo gotas de biodiesel, mas nunca tinha havido, da parte do governo, a decisão de transformar aquela possibilidade patenteada num produto industrial, gerador de empregos e libertador, neste País e no mundo, de uma energia que tem data marcada para terminar e que polui muito o Planeta.

E aqui é importante a gente render uma homenagem à ministra Dilma Rousseff, que foi a pessoa designada por mim para coordenar um grupo de



trabalho em que participaram mais de 60 pessoas, e foi ela quem organizou todo o marco regulatório da lei que mandamos para o Congresso Nacional. Quero agradecer aos deputados que aprovaram, até com uma certa rapidez, todo o Marco Regulatório do Biodiesel, que coloca o Brasil hoje no cenário mundial, não apenas pelas mazelas que tradicionalmente eram motivos de manchetes do Brasil no exterior. Hoje as pessoas, quando falam do Brasil, não falam apenas de carnaval, de samba ou de crianças de rua. As pessoas hoje aprenderam que este País não é só o país que inventou o avião, mas é o país que tem uma Embraer, é o país que tem uma Petrobras, é o país que tem o melhor sistema financeiro do mundo, é o país que tem uma das melhores agriculturas do mundo, é o maior exportador de carne, é um dos maiores exportadores de soja, é o maior exportador de minério e, hoje, com uma vantagem, estamos exportando tecnologia, produtos com valor agregado, e não apenas produtos *in natura*.

Possivelmente, poucos neste País tiveram a crença que teve a família Bertin, de que era possível transformar o Brasil no maior exportador de carne do mundo. Parecia uma meta inatingível e nós chegamos lá. E isso exige de nós um outro ingrediente, é que quanto mais nós somos importantes, mais responsabilidade nos serão exigidas. Quando a gente é pequeno, ninguém dá bola, pode fazer arte, pode fazer qualquer coisa. Quando a gente fica importante, cuidado, porque eles inventarão de tudo para competir conosco naquilo que nós estamos ganhando deles. Agora, como eles não podem criticar a qualidade da nossa carne, eles vão entrar com uma questão sanitária para tentar dizer que não vão importar a nossa carne. É por isso que o governo tomou a decisão de que não faltará dinheiro para a gente cuidar da questão sanitária neste País.

Mas prestem atenção em uma coisa. Não basta ter dinheiro, não basta ter disposição do governo se as pessoas que são donas de gado não tiverem a



responsabilidade de vacinar. Não adianta o casal trabalhar e levar dinheiro para casa, se depois alguém não faz a comida para as crianças comerem.

Então, é importante que haja uma boa parceria entre a disposição do governo de não permitir que falte dinheiro e fiscalização, e dos criadores brasileiros de fazer a lição de casa, porque quando alguém, em qualquer estado, comete o erro de não vacinar, outro estado que vacinou paga o preço da irresponsabilidade. Então, a nossa responsabilidade é muito maior, e aí entra essa coisa extraordinária que são os biocombustíveis. Não se preocupem com a minha ênfase em falar do biodiesel e do biocombustível.

Eu estava agora mesmo dando uma entrevista para um jornalista francês, foi muito rápida a entrevista, mas vem aquela velha história de que: “olha, nós precisamos tomar cuidado porque senão nós vamos invadir a Amazônia e nós vamos prejudicar a biodiversidade da Amazônia, vamos mudar o ecossistema.” Eu disse ao jornalista que seria importante que a gente olhasse o mapa-múndi do desmatamento dos últimos mil anos e fizéssemos o acompanhamento da evolução do desmatamento, para perceber que este País, muitas vezes tão agredido por erros de pessoas que de forma irresponsável fazem queimadas e desmatamento onde não deveriam fazer, ainda tem 69% da sua mata original preservada, enquanto os países ricos que tentam nos dar lição só têm 0,3% das suas florestas preservadas.

Obviamente que nós precisamos tomar cuidado, e o Ministro da Agricultura está cuidando disso para que a gente tenha um zoneamento agrícola e defina claramente quais as áreas em que a gente pode fazer o quê, porque num processo como esse, em que não estamos construindo apenas a riqueza de uma pessoa ou de um grupo, mas estamos construindo uma nação, é preciso que a gente olhe para o país que a gente deseja daqui a 100 anos. E é com essa visão que a questão do biodiesel entra na minha cabeça com uma paixão muito grande.



Há muito tempo o mundo fala em criar alternativas. Eu, desde moleque, não tinha nem um fio de cabelo branco, ouvia dizer que nós iríamos produzir carro a hidrogênio. Mas até hoje não conseguimos separar a molécula para tirar o hidrogênio para tocar o nosso carro. Nós começamos o Programa do Álcool na década de 70, e não começamos por uma opção de combustível, mas por um problema de preço de cana-de-açúcar no mercado internacional. Por isso, foi criado o Proálcool, que deu o resultado extraordinário que deu. Hoje estamos vendo o mundo olhar o Brasil com outro olhar. Não tem nenhum país do mundo que tenha a possibilidade de competitividade que tem o Brasil na produção de biocombustíveis. Não tem nenhum país do mundo que tenha a quantidade de terra agricultável que tem o Brasil, com a quantidade de sol, com a quantidade de água que, se soubermos usar corretamente, será infinita, e é por isso que exige de nós mais responsabilidade. E não tem nenhum país do mundo capaz de produzir essa alternativa com o mesmo preço do Brasil.

Agora, eu também não penso apenas no Brasil. É importante que a gente saiba que, hoje, praticamente 10 países detêm o monopólio de todo o petróleo do mundo, e 10 países servem ao restante do mundo. Com a introdução dos biocombustíveis, nós poderemos ter pelo menos 120 países do mundo produzindo biocombustível para o mundo inteiro. Já democratizamos a capacidade de produção. Eu não olho apenas para o Brasil, eu olho para a África, eu olho para a América Latina, eu olho para toda a América, para o Caribe, e vejo que é exatamente olhando o continente africano, olhando o continente latino-americano, que nós temos terra, água e sol para produzir combustíveis que nunca vão faltar.

Aí, inventaram a idéia de que isso é incompatível com a produção de alimentos. Ainda bem que a Nestlé está aqui e sabe que o problema de alimentos no mundo, o fato de ter 800 milhões de pessoas passando fome não é por falta de alimento, é por falta de renda para comprar os alimentos. Acontece que a produção dos biocombustíveis permite gerar emprego, gerar



renda e permite que a pessoa possa, também, comprar esses alimentos.

É importante também a gente olhar a revolução de uma empresa que produz biodiesel de gordura animal. Eu jamais imaginei que isso fosse possível. Agora está aqui o resultado, e é aquela história de São Tomé, eu preciso ver para crer. Está a fábrica aqui, estão os caminhões ali, e vão rodar 100 mil quilômetros para que a gente possa, no final, provar para a indústria automobilística e para a sociedade brasileira que é plenamente possível esses caminhões rodarem com 20% de biodiesel, seja de gordura animal, de soja, de mamona, de dendê, de girassol, de caroço de algodão, de pinhão manso. É tanta coisa que pode produzir biocombustíveis que os nossos países competidores terão que aceitar que o Brasil será imbatível nessa disputa, não pela quantidade apenas, mas pelo preço com que nós poderemos produzir essa matéria-prima.

E o que é mais importante, nem todo país tem tecnologia para fazer prospecção de petróleo. Uma plataforma de petróleo de 200 mil barris/dia custa 2 bilhões de dólares, não é qualquer um que faz, e ela gera 7 mil empregos na sua construção. Agora, imaginem que não precisa ter nenhum diploma de doutor, pode ser analfabeto. Nós não queremos que tenha analfabetos no Brasil, mas se não sabe mexer numa plataforma, qualquer um pode cavar um buraco de 30 centímetros, plantar uma semente e, depois de alguns meses, pode colher um óleo combustível que até hoje o mundo só conhece do petróleo. Essa é a revolução.

Quando fui fazer colheita de mamona, há um tempo desses, no Piauí, eu fiquei imaginando: que maravilha. A Petrobras precisa cavar um poço de 3 mil metros de profundidade, qualquer dia ela sai com um japonês na broca, de tanta profundidade. Hoje, um cidadão do tamanho do Arlindo Chinaglia, não precisa ser muito grande não, pode plantar um pé de mamona, esticar a mão, colher, moer, preparar e fazer óleo diesel. É uma revolução extraordinária que nós estamos fazendo neste País.



Eu quero, Bertin, dizer ao seu João, dizer ao Vicente, que talvez seja o fundador deste projeto extraordinário, ao Henrique e a você, Bertin, que é gratificante para um presidente da República saber que no seu país tem empresários que perderam o medo de ser grandes, tem empresários que perderam o medo de fazer inovação tecnológica nas suas empresas, e tem empresários que têm disposição de competir com os maiores empresários do mundo. A gente vê a família Bertin, e vê que, embora o grupo tenha crescido, tenha ficado importante – eu vou ver a tal da bota que vocês produzem aqui, a comida que dura não sei quantos dias, eu vou ver se tudo é verdade – apesar de tudo isso, vocês demonstram que o crescimento da empresa e o aumento do patrimônio pessoal da família não mexeram com a cabeça de vocês. Vocês continuam simples, acreditando que precisam trabalhar cada vez mais para que o Grupo se transforme num grupo ainda maior, exatamente neste momento em que a economia brasileira não deixa dúvidas.

Eu fico pensando, Bertin, se você teria coragem de fazer tudo isso se a inflação estivesse a 40%. Eu fico imaginando se você teria coragem de fazer isso se o Brasil tivesse um déficit comercial como teve durante tantos anos na vida. Você só pode fazer isso porque a economia brasileira está vivendo um momento de sustentabilidade como nunca viveu neste País. Eu lembro do discurso do Darci Klein, que está aqui, do Aírton Soares, em 20 anos da nossa vida brigando contra a inflação. Todo mundo sabe que as revistas publicavam a imagem de um dragão para mostrar a inflação.

Eu lembro quantas vezes todo mundo aqui fez discurso e saía pela rua contra o FMI, contra a dívida do Brasil. Vejam que engraçado, hoje nós não devemos ao FMI, não devemos ao Clube de Paris. Tem uma crise que todo mundo viu na semana passada, a crise imobiliária dos Estados Unidos que, portanto, eles têm que resolver. Alguns tentaram vender a idéia de que a crise iria atingir o Brasil. E eu posso dizer para vocês que a nossa economia está mais sólida do que já esteve em qualquer outro momento. E nós só chegamos





a essa situação, Bertin, porque houve um momento em que as pessoas queriam que nós encontrássemos saídas fáceis para as coisas. E só Deus sabe o que nós fizemos, em 2003, para poder chegar em 2007 e a gente ter 160 bilhões de dólares de reservas, coisa que jamais, nem o Cypriano, que é banqueiro, nem os nossos companheiros empresários imaginaram que este País poderia ter.

E por que nós fizemos isso? O Ricardo Berzoini sabe, nós fomos aproveitando a queda do dólar, fomos comprando dólares, e fomos comprando a nossa dívida em dólar, o que é mais importante. Quando transformaram a nossa dívida vinculada ao câmbio, era o pior dos mundos, o dólar tossia e a gente morria. Então, nós resolvemos: vamos comprar tudo que a gente tiver em dólar, vamos ficar com a dívida em real. Isso nos dá tranquilidade para dizer a vocês do Grupo Bertin: continuem apostando porque o século XXI é o século deste País. Nós não jogaremos fora a oportunidade que foi jogada no século XX.

Nós continuamos afirmando que não há magia em economia. Não faremos nenhuma loucura, porque as pessoas, Bertin, são, às vezes, um pouco complicadas. Os exportadores vão lá conversar comigo e querem que eu aumente o dólar, os importadores querem que eu baixe; os vendedores de máquinas querem que eu aumente, os compradores de máquinas querem que eu baixe. Ora, não existe magia. Não é possível criar um dólar para o boi, um dólar para a soja, um dólar para a Nestlé, um dólar para o Bradesco, um dólar para a cana-de-açúcar, não é possível. É por isso que o dólar é flutuante. E vejam que engraçado, dois meses atrás, o dólar estava a 2,10 e as pessoas queriam que ele fosse para 2,30. Ele chegou a 2,80, depois foi a 2,12, hoje está em 2,04. E as pessoas falam: “Não vai cair?” Mas não queriam que caísse ontem. O governo não fará nenhuma magia porque não tem magia, o mercado vai tratar de regular esse dólar. Ele pode parar em 2, pode chegar a 2,10, pode ir para 1,90, para 2,15, para 1,85, não tem problema, um dia ele vai parar. E quando ele parar, nós teremos muito mais tranquilidade, os preços



ajustados.

E vou dizer mais, do ponto de vista do governo, eu só queria fazer um apelo aos empresários: que fizessem como o Bertin está fazendo, porque tem gente que: “ah, teve uma crise porque alguém não...” Cypriano, você que é banqueiro sabe que essa crise também se dá porque os cidadãos que apostaram em títulos de terceira categoria é como se tivessem ido jogar no cassino, foram para ganhar fácil e quebraram a cara. E não é justo o povo brasileiro pagar pela irresponsabilidade daqueles que querem ganhar dinheiro na agiotagem, não é humanamente justo, não é socialmente compreensível, porque as pessoas que aplicaram corretamente não perderam dinheiro e, certamente, o Bradesco não perdeu dinheiro nessa chamada crise imobiliária americana. Agora, quem tentou especular quebrou a cara, e vai quebrar sempre a cara quem acha que é possível ganhar dinheiro fácil, sem trabalhar. O dinheiro justo é aquele que é resultado de investimento correto, gerador de emprego, portanto, gerador de distribuição de renda, e é isso que vocês estão fazendo aqui.

E eu espero que a gente consiga colocar logo os 5%, depois os 10%. E eu posso dizer para vocês: estou convencido de que é apenas uma dúvida da indústria automobilística com o seu potencial tecnológico. Vou contar um dado para vocês aqui, que o Miguel Jorge está estudando. Nós fomos para a Europa e lá eu discuti com alguns empresários da indústria automobilística. Vocês sabem que na Europa eles estão produzindo o Euro 4. O Euro 4 é a sofisticação do motor do caminhão para diminuir a emissão de CO<sup>2</sup>. Então, eu perguntei para uma empresa o seguinte: essa introdução de uma nova peça no motor que diminui a emissão de CO<sup>2</sup>, encarece quanto o caminhão? Ele falou: “Encarece de 10% a 15%.” E quanto diminui, de CO<sup>2</sup>? “Três por cento, a emissão”. Então, eu disse para eles: “por que vocês não fazem um teste? Coloquem 10% de biodiesel nesses caminhões e vamos ver o que diminui mais a emissão de CO<sup>2</sup>, se é o dispositivo de vocês, que encarece o carro, ou se é o



biodiesel que vai despoluir mais”. Esse teste está sendo feito, é só ver o que a cidade de São Paulo ganhou de diminuição de emissão de gases de efeito estufa com a criação do *flex fuel*. E é esse o instrumento que nós temos para ganhar o mundo.

Eu vou viajar muito este ano, vou viajar muito porque eu acho que quem quer vender tem que fazer propaganda do seu produto. Se a gente ficar aqui no Brasil dizendo: “eu sou pobre, tem muito desemprego, tem muita criança de rua, tem muita prostituição infantil, o Brasil não foi campeão do mundo”, achando que isso vai motivar alguém a vir comprar, eu vou dizer para vocês: não vai. Ninguém vai ajudar este País pela nossa miséria. As pessoas vão respeitar o País pelas nossas qualidades. E essas qualidades, nós estamos andando no mundo para vender. Esta semana eu tive o orgulho de ir à Jamaica inaugurar uma fábrica de desidratação de álcool para exportar para os Estados Unidos. Eu tenho dito, há três anos, aos empresários brasileiros: se os americanos têm uma taxa muito alta do nosso álcool, vamos produzi-lo ou vamos vendê-lo a partir da América Latina, a partir da América Central e do Caribe. Vamos ser criativos e vamos levá-lo, desidratar e vendê-lo. Quando o americano estiver dependente do álcool da cana, ele vai perceber que o milho é para encher o papo da galinha e a cana é para produzir açúcar e álcool.

Muito obrigado. Parabéns, Bertin, e parabéns à família.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de visita à Fábrica da Embraer – Unidade São José dos Campos**

**São José dos Campos – SP, 21 de agosto de 2007**

Meu caro companheiro Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Meu caro companheiro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Sérgio Machado Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Minha querida companheira Marisa,

Meu comandante da Aeronáutica, brigadeiro Juniti Saito,

Meu caro Eduardo Cury, prefeito de São José dos Campos,

Deputados aqui presentes,

Meu caro Frederico Fleury, diretor-presidente da Embraer,

Meu caro Maurício Botelho, presidente do Conselho,

Meu caro Humberto Follegatti, presidente da BRA,

Benedito Marcelo dos Santos, o empregado mais experiente e não o mais velho, o de maior tempo de casa da Embraer,

Senhores e senhoras empregados e diretores da Embraer,

Diretores da BRA,

Meus amigos e minhas amigas,

Há pouco mais de 3 anos estive aqui para o lançamento da Família Embraer 170-190, que é um sucesso extraordinário da indústria nacional. Hoje, comemoramos a assinatura de um contrato entre a empresa BRA e a Embraer para a compra de 20 jatos Embraer 195, no valor de 730 milhões de dólares, ou cerca de 1 bilhão e meio de reais. O contrato se refere a mais de 20 opções do mesmo modelo, o que pode elevar o seu valor a 1 bilhão e 460 milhões de dólares. Dessa forma, a Embraer consolida a condição de terceiro maior fabricante de jatos do mundo e o primeiro em aviões de até 120 lugares. A empresa, como se sabe, tem 36 clientes de 26 países, adquiriu a indústria de

aeronáutica de Portugal e abriu uma fábrica na China.

São aviões, pelo menos o que esperamos, confortáveis, o ministro Nelson Jobim e o ministro Miguel Jorge, que são um pouco maiores do que a média, sentaram e o joelho não bateu no banco, o meu, então, não chega nem na metade. Eu só espero que as empresas que comprarem não coloquem 150 passageiros onde só cabem 118, porque aí vai ficar uma situação muito desconfortável.

Este é um fato muito importante. Na verdade, e por várias razões, um marco na aviação brasileira. E, aqui, eu queria dizer à direção da BRA que possivelmente hoje ficará marcado como o dia em que as empresas aéreas brasileiras descobriram a Embraer como a empresa fabricante de aviões de qualidade, de segurança, e que não devem nada a nenhum avião do mundo.

É importante lembrar que houve uma tentativa extraordinária, porque a Embraer já era muito conhecida... o sucesso dos Tucanos e Super Tucanos, o sucesso do Brasília, o sucesso do Bandeirante, o sucesso do Legacy e o sucesso do 145, que certamente é muito mais vendido no exterior do que aqui dentro, no Brasil.

Pois bem, eu penso que a BRA está dizendo claramente o seguinte: nós temos uma empresa de ponta, que produz um produto de ponta e que atende plenamente os desejos do mercado nacional, com autonomia para voar de Porto Alegre ao Ceará em vôo direto e com conforto.

E, possivelmente, o gesto que a BRA está fazendo neste momento será repetido por outras empresas, porque algumas também vão se convencer de que não precisam colocar avião de 200, 300 passageiros para lotar. Às vezes podem colocar um pouco menos, porque o brasileiro está recuperando a sua renda, o brasileiro está podendo viajar um pouco mais, as empresas de turismo estão fazendo financiamento para que as pessoas paguem a possibilidade de viajar. Então, essa combinação que a BRA está fazendo nesse instante pode significar uma novidade extraordinária e uma revolução no conceito da aviação brasileira. Eu tenho certeza de que nesses próximos anos a BRA vai colher com o lucro e com o crescimento do número de clientes pela aposta certa que está fazendo de acreditar cada vez mais na aviação regional.

Além disso, o contrato assinado contribui para a geração de empregos de alta qualificação, o que explica e justifica, mais uma vez, o acerto da

decisão que nós tivemos de expandir o ensino técnico no nosso País. Ou nós investimos em educação e criamos muitos pólos de desenvolvimento, como aqui em São José dos Campos, ou o Brasil perderá mais uma vez as oportunidades que já perdeu no século XX. Afinal, a produção em série dessa família de jatos dinamiza toda uma cadeia produtiva que exige mão-de-obra altamente qualificada. Somente da família do 170 e do 190 fazem parte 22 parceiros industriais. Desses, 9 empresas de renome internacional, que desde 1990 já investiram quase 80 milhões de dólares e geraram praticamente 2 mil empregos diretos. Para fornecer os seus produtos à Embraer, essas empresas compram pelo menos 20 milhões de dólares anualmente no mercado interno. Além disso, já são 130 pequenas e médias indústrias catalogadas como fornecedoras de produtos e serviços.

A partir do momento em que uma companhia aérea opta por um modelo de jato capaz de fazer a interligação dos grandes centros com os menores e entre as várias regiões do Brasil, é sinal de que aviação regional pode e vai crescer. E com mais frequência e mais assentos, reduzir os custos operacionais e os preços dos bilhetes.

É preciso ressaltar ainda o aumento do número de passageiros para todas as regiões do País. E aí é importante lembrar que somente com a economia crescendo, somente com as passagens reduzindo e somente com uma forte política de desenvolvimento do turismo é que a gente pode garantir ao povo brasileiro a oportunidade de não fazer da viagem de avião uma viagem de luxo, ou seja, a cada dia que passa o avião será cada vez mais um direito ao transporte, para garantir o direito de ir e vir das pessoas.

Quando eu vim aqui, no começo de 2004 ou final de 2003, a Embraer tinha 12941 funcionários. Hoje, ela tem 23700 funcionários, ou seja, praticamente a Embraer dobrou o número de funcionários, dos quais 4500 contratados este ano. É importante a gente elogiar, porque como a gente vive num mundo em que as notícias ruins ganham sempre, em manchete, das notícias boas, é importante a gente dizer, na frente dos trabalhadores e da direção da Embraer, da direção da BRA, dos ministros que estão aqui, da Aeronáutica, o que é uma idéia feliz. Uma idéia surgida em 1946 faz com que, em 2007, a gente tenha a terceira empresa de aviação do mundo construída por brasileiros.

Eu, possivelmente, junto com a direção da empresa, tenho viajado muito o mundo e tenho feito propaganda da Embraer. É que a Embraer ainda não construiu um avião que possa atravessar o oceano, senão eu seria um garoto propaganda e meio da Embraer, e faço isso com muito orgulho. Eu me lembro do orgulho, quando ganhei as eleições em 2002, e não tivemos vergonha de ligar para o Maurício e pedir um avião Legacy para ir atender um convite do presidente Bush no dia 10 de dezembro de 2002. Saí de São Paulo, parei em Boa Vista e desci na base aérea americana. Depois da bandeira nacional, a coisa que mais me deu orgulho naquele dia foi saber que eu estava em um avião brasileiro, produzido por brasileiros, por trabalhadores brasileiros, e um avião em que as pessoas se preocupavam em saber de onde era. Tem sido assim em Portugal, tem sido assim na China, tem sido assim na Índia, tem sido assim em todos os países da América do Sul, tem sido assim na África.

Eu acho, então, que essa história de sucesso da Embraer é um motivo de orgulho extraordinário para todos nós. E eu acho que a coisa mais importante aqui, meu caro brigadeiro Saito, meu caro ministro Nelson Jobim, é que um dia teve um grupo de brasileiros que pertenciam à Força Aérea Brasileira, que ousaram pensar grande, ousaram acreditar neste País, tiveram a idéia e cumpriram as etapas até o dia de hoje. Aí diziam que a Embraer era deficitária, teve uma época em que a Embraer esteve em crise, e uma crise que a gente vive até hoje, no seguinte sentido: houve um tempo em que tinha muitas dificuldades para se fazer financiamento para exportação dos nossos aviões. Ainda hoje nós temos um pouco de dificuldade para financiar os aviões aqui dentro do Brasil. Ora, se nós temos um país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, um país de 190 milhões de habitantes e um povo cada vez mais desejoso de viajar, cada vez com mais vontade de conhecer o seu próprio território, vocês não sabem, meus companheiros, como esse gesto de hoje é extremamente importante para todos nós.

Eu quero dizer, Humberto, e dizer para o nosso querido Frederico, que o dia de hoje é marcante. Eu não quero esquecer os US\$ 26 bilhões de exportações que a Embraer já fez, não quero esquecer as contribuições de 9 bilhões e 700 milhões de dólares no saldo comercial brasileiro, não quero esquecer a importância da Embraer no mundo, mas agora a Embraer está combinando a sua presença no mundo com a sua presença no mercado

interno brasileiro. Primeiro, porque eu tive o prazer, que somente os funcionários tiveram e os donos que compraram vão ter, de entrar nos dois aviões já prontos e, sobretudo, no primeiro 190 que ainda não será da BRA, será da empresa canadense. É um avião para deixar qualquer passageiro de Boeing ou qualquer passageiro de Airbus com inveja, pela qualidade e, sobretudo, pela pouca idade das pessoas que estão montando o avião.

Eu fiquei curioso, Frederico, e perguntei para aquele jovem dentro do avião se ele voaria no avião que está montando. Ele, muitas vezes, entende da pecinha que está montando, mas tem tanto garrancho, tanto fio, tanta coisa... É por isso que eu sou muito corajoso: quando eu entro num avião, eu entrego a Deus a minha vida, à qualidade tecnológica do avião e ao piloto e, aí, seja o que Deus quiser. Porque, realmente, entrar num avião e vê-lo semi-acabado é, na verdade, uma coisa que dá medo, porque não é aquela garantia toda que a gente vê quando ele está pronto. Sabem o que eu achei? É mais ou menos quando a gente levanta pela manhã. Tem pessoas, como eu, que continuam feias o dia inteiro, mas há uma propensão de, pela manhã, você estar pior ainda. Então, o avião é isso.

Eu quero terminar dizendo o seguinte: esta empresa é, foi e continuará sendo motivo de orgulho para a engenharia brasileira, da capacidade de criação da Força Aérea Brasileira, continuará, como a Petrobras e outras coisas que nós criamos neste País, demonstrando que o Estado tem um papel extraordinário como indutor do desenvolvimento do País. A BRA está dando uma demonstração de que não é apenas o coração que é brasileiro ou a cabeça que é brasileira, ela é uma empresa que acredita no crescimento da oferta de passageiros neste País para cumprir a demanda que eles vão oferecer. Aos trabalhadores da Embraer, que demonstram uma força extraordinária: o caminho do futuro é investir para que a gente não tenha que fazer investimentos em cadeia, para que a gente não tenha que estar se preocupando em contratar muitos policiais e para que milhões de jovens consigam se tornar tão qualificados e competentes como vocês.

Meus parabéns a Embraer, parabéns a BRA e parabéns aos trabalhadores da Embraer. Um abraço.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o encontro com as mulheres da 3ª Marcha das Margaridas**

**Brasília - DF, 22 de agosto de 2007**

Minhas queridas companheiras trabalhadoras do nosso querido País,  
Eu quero cumprimentar a ministra Nilcéa Freire,  
Quero cumprimentar a Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Políticas da Promoção e Igualdade Racial,  
A Marta Suplicy,  
Quero cumprimentar o ministro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,  
O companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência,  
O José Gomes Temporão, da Saúde,  
Quero cumprimentar a minha companheira Marisa,  
Quero cumprimentar as senadoras Ideli Salvatti e Fátima Cleide,  
Quero cumprimentar os senadores José Nery e Sibá Machado,  
Quero cumprimentar a deputada federal Luiza Erundina, em nome da qual eu cumprimento todos os deputados e deputadas aqui,  
Quero cumprimentar o meu companheiro Manoel dos Santos, presidente da Contag. Está certo que é a Marcha das Margaridas, mas o Manoel não precisava ter vindo de camisa rosa.  
Quero cumprimentar a nossa querida Carmem Foro, coordenadora da Comissão Nacional de Mulheres da Contag,  
Quero cumprimentar cada companheira aqui presente,  
Quero cumprimentar a imprensa,

Bem, querido Manoel, querida Carmem e companheiras trabalhadoras brasileiras, eu penso que é importante a gente sair daqui, não apenas olhando as conquistas que vocês obtiveram mas, sobretudo, analisando o gesto de fortalecimento da democracia e a conquista dos direitos do povo brasileiro, com essa Marcha que vocês fizeram.

O Brasil não está habituado a isso. Se fossem mulheres e homens de outros segmentos da sociedade, de maior posse, isso seria visto como uma coisa normal. Afinal de contas, as pessoas podem pagar passagem para vir de avião e podem vir de carro. Mas quando milhares de mulheres, dos 27 estados deste País, a grande maioria absoluta trabalhadora rural – que sabe o que é o cabo de uma enxada, que sabe dividir o tempo para o trabalho e o tempo para cuidar da família – se dispõem a andar dias e dias de ônibus, passando privações, dormindo no chão, às vezes em colchõezinhos de um milímetro de espessura, ainda vem alguém dizer: “essas mulheres foram pagas pelo governo”. Eu vou dizer uma coisa para vocês, se eu pudesse, se eu tivesse dinheiro, não precisava ser dinheiro do governo, eu daria o dinheiro do meu bolso para trazer mais mulheres do que tem aqui. E, mesmo que tivesse trazido, o trabalho que vocês tiveram para produzir uma pauta de reivindicação, com mais de 100 reivindicações, é um fato quase inédito na história deste País. E não fizeram uma reivindicação para ontem, elaboraram uma pauta que é quase um programa de governo, para ser atendida em quatro anos. Porque vocês sabem e compreendem a política e sabem que nem sempre depende de um presidente ou de um ministro, nem sempre depende da Câmara ou do Senado, depende de muitas outras coisas que nós precisamos construir juntos.

Mas algumas pessoas ficam indignadas não é pelo fato de vocês estarem aqui, porque se Brasília é capital do Brasil, as pessoas precisam se habituar a ver toda a sociedade fazendo manifestação aqui. E mais importante é quando as mulheres que fazem a reivindicação são aquelas que pertencem à família que tira do campo não apenas o sustento da sua família, mas uma parte dos alimentos que comem os que nos criticam todo santo dia. Eu sei que tem muita gente incomodada e vão se incomodar muito mais, porque nós vamos fazer muito mais. Eu tenho três anos e meio de mandato, tenho clareza dos discursos que fiz por este País a minha vida inteira, e tenho clareza de que aqui tem companheiras que me ouvem falar desde 1980 por este País. Eu sei cada palavra do que nós temos que fazer e sei do tempo que nós temos que construir para fazer a coisa. E eles se incomodam, porque antes era fácil ganhar as eleições com o voto dos pobres e depois governar só para os ricos. Eu digo todo santo dia: sou presidente de 190 milhões de habitantes, mas não

tenho dúvida de que a minha preferência é fazer política para a parte mais pobre da sociedade brasileira, que é quem precisa do Estado brasileiro.

Eu sei, meu caro Manoel, o quanto incomoda algumas pessoas quando nós resolvemos levar luz elétrica à casa do povo do campo deste País, e eu quero reiterar o meu compromisso. Nós prometemos, até 2008, atender 12 milhões de famílias que não tinham energia neste País. Já levamos para 6 milhões e vamos para os 12 milhões de famílias que precisam de energia. Porque quem nasce na capital, quem nasce na cidade, numa rua com luz elétrica, numa rua com asfalto, numa rua com água encanada, não sabe o que é a vida de um pobre deste País, que tem que andar quilômetros com uma lata d'água na cabeça, cuidar de um filho doente à base de uma luz de candeeiro, cozinhar à base de uma luz de candeeiro, e quando chega um bico de luz é como se o dedo de Deus estivesse clareando o nosso dia e a nossa noite. Manoel, na região Norte do País, lá no Amazonas, tem ligação que nós estamos fazendo que custa 5 mil reais. Lógico que é mais fácil para o governante, ao invés de fazer uma ligação que custa 5 mil reais, fazer 100 ligações pelos 5 mil reais na cidade. Mas a pergunta, que eu me respondo todos os dias, é que pode custar 5 ou custar 6, os brasileiros que moram no campo e moram mais distante têm o mesmo direito dos brasileiros que moram em Brasília. E nós precisamos fazer os benefícios chegarem a essas pessoas. Eu sei o quanto custa para algumas pessoas entender por que está diminuindo a saída do povo brasileiro do campo. E, ao contrário, a televisão tem mostrado trabalhadores se aposentando no Centro-Sul e voltando para trabalhar no campo. É porque na hora que tem crédito, na hora que tem compra de alimentos... A gente não pode ainda comprar tudo, mas quando criamos o programa para comprar alimentos, em 2004, Guilherme, eram só 50 milhões de reais. Este ano, já são 556 milhões de reais.

Tem muita gente que não sabe, mas esses dias, na Paraíba, as pessoas vendiam leite de vaca no mercado a 30 centavos de reais, e o litro de leite de cabra a 70 centavos. Aí, o governo entra pagando 70 centavos pelo leite de vaca e 1 real pelo leite de cabra. Quem mora nesses estados e participa do programa da compra de alimentos sabe que isso é quase uma revolução na vida da gente, porque antigamente o pobre catava lá os seus 10 litrinhos de leite, saía para vender na feira e, se não conseguia vender, o leite azedava e

ele jogava fora. Agora, o governo, a Conab e o MDS estão colocando 556 milhões, este ano, e posso dizer para vocês – podem ficar certos – que no ano que vem terá muito mais dinheiro para o PPA e para comprar alimentos.

Tem muita gente que não se incomoda porque o governo é eleito e depois nunca mais conversa com o povo. E as nossas deputadas e os nossos deputados têm que saber. Desde que nós tomamos posse, já foram realizadas, aqui em Brasília, 43 conferências nacionais. Cada conferência nacional igual àquela das mulheres, que nós vimos na semana passada. Mas a conferência nacional significa conferências estaduais, que significam conferências municipais, portanto, são mais de 2 milhões de pessoas ajudando a gente a determinar as políticas públicas deste País.

A companheira Carmem e o Manoel sabem da briga que nós fizemos no ano passado. Eu fiquei horrorizado, porque eu quero acabar com essa história de Pronaf A, Pronaf B, Pronaf C, Pronaf D, Pronaf E, Pronaf H. A pessoa, primeiro, tem que entrar em uma faculdade para depois saber qual é a letra dela para receber o dinheiro. Nós temos que ter dois Pronafs: um de custeio e um de investimento. Aí, descobrimos o quê, minhas queridas senadoras e deputadas? O Banco do Brasil concordou, não tem nenhum problema. E eu esperava anunciar para o Manoel, no dia em que ele veio pegar a pauta de reivindicação. Aí, nós descobrimos que agora, com essa modernidade toda, tem um tal de sistema e o sistema do Banco não permite acabar com todas as letras agora. Só a partir de janeiro é que vai acabar com todas as letras para facilitar as pessoas a tomarem a sua miserinha emprestada. Porque o pobre pega e paga, muitos outros pegam e não pagam neste País.

O que incomoda, Manoel, é que em 2003, quando a gente começou o governo, o Pronaf Geral tinha apenas 227 mil mulheres, que faziam o contrato do Pronaf, pegando 560 milhões de reais. Em 2006, Manoel, já foram 490 mil mulheres, e de 500 milhões, nós pulamos para 1 bilhão e 200 milhões de reais financiados diretamente pelo Pronaf Mulher. E por que nós fazemos isso? Nós não queremos que a mulher brigue com o marido para saber quem é que vai ter mais dinheiro, acesso ao banco, não. Nós queremos que o marido tenha o seu crédito, mas que a mulher também tenha o seu para poder cuidar da sua vida.

Mais importante ainda é o seguinte: se alguém disser para vocês, em

qualquer lugar do mundo, que nós vamos mexer no direito dos aposentados brasileiros ou da mulher trabalhadora rural, vocês podem saber, sem olhar na cara, que quem está falando é mentiroso. Porque eu tenho consciência de que, muitas vezes, uma mulher trabalhadora rural ou um trabalhador rural que precisa, para cumprir a lei, prestar informação com documentos, tenho clareza de que o trabalhador urbano tem que contar o tempo de serviço, mas eu penso sempre o seguinte: se a gente quiser ver a cara de quem trabalha no campo, de sol a sol, a gente não precisa de documento. Do vagabundo, a gente precisa do documento, impressão digital e outras coisas mais. Mas, do povo trabalhador, que trabalha de sol a sol, a gente olha a cor da pele, a gente olha a grossura da mão e a gente sabe que aquela pessoa é trabalhadora e, por isso, os trabalhadores não irão perder os seus direitos.

Quero aqui, companheiras e companheiros, aproveitar este momento para dizer de uma conquista de vocês que foi extraordinária: a Lei Maria da Penha. Eu sei, Carmen, que nem todas as mulheres aqui estavam no encontro das mulheres na última quinta-feira. Mas a Maria da Penha é uma cearense, casada com um cidadão que tentou matá-la duas vezes. Ela ficou paraplégica, numa cadeira de rodas, e levou 19 anos para condenar o marido dela, porque naquele tempo, por bater na mulher, a grande punição que o homem tinha era pagar uma cesta básica. Eu disse durante a campanha e vou dizer agora: quem praticar violência contra a sua companheira vai pegar três anos de cadeia. Até porque eu não posso me conformar de o homem levantar a mão para bater numa mulher. Minha mãe era analfabeta, nasceu e morreu analfabeta, mas isso não significa que, por ser analfabeto, você é ignorante, porque tem muita gente com diploma que bate na mulher. A minha dizia: “Meu filho, se um dia você casar e tiver que levantar a mão para bater na sua mulher, por qualquer coisa, é melhor se separar do que bater nela.

Agora, eu acho que nós estamos vivendo um momento extraordinário no Brasil. Falta muita coisa, e eu, mais do que ninguém, tenho consciência de que falta fazer muita coisa. Afinal de contas, como disse a Carmem, são quase 500 anos de esquecimento, em que os índios foram mortos, os escravos foram segregados, os trabalhadores rurais viviam perambulando de uma estrada para outra na época da seca, porque não tinha política. Nunca mais a gente ouviu falar na miséria da frente de trabalho, que tirava pedra de um lado, colocava

pedra do outro, sem produzir nada. Nós temos é que ter políticas públicas para que as pessoas tenham empregos. Nunca se fez tanto pelos pescadores artesanais deste País. E nós temos consciência, companheiras e companheiros, de que nós precisamos fazer muito mais.

Nós, agora – e está aqui o ministro da Saúde – temos 4 bilhões de reais na Funasa para cuidar de saneamento básico: uma parte será para levar água e tratamento de esgoto às comunidades indígenas; outra parte para levar água e esgoto aos quilombolas; e quase 3 bilhões e 400 milhões serão para levar água, para levar tratamento de esgoto às cidades do Norte e Nordeste com menos de 50 mil habitantes, que tenham malária, que tenham Doença de Chagas e que tenham alto índice de mortalidade infantil.

Eu sei, companheiros, que tem gente que acha que as coisas demoram e, muitas vezes, demoram mais do que a gente espera, mas nós temos que ter convicção de uma coisa. Eu digo todos os dias para o Manoel, quando eu encontro com ele: “Manoel, primeiro, não tenha medo de me fazer reivindicação, eu sou seu companheiro. O dia em que eu não puder atender, Manoel, da mesma forma que eu digo para um filho meu que eu não posso dar uma coisa para ele porque não tenho, eu direi para você que eu não posso dar”. Agora, eu posso olhar na cara de vocês, na cara de cada mulher, na cara de cada homem que está aqui e dizer para vocês: aproveitem que vocês têm um companheiro na Presidência da República e reivindiquem aquilo que vocês entenderem que devem reivindicar, porque nós temos que trabalhar para atender. Muitas vezes vai demorar um ano, vai demorar seis meses, mas podem ficar certos de que nós vamos atender.

A questão do índice de produtividade, meu caro Guilherme, nós vamos ter que fazer. A reforma agrária vai continuar, mas a minha preocupação com a reforma agrária não é só arrumar terra para colocar gente. A minha preocupação é pegar 4 milhões e meio de pessoas como vocês, que já têm a terra, e levar assistência técnica, garantir aumento de produtividade, garantir preço, para que vocês possam produzir cada vez mais.

Por isso, eu quero me despedir de vocês dizendo que nós temos muita coisa para fazer neste País, e eu sei que as pessoas andam meio nervosas. Eu não vi nenhuma faixa aqui “Fora FMI”, porque não devemos nada ao FMI. Eu não vi nada “ah, o Clube de Paris”, porque não devemos ao Clube de Paris.

Nós, hoje, não precisamos ir falar com o governo americano para pedir dinheiro emprestado. Nós temos 160 bilhões de dólares de reserva neste País. Somente no primeiro semestre, de janeiro a julho, nós criamos 1 milhão e 200 mil empregos com carteira assinada, mais do que todo o ano passado, e vamos gerar mais. O biodiesel foi uma política pensada para levar emprego para a parte mais pobre do País. Eu digo ao Guilherme todos os dias, digo ao companheiro Manoel todos os dias: o biodiesel não pode se transformar, igual à cana-de-açúcar. Tem o selo social, e o selo social é para cuidar de garantir aos pequenos, sobretudo dos estados mais pobres, o direito de vender o seu produto para a fábrica e ganhar pelo seu produto o justo para sustentar a sua família.

Quero dizer para vocês, querido Manoel e minhas queridas, o Manoel falou aqui de uma Portaria. Eu confesso, Manoel, que vou conversar com o ministro Marinho e com o ministro Lupi sobre essa Portaria, porque na hora em que a gente dá autorização para alguém dar aposentadoria a uma pessoa, a gente pode ter sorte de estar dando para gente de bem, mas se a gente não tomar conta, daqui a pouco você tem muita gente metendo a mão onde não deveria meter. Por isso nós vamos cuidar disso com carinho, Manoel, e quem sabe na próxima semana a gente volte a conversar, junto com o ministro Marinho, para a gente resolver isso.

No mais, eu não sei se vocês perceberam – a minha galega está cansada de fazer sinal para mim – porque eu tenho daqui a pouco, às 15 horas... Sabem o que eu tenho? Um encontro com mais de 50 ministros das Relações Exteriores de vários países do mundo que estão aí.

Minhas companheiras, eu quero dizer que o que vocês fizeram aqui foi uma lição de como é possível exercer a democracia.

Um grande abraço, um beijo e até outro dia, se Deus quiser.

Eu vou entregar para a Carmem a primeira resposta de todas as 106 reivindicações que foram entregues aos ministros, os ministros devolveram. Aqui, agora, Carmem, o trabalho é este, é ver como os ministros atenderão, voltar a sentar à mesa de negociações. Aquele que atendeu, ótimo; aquele que atendeu mais ou menos, vamos melhorar; e aquele que não atendeu, eu vou junto com você para fazer o ministro atender.

Um grande abraço e até outro dia.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na III Reunião Ministerial do Foro de Cooperação América Latina-Ásia do Leste (Focalal)**

**Brasília - DF, 22 de agosto de 2007**

Eu queria cumprimentar o ministro Celso Amorim, por ter organizado esta reunião. Normalmente, uma reunião internacional é mais fácil propor sua convocação do que convocar a reunião. E o fato de nós termos aqui representantes de 37 países, embora do Focalal participem 33, é uma demonstração de que parece que todos estamos descobrindo a necessidade de fazermos mais articulações políticas.

Eu lembro como se fosse hoje quando, em janeiro de 2003, eu tinha menos de um mês como presidente do Brasil e tinha participado do Fórum Social Mundial, aqui no Brasil, e depois fui participar do Fórum Econômico, em Davos. E, pela primeira vez, eu tive contato com muitos chefes de Estado, pessoas que eu nunca tinha imaginado que pudesse encontrar. Na volta, eu dizia para o Celso: Celso, eu penso que é possível fazermos uma certa mudança na geografia comercial do mundo. As coisas estão muito acertadas, os blocos já estão muito definidos. E acontece que a maioria dos países que normalmente estavam fora dos blocos que determinavam a lógica comercial do mundo não conversavam com a habitualidade que nós hoje estamos conversando. E eu dizia ao Celso que para isso era preciso que nós recuperássemos a imagem do Mercosul, para que pudéssemos propor não apenas a ampliação do Mercosul com a entrada de outros países, mas para que pudéssemos também discutir um pouco de dinamismo na política da América Latina.

Bem, o dado concreto que aconteceu nesse período todo é que nós não apenas criamos condições para fortalecer o Mercosul, como começamos a trabalhar fortemente para que outros países da América do Sul fizessem parte do Mercosul. Estamos esperando o Senado brasileiro tomar uma decisão para a entrada da Venezuela. Do ponto de vista político nós já tomamos a decisão. Queremos trazer outros países, como a Bolívia, o Equador, ou seja, na verdade

queremos trazer todos. Acontece que alguns já têm acordos firmados e, portanto, têm um pouco mais de dificuldade, mas achamos que também é uma questão de tempo para que as coisas se arrumem nas nossas relações internacionais.

Depois, tomamos a decisão de que era preciso, do ponto de vista do Brasil, redescobrir um pouco a África, e começamos a visitar os países africanos. Visitamos, no primeiro mandato, 17 países africanos com o objetivo de ser, no caso do Brasil, quase que uma retribuição histórica ao que os africanos representam na formação do povo brasileiro, mas também porque era preciso descobrir nichos de oportunidades, nas mais diferentes áreas, para que pudéssemos manter relações.

Eu me lembro que muita gente estranhou quando nós propusemos o encontro América do Sul e Oriente Médio. O pessoal achava impossível que esse encontro se realizasse e ele se realizou com a participação de vários dirigentes da América do Sul e dos países árabes. Depois, nós discutimos um encontro da América do Sul com a África. Encontros que não são fáceis de fazer porque não existe o hábito de se fazer porque, muitas vezes, as pessoas só vêem o nome daquele país no mapa. Mesmo assim, fizemos uma reunião importante, participaram alguns presidentes da América do Sul e participaram vários presidentes da África. E agora temos um segundo encontro no Marrocos entre América do Sul e países árabes.

Eu me lembro quando, em Cancun, alguns ministros que estão aqui resolveram criar o G-20, que era uma forma de ter uma organização mínima para enfrentar as discussões da Rodada de Doha. Essas coisas resultaram, primeiro, num aprendizado nosso – e aí eu posso falar pelo Brasil e pode ser o exemplo de vários outros países aqui presentes – de que não é importante que um país fique dependendo, na sua relação comercial, política ou cultural, apenas de um país ou de um bloco. É preciso que tenhamos uma relação o mais plural possível para que a gente possa ter mais mobilidade e ficar menos vulnerável a qualquer tipo de crise que possa acontecer no mundo.

O G-20 ganhou uma importância tão grande que hoje eu acho pouco provável que qualquer negociação na OMC se dê sem que as pessoas levem em conta a participação do G-20. Eu, pessoalmente, tenho falado com quase todos os líderes que teoricamente têm força de negociação na União Européia,

na Organização Mundial do Comércio, como os Estados Unidos, e eu acho que nós estamos caminhando para chegar a um acordo. Certamente, não será um acordo que vai contemplar algum dos nossos interesses na sua totalidade. Mas eu sempre trabalhei com a hipótese de que a Rodada de Doha pudesse prever que, num acordo, os países mais pobres tivessem um ganho maior, outros países pudessem ganhar menos, outros países pudessem empatar, na verdade, sempre levando em conta que os países mais ricos teriam que fazer concessões para que nós pudéssemos reequilibrar um pouco a questão do comércio mundial.

Vocês, como homens importantes na política internacional, já ouviram falar muitas vezes que acabou, não vai dar mais nada, não tem mais negociação, parou, e todos os meses acontece uma coisa nova. Nós temos que trabalhar com a adversidade. A minha reclamação junto aos países ricos, sobretudo aos da Europa e aos Estados Unidos, é que aqui, muitas vezes, nós participamos quase que diretamente das negociações. Certamente, o presidente de cada país que está aqui está interessado em discutir. Aí, chama o ministro... Mas lá, eles criaram uma forma de organização em que os negociadores estão muito distantes das pessoas que estão diretamente no poder. Em dezembro do ano passado, eu cheguei a ligar para vários deles e dizer que estava na hora de tirar os nossos negociadores das negociações e que os presidentes assumissem a responsabilidade de dizer se queriam ou não. Em duas participações que tivemos no G-8, eu tentei introduzir o tema. Parece que existem dificuldades de discutir a Rodada de Doha no G-8. De qualquer forma, eu continuo com o otimismo de que nós estamos caminhando para um acordo. É apenas uma questão de crença e quem tem muita fé sabe que isso vai acontecer.

Quando vocês conseguem reunir 33 ministros, ou melhor, 37, porque tem 3 ou 4 convidados, por que eu acho isso extremamente importante? Porque política não é só negócio. Política é uma coisa que surte efeito na medida em que há uma afinidade, e a afinidade, muitas vezes, se dá num gesto, num discurso, num olhar. Ela se dá em alguma coisa que vai acontecendo na relação humana, e nós vamos percebendo que estamos mais próximos do que imaginávamos que estivéssemos de outras pessoas. Na medida em que a gente começa a se reunir, começa a descobrir, primeiro,

quais as oportunidades que nós, em cada país onde moramos, temos a oferecer a outros países e vice-versa. Nós ainda não nos conhecemos bem. Nós apenas temos uma relação diplomática, ou seja, não existe uma relação mais apurada para a gente saber que tipo de parceria os nossos empresários podem fazer, que tipo de acordo os nossos governos podem fazer, que vai desde o acordo cultural ao acordo comercial, que tipo de empresas nossas podem andar e se instalar em outros países. Tudo isso ainda é muito pequeno. Por quê? Porque todos nós estamos acostumados a uma cultura de relação subordinada a uma bipolaridade, que teve hegemonia durante mais de meio século. E quando o mundo se abre, não há mais como os dirigentes políticos ficarem presos, cuidando apenas dos seus problemas internos, porque, às vezes, os problemas internos decorrem de coisas que acontecem fora dos nossos países.

Quando a gente começa a conversar... Eu poderia dar um exemplo aqui, que talvez valha para outros países, de uma coisa que aconteceu, de uma experiência comigo na relação Brasil-Japão. Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 1908. O Japão teve uma grande participação na economia brasileira até a década de 70, e depois o Japão quase desapareceu do Brasil. Onde estava o Japão? O Japão estava preocupado com o crescimento da China, e estava fazendo os seus investimentos, quem sabe na Índia, quem sabe na China, quem sabe na Coreia, quem sabe não sei onde. O dado concreto é que o Japão desapareceu daqui, como possivelmente outros países tenham desaparecido da relação conosco. A Inglaterra, por exemplo, foi uma parceira. Eu não sei se na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, na Bolívia, mas aqui, no Brasil, no final do século XIX, eletricidade e ferrovia, tudo o que tinha aqui era da Inglaterra. Depois, os ingleses desapareceram. Onde estavam os ingleses? Certamente não estavam paralisados, eles estavam procurando novos parceiros.

Então, nós ficávamos mais ou menos na espera se a pessoa viria nos visitar ou não viria nos visitar, e nós não tínhamos iniciativa política. O que nós fizemos de importante? Primeiro, nós descobrimos o potencial que temos entre nós, aqui na América do Sul e na América Latina. E ainda estamos longe de cumprir a tarefa que nós poderemos cumprir. Segundo, nós não podemos permitir que só podem ter boas alianças com países do Pacífico quem está do

lado de lá dos Andes ou quem está do outro lado do mundo. Hoje, a comunicação é uma coisa tão fantástica que a gente pode conversar com um coreano com a mesma facilidade com que eu converso com meu vizinho, na minha sala ao lado, porque a revolução tecnológica permitiu isso.

Então, essa reunião vem permitir que a gente estabeleça uma nova lógica. Por exemplo, quando aconteceu essa crise agora, nós temos que ter claro que é uma crise imobiliária dos Estados Unidos, misturada com uma crise de um grupo de espertalhões que tentam ganhar dinheiro fácil com títulos não tão seguros e, depois, todos nós ficamos preocupados se o problema vem ou não vem para cima de nós.

Eu disse ao meu ministro da Economia que era importante que nós criássemos um hábito dos ministros da Economia dos nossos países se reunirem, que os presidentes dos nossos Bancos Centrais se reunissem. Não precisa ter uma convocação de Basileia. Ou seja, vamos discutir em relação aos nossos interesses, vamos tentar descobrir, a partir de nós, como nos armamos para enfrentar crises que nem sempre dependem de nós.

Eu fico imaginando se a crise que aconteceu na semana passada fosse há 4 anos. O que teria acontecido no Brasil, na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, na Bolívia, em tantos países aqui do nosso continente? Hoje, graças a Deus, eles espirraram lá e nós não pegamos pneumonia. Estamos aqui, saudáveis, porque tivemos muita responsabilidade na primeira parte dos nossos mandatos.

Bem, o que eu desejo que vocês façam? Muitas vezes, as pessoas não gostam de viajar, porque muitas vezes o problema político interno é mais urgente para nós do que os problemas externos. E eu, pelo menos como presidente do Brasil, admiti a seguinte idéia: tem tanta gente para me ajudar a cuidar dos problemas internos aqui, que eu estou ousando viajar mais. Ou seja, eu, no próximo mês, vou para cinco países, quatro países nórdicos mais a Espanha, e em outubro vou para mais cinco países africanos. Tenho uma dívida imensa com os países asiáticos, porque eu quero conhecer alguns que eu ainda não conheço. E tentar não apenas levar as coisas que nós temos na América do Sul, no Mercosul, na América Latina, no Brasil, mas também trazer de vocês as coisas que vocês têm. Ou seja, eu estou convencido de que o que vai ajudar as nossas economias é a gente fortalecer essa possibilidade das

trocas comerciais entre países que nem se conhecem, entre países que têm coisas para vender e coisas para comprar.

Quando vocês fazem uma reunião e colocam como tema da discussão “comércio e investimento”, no fundo, no fundo, de tudo o que nós fazemos como governo para o povo, do ponto de vista prático, o que resulta é se acontece comércio e investimento.

Havia um hábito cultural, eu penso que de todos nós aqui, de que empresas brasileiras, argentinas, sei lá, tinham dificuldade de investir em outros países. Hoje, nós já estamos percebendo empresas nacionais não tendo mais medo de virar empresas multinacionais, de procurar nichos de oportunidades, fazendo parcerias com outras empresas, e isso só pode ajudar a dinamizar as nossas economias. Nós ainda temos muito por fazer, temos um trabalho imenso pela frente. Eu, particularmente, quero dedicar esses três anos e meio de mandato que eu tenho para ver se a gente pode consolidar muito mais fortemente as relações internacionais, para ver se a gente pode fortalecer muito mais a América do Sul, a América Latina, para que a gente possa plantar alguma coisa que possa ser colhida daqui a 10, 15 ou 20 anos pelos nossos filhos.

Nós não ganhamos muito no tempo em que o Brasil estava de costas para a Argentina, para a Bolívia, para o Uruguai, para o Paraguai, ou eles de costas para nós, cada um achando que os Estados Unidos eram apenas quem podia comprar ou quem podia vender. Bom, de repente, surge a China e a Índia com um potencial extraordinário e nós estamos percebendo que tem mais coisas por aí. Quem quiser saber onde tem coisa, novidades, é só visitar a Coreia para saber a pujança daquele país, ainda muito pouco conhecido por nós. Porque nós passamos metade do ano pensando em fazer acordos com os Estados Unidos, outra metade pensando em resolver os nossos problemas e, no fundo, no fundo, não utilizamos o potencial que todos nós temos de estreitar as nossas relações.

Hoje, atravessar o Pacífico não é difícil, os Andes já não são mais obstáculos, agora o Panamá vai alargar o Canal do Panamá, vai ficar muito mais fácil transitar navios com muito maior tonelagem. É um pouco isso, Celso. Eu queria dizer para vocês que eu fico satisfeito. Tem gente que não gosta de reunião, eu adoro reunião. Eu adoro porque, às vezes, um bom dia bem dado...

eu, na minha vida política, tinha divergência com alguns companheiros do sindicato já que, por conquista nossa, a gente colocava o jornalzinho em cima do carro, dentro da linha de montagem, o carro ia passando e cada um ia pegando o seu jornalzinho. Eu adotava a política velha, preferia ir à porta da fábrica, falar bom dia, boa tarde, porque não tem nada que supere isso. E, nessas relações humanas, relações políticas, o contato pessoal é insubstituível, não há fax, não há e-mail, não há telefone que substitua o contato direto, o conhecimento, a visita, o olhar entre as pessoas.

Eu quero terminar pedindo desculpas a vocês porque eu me atrasei quase duas horas, porque hoje era dia de uma Marcha das Mulheres Trabalhadoras Rurais e eu tive que ir lá. Quando são duas pessoas ou 30, a gente consegue dizer até logo, acabou a reunião, mas quando são 20 mil mulheres, você não consegue dizer e tem que ficar lá.

Mas, de qualquer forma, eu quero dar os parabéns a vocês e dizer que eu acredito piamente que, quanto mais nós juntarmos gente e construirmos denominadores comuns entre nós, – aquilo que tem divergência a gente não discute, vamos procurar apenas aquilo que é convergente –, quando a gente tiver consolidando as coisas que são convergentes, aquilo que parecia muito divergente começa a diminuir e nós então daremos passos importantes.

Celso, muito obrigado e muito obrigado a vocês.

## **Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço de lançamento do Projeto Caju**

**Brasília-DF, Sede da CNI, 27 de agosto de 2007**

Eu quero saber, Armando, se um dia nós vamos conseguir fazer um almoço ou um jantar sem precisar ter discurso. Mas, de qualquer forma, sem fazer discurso, eu queria dizer para você, sem contar as vezes que já vim à sede da CNI, mas as que virei daqui para a frente. Eu acho que estamos vivendo um momento no Brasil em que a gente pode consagrar uma relação política entre os governantes brasileiros e os empresários, fora de época de eleição, em que a gente pode consagrar uma relação entre empresários e governo para discutir o destino do País, e não para discutir apenas os interesses de sobrevivência setorial em época de crise.

Isso vem provar que nenhum de nós, individualmente, é dono da verdade, ou seja, na medida em que a gente se senta a uma mesa, e as nossas reuniões com a CNI têm demonstrado isso, nós temos encontrado muito mais soluções do que as pessoas imaginavam que nós pudessemos encontrar. Então, Armando, esteja certo de que não apenas eu, mas o meu governo não se negará a participar, seja de almoço, de jantar ou de debates, como o que fizemos na última semana na ABDIB, onde 14 ministros do meu governo vieram debater, e eu penso que há muito tempo não se via uma reunião produtiva como essa que nós fizemos com a ABDIB.

Eu queria cumprimentar o senhor Jaime Tomaz de Aquino, diretor-presidente da Cione, em nome de quem eu cumprimento os meus ministros, cumprimento o Armando, cumprimento o Roberto Proença de Macedo, cumprimento os empresários que estão aqui e os deputados.

E por que na pessoa do seu Jaime eu quero cumprimentar todo mundo? É porque é um dia *sui generis*, um dia, eu diria, especial para o caju. É de se perguntar por que uma fruta que contém todos os nutrientes que foram mostrados aí, pelo documentário do Sesi, ainda não foi aproveitada pela sociedade brasileira para se transformar em alimento. Veja que engraçado, Armando, lá em Caetés, eu tinha 6, 7 anos de idade, tinha caju eu não me



lembro do hábito de comer caju. Eu me lembro que meus irmãos saíam de manhã com uma espigadinha de espoleta para matar um preazinho para a gente comer, quando encontravam, porque em época de desgraça rareiam até os preazinhos. Hoje, não seria ambientalmente correto você fazer isso, mas naquele tempo era a lei da sobrevivência. A gente não tinha o hábito de comer caju como alimento, como muitas vezes as pessoas não têm o hábito de tomar suco de caju, porque eu penso que nós não fomos felizes, ao longo do século XX, em divulgar e convencer as pessoas de que isso era importante. As nossas crianças estão acostumadas a tomar qualquer refrigerante, com marca estrangeira, a gente nem sabe qual é a composição química dele, e não conhece a cajuína ou o suco de caju. Em algum momento da história, algum de nós cometeu um erro contra o caju, e o seu Jaime, como disse o Meneguelli, peregrinando sozinho pelo Brasil conseguiu, em algum momento, motivar a Embrapa, a Universidade Federal do Ceará e o Sesi. Pois bem, isso permitiu que nós pudéssemos estar aqui, neste almoço, com a imprensa presente. Depois é importante, Armando, pedir para alguém servir a imprensa, para eles comerem e saírem falando bem do caju. Dê tudo o que eles têm direito, até mais do que para nós, para que eles possam falar bem do caju.

Mas eu queria, Meneguelli, dizer para você e para o seu Jaime, que é preciso continuar perseverando, é preciso continuar tentando viajar o Brasil, e divulgar não apenas nas regiões que produzem o caju, mas em regiões que tem crianças consumindo poucas calorias por dia. Nós temos ainda muita coisa a fazer no País. Já avançamos, mas temos muita coisa para fazer.

O que eu queria te pedir, Meneguelli, é que este almoço aqui fosse o início de uma peregrinação do projeto Cozinha Brasil. Que fôssemos nas escolas saber como é que as crianças vão gostar do caju, que oferecêssemos todas as oportunidades, que discutíssemos no Ministério da Educação para ver em que medida isso pode ir entrando na merenda escolar. E que pudéssemos tornar hábito também nas festas de que participamos, não só no Ceará, no Maranhão ou no Piauí, para de vez em quando ter alguma coisa de caju para a gente comer. Os adultos também sabem comer caju sem transformá-lo em nada, ou seja, um cajuzinho puro é muito bom no domingo à tarde ou próximo do almoço. Mas eu acho que o Brasil não tem o direito, nós não temos o direito de prescindir de uma riqueza como essa que foi apresentada aqui.

Eu estou convencido de que tudo aquilo que nós deixamos de fazer no século XX, nós temos que fazer no século XXI. Eu quero me comprometer, companheiro Meneguelli, seu Jaime, Armando, meu caro Roberto Proença, podem contar comigo – os deputados poderiam convidar parceiros deputados para almoçar na sua casa e levar caju na entrada, na saída e de sobremesa – para ajudar na propagação desse novo alimento que nós estamos conseguindo produzir e vender para as nossas crianças.

Eu sei que vai aparecer alguém, Meneguelli, que vai dizer: “não, mas é preciso respeitar os hábitos alimentares das nossas crianças.” Sempre tem essas discussões, que são importantes, mas é importante que a gente também discuta os hábitos alimentares para quem come todo dia, ou seja, quem está com fome é preciso, primeiro, adquirir o hábito alimentar. E pode começar comendo um hambúrguer de caju, pode começar com uma pizza de caju, pode começar com uma carne de caju.

Então eu vim aqui, Meneguelli, para dizer para você que conte comigo, não enquanto presidente da República, mas enquanto garoto-propaganda de mais essa idéia. Eu acho que é plenamente possível que os meios de comunicação dêem destaque para isso, que tenha programas especiais para isso, que se discuta com os nossos nutricionistas. Vamos fazer do caju um debate nacional, porque não é possível que de uma fruta tão grande a gente aproveite apenas a castanha, que é a menor parte, para exportar. E a gente vê, em cidades onde as pessoas estão com fome, a polpa de caju apodrecendo no chão, sem que se coma. Eu acho que em algum momento alguém cometeu um erro e nós, a partir do esforço do seu Jaime, estamos aqui dizendo que não dá mais para continuar no erro. É preciso que a gente recupere o tempo perdido porque isso vem, inclusive, seu Jaime, contribuir para uma discussão nova que estamos tendo agora, quando entramos na era do biodiesel, e as pessoas começam a discutir se vai faltar alimento ou não. É possível a gente provar que nós temos uma quantidade tão grande de alimentos no Brasil, não ainda utilizados em políticas alimentícias de massa, e a quantidade de frutas que nós temos para explorar é de uma imensidão tão extraordinária que eu acho que o caju é um bom começo.

Por isso, Armando, meus parabéns, Meneguelli, meus parabéns. E naquilo que a gente puder ajudar para que o caju seja introduzido como

alimento nos programas de governo que cuidam da alimentação, tenham a nós como parceiros nisso.

Muito obrigado e bom almoço para todos.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à Estação Terminal Ceilândia do metrô/DF**

**Brasília-DF, 28 de agosto de 2007**

Eu quero cumprimentar o governador José Roberto Arruda, do Distrito Federal,

O governador Alcides Rodrigues Filho, de Goiás,

Quero cumprimentar os meus companheiros ministros,

Quero cumprimentar os senadores aqui presentes,

Os deputados federais,

Os deputados distritais,

Quero cumprimentar os prefeitos,

Os secretários de Estado,

Quero cumprimentar a imprensa,

Mas, sobretudo, eu queria dizer que vocês são um povo de muita paciência, porque eu tenho certeza que nenhum de nós teria coragem de ficar quatro horas tomando sol na cabeça como vocês estão. É que para fazer um pequeno ato como esse há tanta coisa. Isso poderia ser feito lá dentro, na sombra, os companheiros trabalhadores estão aqui parados. Mas, de qualquer forma, nós vamos aprendendo, somos novos ainda, temos muito o que aprender para fazer as coisas e não permitir que vocês fiquem tanto tempo no sol.

Agora, eu queria que vocês prestassem atenção numa coisa que quero dizer. O que nós estamos fazendo aqui é um ato de educação democrática. O que nós estamos fazendo aqui é dizendo ao Brasil que nós tivemos eleições no ano passado, as eleições terminaram, teve ganhador de tudo quanto é partido político e, depois que terminam as eleições, a gente não pode ficar com a eleição passada na cabeça, porque a nossa obrigação é governar o País, os estados e o Distrito Federal.

O governador Arruda e o governador Alcides já me conhecem há algum tempo e sabem que nunca faltará um centavo para Brasília ou para Goiás

porque eles não são do meu partido político. Não há possibilidade da pequenez política, da hipocrisia política para administrar um mandato de quatro anos de um governador, de um prefeito ou de um presidente da República. Até porque, independentemente das nossas posições partidárias, as coisas que nós fazemos é para tentar beneficiar a população brasileira que não tem nada a ver com as brigas e as divergências políticas dos governantes deste País.

Arruda, preste atenção numa coisa, você está dizendo que esta estação do metrô ficou parada 13 anos. Nós aprovamos no ano passado o Marco Regulatório do Saneamento Básico. Tinha sido aprovado e vetado na íntegra e, 11 anos depois, nós conseguimos que o Congresso Nacional, a Câmara e o Senado, aprovasse praticamente a mesma coisa que tinha sido vetada. Agora imaginem o prejuízo que teve a população brasileira em esperar 11 anos por uma lei que iria facilitar a gente fazer política de saneamento básico neste País. Imaginem o prejuízo que o povo desta região teve, com uma estação de metrô paralisada durante 13 anos. Ora, o governador disse bem, não adianta a gente ficar procurando quem é o culpado. Já passou, o que é importante agora é a gente voltar aqui no dia 21 de abril para inaugurar esta obra e fazer as outras que faltam.

Eu, companheiros, já conhecia algumas cidades do Entorno de Brasília e de Goiás, mas hoje o Alcides, o Arruda, eu, e o Ministro dos Transportes, sobrevoamos praticamente todo o Entorno, e eu dizia para o governador Arruda e para o governador Alcides: eu penso que o que o Márcio Fortes anunciou aqui, 1 bilhão e 200 milhões de reais para resolver o problema de urbanização de favelas e saneamento básico, é porque saneamento básico significa levar água potável à casa de vocês, significa fazer coleta de esgoto, significa permitir que as crianças possam brincar, e cada esgoto que a gente faz é menos dinheiro que se precisa para investir na saúde.

Mas nós sabemos que tem muita coisa para fazer, porque o Entorno é uma região muito pobre, é uma região que parece que durante muitos anos foi esquecida. Eu dizia para os dois governadores: eu acho que está na hora da gente juntar o secretário de Desenvolvimento do DF, o secretário do Desenvolvimento de Goiás, o ministro do Desenvolvimento do meu governo e começar a pensar em como a gente pode gerar empregos aqui no Entorno, para que as pessoas possam trabalhar. Afinal de contas, muitos de vocês têm

que ir até o Plano Piloto para trabalhar, quando a gente poderia tentar desenvolver esta região aqui. O desafio não é apenas do Arruda, não é apenas do Alcides, o desafio é de todos nós, de discutir um programa para que a gente possa trazer desenvolvimento para esta região.

Eu estou vendo ali uma jovem com uma placa, falando de universidade pública aqui. Até o final do nosso governo, Arruda, nós vamos fazer no Brasil 48 extensões universitárias. Significa que todas as cidades-pólos do País terão uma extensão universitária e todas elas terão uma escola técnica profissional junto. Só para você ter idéia, em 93 anos foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil. Em 2010, nós vamos construir 164 escolas técnicas, pulando de 140 para 314 escolas técnicas no Brasil. Se não fizermos isso, nós não apenas perderemos competitividade internacional, como não geraremos oportunidades de trabalho para milhões de jovens neste País que atingem 17, 18 e 19 anos, terminam o 2º grau, querem aprender uma profissão, querem trabalhar e não têm oportunidades.

Por isso, nós estamos trabalhando em parceria com os governos estaduais. Você sabe, Arruda, que o acordo que nós fizemos contigo, o acordo que nós fizemos com o Alcides, em Goiás, foi o acordo que nós fizemos com Minas Gerais, o acordo que nós fizemos com o Rio de Janeiro, o acordo que fizemos com São Paulo. Nós estamos colocando 40 bilhões de reais para resolver um problema crônico no Brasil. Entre 1998 e 2001 morreram 300 mil crianças no Brasil por doenças causadas por falta de saneamento básico. Então, esse mal nós pretendemos resolver até 2010. É um avanço extraordinário, mas nós temos que fazer muito mais. Nós sabemos que o que estamos fazendo aqui, a política de segurança, a política de saneamento, eu sei que no Entorno nós também temos um problema grave de saúde porque as pessoas não têm hospital, as pessoas têm que ir ao Plano Piloto; nós sabemos que em Santo Antonio tem um hospital pronto, com 100 leitos, mas falta equipamento. Eu queria dizer aos prefeitos: apresentem a demanda, porque uma coisa eu quero dizer na frente de vocês é que nós temos 3 anos e meio de mandato e nesses 3 anos e meio nós precisamos fazer aquilo que é mais necessário fazer neste País, nós precisamos garantir à parte mais pobre da população que ela conquiste a cidadania que outros setores da sociedade já conquistaram.

Tem gente que não precisa do governo, tem gente que ganha bem, tem gente que já tem carro, tem gente que já tem casa, tem gente que tem plano médico, tem gente que tem tudo. Agora, tem uma parcela da população que não tem nada, e é essa que nós precisamos ajudar, Arruda, e é por isso que nós precisamos construir essa parceria.

Uma coisa que me deixou feliz, Arruda, é que eu fui cumprimentar os operários que estão fazendo a estação do metrô. Tinha uma fila de operários e, naquela fila de operários, eu cumprimentei 14 estados da Federação. Eu cumprimentei o Pará, eu cumprimentei o Piauí, o Maranhão, Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Goiás e Brasília, numa demonstração de que cada centavo que a gente investir nesta região a gente não estará cuidando apenas de Brasília ou apenas de Goiás, a gente estará cuidando do povo brasileiro que, na busca da esperança, veio para esta terra para trabalhar, para construir família e para sobreviver decentemente.

Quero dizer ao povo de Brasília: o Arruda tem sido parceiro nosso e nós – não quero saber de que partido é o Arruda e é bom ele não ficar preocupado com o partido de que sou – temos que trabalhar juntos porque a única chance de a gente melhorar a vida desse povo é não repetir o erro do passado, em que o presidente, se não gostava do governador, não dava dinheiro; o governador, se não gostava do presidente, não fazia projeto. E quando o governador e o presidente brigam, quem paga o pato não é o governador ou presidente, é o povo pobre de Brasília, e nós temos que resolver esse problema

Por isso, governador Arruda e governador Alcides, tenham certeza de uma coisa, vocês terão em mim um parceiro para a gente tratar desse Entorno com o carinho que há muito tempo a gente não tratava.

Até outro dia, meus companheiros.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da 2ª Edição do Prêmio ODM e apresentação do relatório dos Objetivos do Milênio**

**Palácio do Planalto, 29 de agosto de 2007**

Meus companheiros e companheiras ministros,  
Ministra Dilma Rousseff,  
Ministro Luiz Dulci,  
Ministro Luiz Marinho,  
Ministro Patrus Ananias,  
Ministros Miguel Jorge, Sérgio Machado, Roberto Mangabeira Unger,  
Nilcéa Freire,

Nossa companheira presidente da Caixa Econômica Federal e o presidente do Banco Brasil,

Governador Jackson Lago, do Maranhão, e Waldez Góez, do Amapá,  
Deputados federais Dalva Figueiredo, Pedro Wilson, Fátima Pelaes,  
Evandro Milhomen e Davi Alcolumbre,

Senhor Ademir de Oliveira Menezes, vice-governador do estado de Goiás,

Senhora Kim Bolduc, representante da ONU e do PNUD no Brasil,

Companheiro Oded Grajew,

Eu não sei se o Tevah está aqui, mas falaram o nome dele. Eu não sei se estão o Israel, o Daniel. O Daniel está aí,

Quero cumprimentar os prefeitos aqui presentes,

Os representantes dos organismos internacionais.

Quero dizer para vocês o seguinte: uma vez eu fui a Porto Alegre e fui convidado pelo dono de uma empresa de confecções que, uma vez por ano, no sábado, convidava todos os trabalhadores da sua empresa, dava a matéria-prima e os trabalhadores decidiam junto com ele dedicar um dia de produção para doação. Os trabalhadores não ganhavam salário, a empresa não vendia um centavo daquilo lá e ainda pagava o almoço dos funcionários – senão os



trabalhadores não tinham força para trabalhar – e eles escolhiam uma entidade para fazer a doação daquele dia de produção. Eu achei a idéia interessante.

A princípio eu pensei, Daniel, que a gente poderia convencer a indústria automobilística a dar um dia de produção, pensei que as empresas de refrigerante poderiam fazer um dia de produção de graça para todo mundo. Até a Embraer poderia dar um dia de produção. Mas aí eu achei que isso era impossível e não haveria tanta sensibilidade humana para isso.

Então, nós discutimos a possibilidade de criar um prêmio, muito mais como estímulo, para que a sociedade civil e os entes federativos, sejam os governos estaduais ou municipais, assumissem a responsabilidade, em função das Metas do Milênio, de tentar cumprir, escolher pelo menos uma, se duas for muito, ou duas, se três for muito, mas escolher uma coisa e dizer: “bom, nós vamos atacar esse problema, vou poder medir a cada ano e, quem sabe, num prazo muito curto, bem antes de 2015, eu possa anunciar ao mundo que a minha cidade cumpriu as Metas do Milênio.” Essa é uma coisa mais fácil de falar do que fazer, porque nós temos quase 6 mil municípios no Brasil, é preciso uma política de incentivo para que os prefeitos fiquem sensíveis, os secretários e a comunidade das cidades fiquem sensíveis. Por exemplo, acabar com o analfabetismo. Será humanamente impossível pensar se as prefeituras não assumirem, porque a prefeitura, no fundo, no fundo, é que sabe onde estão as pessoas da sua cidade que não aprenderam a ler, que não estão na escola.

Se tem alguém numa cidade que ainda não recebe o Bolsa Família, não é o Patrus, aqui de Brasília, quem vai saber, se o prefeito não tiver uma política de garimpagem e mandar o seu pessoal sair na rua para investigar. Não é apenas na periferia urbana da cidade que a gente faz inscrição. É preciso que em cada cidade as pessoas adentrem – estou falando bonito – adentrem os grotões e vão descobrir. De vez em quando eu telefono para o Patrus, agoniado, porque ouvi na televisão que não sei onde, há 400 quilômetros da cidade de Paraopeba, tem uma mulher que não recebe o Bolsa Família. Por que ela não está inscrita? Porque tem uma falha da pessoa que tem obrigação de inscrever.

Então, se tiver uma boa parceria, aquilo que eu chamo de uma boa cumplicidade, em relação às Metas do Milênio, nós poderemos, no caso do

Brasil, atingi-las antes do período. E digo isso por 2 anos e meio de experiência. Eu digo 2 anos e meio de experiência, porque quando a gente ganha as eleições, você toma posse no dia 1º de janeiro, passa um ano inteiro debatendo para corrigir o orçamento que você herdou, que foi feito no governo anterior. No nosso caso, nós tivemos que fazer um corte de 14 bilhões no orçamento e ainda tivemos 10 bilhões de restos a pagar, somam-se 24 bilhões. Tivemos que construir um orçamento e pensar em reequipar o governo. A gente jamais poderia cumprir as Metas do Milênio no que diz respeito à questão ambiental se não tivéssemos coragem contra as críticas de que cada funcionário que a gente contrata, a gente está inchando a máquina. Na verdade, é preciso contratar, ter técnicos, ter fiscais embrenhados pelo mato afora para evitar as queimadas, senão não se evita. É preciso ter gente de bom senso para denunciar. Se nós não fizéssemos isso, nós não teríamos alcançado o sucesso que alcançamos no final de 2006 e este ano.

A diminuição do desmatamento no Brasil é uma coisa extremamente significativa, e é por isso que quando eu viajo o mundo... ninguém venha querer ensinar o Brasil como fazer porque nós sabemos. O que nós não tínhamos era estrutura para fazer isso. Eu acho que as Metas do Milênio, se a gente pudesse conversar individualmente com cada prefeito, a gente poderia mostrar o quão simples é resolver alguns problemas. Não é tão difícil. Muitas vezes não existe foco, não existe a determinação de priorizar uma coisa e atacá-la, acabar com ela, depois atacar a segunda. Se a gente fica gastando o pouco que tem em muitas coisas ao mesmo tempo, a gente termina pulverizando o dinheiro e não resolve um problema.

Você não me olhe assim não, Nilcéa, porque nós vamos atingir as metas das mulheres. Na Conferência Nacional das Mulheres, nós fizemos um pacto e vamos colocar, até 2010, 1 bilhão de reais para que a gente possa resolver uma série de problemas que nós temos na questão de gênero. E vamos fazer não apenas por conta das Metas do Milênio, mas porque é uma necessidade histórica da humanidade, criar seres humanos iguais e não torná-los diferentes por causa do sapato ou por causa da roupa.

A gente não pode hoje nem admitir que a mulher possa ser chamada de sexo fraco, isso é uma coisa teórica, porque, na prática, nós sabemos quem é o sexo fraco na relação entre o casal. Obviamente que por essa nossa

fragilidade, nós vamos ter que fazer a compensação na relação de trabalho, para a mulher conquistar mais direitos e mais igualdade.

A questão da fome, eu acho plenamente possível, países do porte do Brasil e outros países da América do Sul, resolver o problema da fome e da miséria absoluta até 2015. E acho que todos deveríamos fazer um sacrifício para contribuirmos para que a África possa fazer. O problema é que para a África tem muito discurso e pouco dinheiro. É por isso que eu sou um fanático do programa de biocombustíveis, porque na hora em que o mundo rico estiver introduzindo, nos tanques dos seus carros, o álcool e o biocombustível, nós vamos poder gerar empregos e renda na África. Deveria estar nas Metas do Milênio: todo mundo vai colocar 20% de etanol ou de biodiesel no tanque até 2015 ou 2020. Naquele tempo não se falava em biocombustível, portanto, os presidentes não resolveram o problema.

A questão da educação básica. Depois que nós fizemos o Fundeb, depois que nós aprovamos o Programa de Desenvolvimento da Educação, eu estou convencido de que o Brasil finalmente encontrou o caminho para resolver o problema da educação neste País. A educação básica, desde a creche até a universidade.

A questão da mortalidade infantil, eu estou convencido, hoje, se todos os programas sociais que nós temos em prática no Brasil – e ainda vamos apresentar um PAC da Saúde nos próximos dias; no dia 19 de setembro estaremos lançando aqui o PAC da Funasa para atender comunidades indígenas, para atender quilombolas, para atender cidades com menos de 50 mil habitantes, para atender cidades com alto índice de mortalidade infantil, para atender regiões com alto índice de malária, para atender regiões com alto índice de Doença de Chagas... Porque aqui, meu caro prefeito, tem gente que acha que malária é coisa de Pernambuco, malária não, Doença de Chagas. Quando se fala em Doença de Chagas, as pessoas já dizem: “já vem aqueles nordestinos com essa doença”. E agora, discutindo o PAC, nós descobrimos que na região noroeste do Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina, minha cara Nilcéa – você que é médica – tem um alto índice de Doença de Chagas. No Rio Grande do Sul, para qualquer pessoa do Sul estava tudo resolvido, não está. E no PAC da Funasa, são 4 bilhões de reais, além do PAC de saneamento básico, que são 40 bilhões, para ver se a gente começa a

resolver os problemas de degradação. Eu não vejo as Metas do Milênio como obstáculo, eu vejo como estímulo. Para todos nós é um estímulo saber que nós temos oito problemas e que assumimos, moral e politicamente, o compromisso de enfrentá-los até 2015.

Eu tinha um discurso, por escrito, grande, que falava do Relatório. Eu achava que um presidente da República não podia ficar todo ano lendo relatório. Eu quero convidar a ONU para que, ao final de 2010, a gente possa fazer um relatório do que aconteceu com as Metas do Milênio no final do nosso governo. Não vou dizer que nós vamos resolvê-las todas até 2010, mas podem ficar certos de que a ONU terá muitas surpresas com o sucesso que nós vamos alcançar até 2010 porque, se até agora fizemos o que foi feito, daqui para a frente nós temos condições de fazer muito mais.

Muito obrigado e meus parabéns pelo Relatório.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Livro-Relatório sobre Mortos e Desaparecidos Políticos**

**Palácio do Planalto, 29 de agosto de 2007**

Quero cumprimentar o senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Cumprimentar o Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar os ministros Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial de Direitos Humanos; Dilma Rousseff, da Casa Civil; Tarso Genro, da Justiça; Nelson Jobim, da Defesa; Guido Mantega, da Fazenda; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Luiz Marinho, da Previdência Social; Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; José Antonio Toffoli, Advogado-Geral da União; Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República,

Quero cumprimentar o companheiro Nilmário Miranda, ex-secretário de Direitos Humanos,

Quero cumprimentar o nosso amigo José Gregori, que foi da Secretaria e ministro da Justiça do governo Fernando Henrique Cardoso,

Quero cumprimentar os senadores Augusto Botelho, Capiberibe, Eduardo Suplicy e José Nery,

Quero cumprimentar os deputados e as deputadas que estão aqui presentes. Não posso nominá-los porque quando tem muitos deputados, vocês são prejudicados na minha nominata.

Quero cumprimentar a nossa querida Elzita Santa Cruz,

Cumprimentar todos os companheiros e companheiras, familiares de mortos e desaparecidos políticos,

Quero cumprimentar o Marco Antônio Rodrigues Barbosa, presidente da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos,

E quero cumprimentar, na pessoa do Marco Antônio, todos os membros

dessa Comissão que, durante 11 anos, trabalhou para que nós pudéssemos subir a quantidade de degraus que nós estamos subindo. É como se fosse, Marco Antônio, a Muralha da China. Ela é longa, mas se nós lembrarmos o quanto parecia impossível quando começou a Comissão, e lembrarmos o que se avançou, nós chegaremos à conclusão, hoje, de que a Muralha da China não é tão intransponível como parece ser.

Foram 11 anos de trabalho contínuo, realizados por uma Comissão Especial criada pelo Estado democrático brasileiro, na qual sempre estiveram representadas as principais instituições da República e os familiares dos mortos e desaparecidos políticos. Esses, como sabemos, vindo de uma peregrinação de mais de quatro décadas.

Temos hoje, entre nossos ministros, o mesmo homem que, na condição de ministro da Justiça do governo Fernando Henrique Cardoso, conduziu o reconhecimento pelo Estado brasileiro de sua responsabilidade frente à questão dos opositores que foram mortos, inclusive fora da própria legalidade que o regime autoritário exigia respeitar. Trata-se do nosso companheiro, ministro da Defesa, que acaba de se pronunciar, o ministro Nelson Jobim.

Nós todos sabemos que o Executivo Federal preparou um projeto que o Parlamento brasileiro transformou em lei em dezembro de 1995, criando uma Comissão Especial, cujo representante da Câmara foi o então deputado federal e, posteriormente, ministro dos Direitos Humanos, Nilmário Miranda. Essa Comissão Especial tinha por missão cumprir três tarefas: reconhecer, formalmente, todos os casos dos mortos e desaparecidos políticos; aprovar a reparação indenizatória; e buscar a localização dos restos mortais que nunca foram entregues aos familiares para sepultamento. Durante o nosso governo, com a lei ampliada em sua abrangência, a Comissão Especial praticamente concluiu o exame de todos os casos.

Uma das feridas que permanece aberta é a da localização dos restos mortais de muitos dos opositores mortos. Os seus familiares e amigos, seguindo uma tradição milenar, reclamam o justo direito sagrado de sepultar seus entes queridos. Esse direito milenar e sagrado é de todos, independentemente de credo religioso ou político. É esse direito que queremos resgatar sem rancor, sem revanchismo de qualquer ordem.

Meus amigos e minhas amigas, muitos de nós vivemos no nosso País períodos de autoritarismo, de ditadura, de violência e de cerceamento às liberdades individuais. Hoje, felizmente, estamos aqui irmanados e coesos em torno dos princípios básicos da democracia: liberdade, diversidade, participação e solidariedade.

Estamos irmanados e coesos no combate sem trégua, nem concessões à discriminação, ao racismo, à intolerância, à censura, à tortura, à perseguição por credo religioso ou político. Estamos irmanados e coesos em torno da defesa dos direitos humanos, em toda e qualquer circunstância, para criar um forte antídoto contra o autoritarismo e a violência.

Já disse uma vez e quero repetir agora: defender os direitos humanos é defender, sobretudo, os mais desprotegidos. É lutar contra toda e qualquer forma de violência e de degradação da dignidade humana. Nós sabemos que quando uma sociedade assimila profundamente esses conceitos, quando esses valores se tornam valores de sua cultura, ela passa a defender muito melhor os seus cidadãos contra todas as ameaças e arbitrariedades, não importando as suas origens.

Semear os direitos humanos e persistir, sem tréguas, nessa semeadura, talvez seja a mais difícil, a mais delicada, a mais trabalhosa missão que temos pela frente em nosso País. Por isso mesmo ela é, certamente, uma das mais preciosas.

Quero concluir afirmando que o lançamento deste livro-relatório na data que marca 28 anos da publicação da Lei de Anistia simboliza a busca de concórdia, um sentimento de reconciliação e os objetivos humanitários que moveram os onze anos de trabalho da comissão especial. Trabalhamos para virar definitivamente essa página sombria da nossa história e acreditamos que vamos fazê-la por meio de iniciativas do Estado, que se tornem permanentes como o Banco de DNA dos familiares que buscam os restos mortais de seus entes queridos, citado pelo nosso querido companheiro Paulo Vanucci.

Essas iniciativas, guiadas pela defesa incondicional dos direitos humanos, são indispensáveis para as famílias dos mortos e desaparecidos políticos. São indispensáveis para os poderes institucionais do País, são indispensáveis para a democracia, são indispensáveis para as novas gerações e são indispensáveis para que esse passado nunca mais se repita.

Eu queria, meus amigos e minhas amigas, dizer mais duas palavras, sobretudo às mulheres, às mães, aos pais, aos filhos, aos irmãos, àqueles que estão, há décadas, esperando uma notícia do dia do “nunca mais”. Não haverá nada mais sagrado do que uma mãe, um pai, um irmão ou um filho saber que o seu parente... O mais importante era saber se estava vivo. Pouca probabilidade. Mas as pessoas se conformam em achar o corpo, fazer um DNA e enterrar o seu ente querido. Quando nós vemos uma mulher, uma jovem senhora de 94 anos de idade, que está desde 1974 à espera de que o filho retorne. Com um sorriso no rosto, sem sofrimento, sem mágoa, ela tem, como grande reivindicação, a possibilidade de estar viva na hora em que for encontrado o corpo do filho.

Isso é uma responsabilidade, ministro Nelson Jobim, ministros aqui presentes, de todos nós, porque ela tem o biotipo de uma pessoa que parece que vai viver mais de 100, mas ainda assim nós só teremos 6 anos, se for mais de 100, e eu acho que é justo que ela faça essa reivindicação, é um direito sagrado da relação, já que nada conseguiu produzir no mundo um direito mais sagrado do que o de uma mãe, que carregou um filho 9 meses na barriga, que o viu nascer, que cuidou dele, que o viu crescer e o viu desaparecer sem ter mais notícia.

Qual é o compromisso do governo? Essas coisas são muito fáceis de falar e mais complicadas de fazer, e quem acompanha esse processo sabe que é uma rotina difícil. O José Gregori passou por isso, o Nelson Jobim passou por um governo, o Márcio Thomaz Bastos, o José Dirceu, a Dilma Rousseff, o Nilmário Miranda passaram por outro período, o Paulinho Vannuchi assumiu mais recentemente, muitos deputados ajudando, muitos senadores tentando encontrar a saída, muitos militares colaborando. Agora, eu queria, não a compreensão das pessoas, porque também não é fácil pedir compreensão às pessoas que estão há tanto tempo esperando apenas uma notícia, que é saber onde está o corpo da pessoa que querem encontrar. Até porque muitos já sabem a forma como a pessoa foi morta, mas não sabem onde está, e eu tenho lembrado e tenho conversado muito com o Paulinho Vannuchi que, de vez em quando, nós somos pegos de surpresa com algumas matérias publicadas na televisão, nas revistas ou nos jornais, de pessoas que não dizem o nome, mas dizem que sabem onde alguém está, que viram quem matou, que



viram o helicóptero levando não sei para onde, que viram não sei o quê. Eu cheguei a dizer para o Paulinho: Eu acho que a gente deveria determinar um prazo e pensar que estratégia utilizar para que a gente pudesse saber, definitivamente, onde está e ir buscar, sem expectativa de que a gente vá, a partir daí, fazer um processo de revanchismo com quem quer que seja, até porque a Lei da Anistia já foi aprovada.

Nós vamos continuar com mais experiência. A Comissão já tem 11 anos de experiência e já sabe o que foi difícil, o que foi mais fácil, o que é possível aprimorar, o que não é possível aprimorar. Se for preciso fazer decreto, fazer lei, nós vamos ter que fazer. Se for preciso colocar mais gente na Comissão, vamos colocar. Não haverá nenhum problema em conversar com quem quer que seja, envolver quantos ministros que seja necessário, para que a gente possa apresentar essa resposta. A resposta que eu acho justa, porque se tem gente que faz muita crítica porque as mães não esquecem os filhos, seria importante que eles, ao fazerem a crítica, fechassem os olhos e imaginassem se fossem os filhos deles que tivessem desaparecidos, se eles não estariam na mesma angústia que estão esses familiares.

Eu disse para os familiares com quem eu me reuni ali, com um grupo muito pequeno, e gostaria de dizer aos deputados, dizer às pessoas que defendem os direitos humanos, dizer aos advogados – estou vendo aqui a figura do Airton Soares, que por tanto tempo foi defensor de presos políticos, acho que eu fui o mais fácil que ele defendeu, porque eu já estava quase solto – dizer a todos vocês que este livro, publicado hoje, é uma fotografia que nós tiramos de 11 anos de trabalho dessa Comissão. É preciso saber que a máquina está carregada com filme, hoje as máquinas são digitais, nós temos disposição, vontade política de continuar fazendo o que for preciso fazer, com o jeito democrático do brasileiro fazer as coisas que, todo mundo sabe que tem que ser, para que a gente possa fazer com que a história do Brasil seja contada com uma única verdade, ou melhor, com aquela verdade que todo mundo sabe que existe, mas que está mal contada. Parece que um lado da moeda está meio arranhado e nós temos que permitir que a sociedade brasileira veja esse lado.

Eu quero dizer aos companheiros que lutam em defesa dos direitos humanos que vocês serão parceiros na crítica. Não fiquem pensando que o

governo vai ficar chateado quando alguém criticar. Vocês serão parceiros no apoio, isso vale para os militares, isso vale para os parentes dos desaparecidos, isso vale para os advogados. É preciso que a gente entenda de uma vez por todas: o Brasil e, sobretudo a história do Brasil, precisa dessa verdade tal como ela é e eu acho que nós conseguiremos desvendá-la e mostrá-la ao povo.

Um grande abraço e muito obrigado a todos vocês.